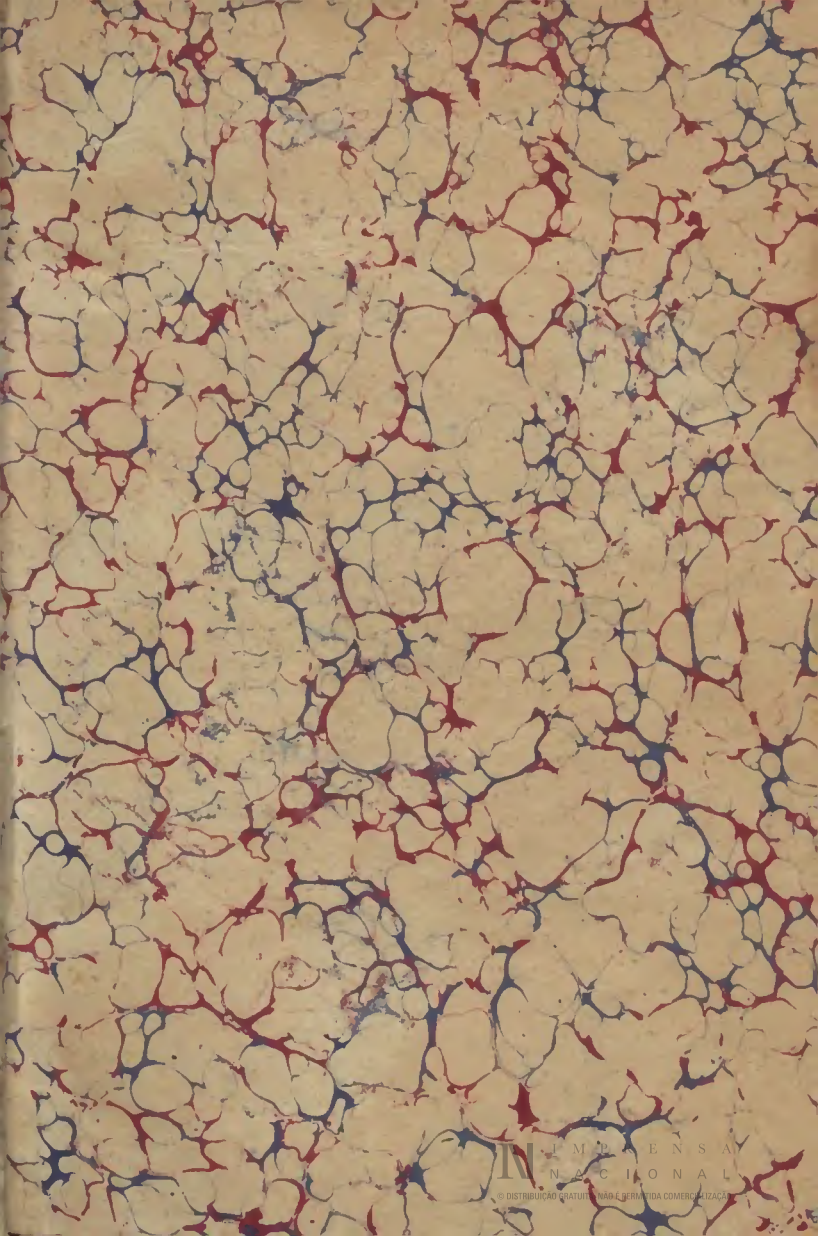


M Prens
NACIONAL

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA A REPRODUÇÃO



IMPENSA
NACIONAL

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA SOB E GERÊNCIA COMERCIALIZAÇÃO

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

THOME JOSÉ DE BARROS QUEIROZ

DECADA UNDÉCIMA DA ASIA.

DOS FEITOS, QUE OS PORTUGUEZES FIZERAM
NO DESCUBRIMENTO DOS MARES, E CON-
QUISTAS DAS TERRAS DO ORIENTE,

EM QUANTO GOVERNARAM A INDIA
MANOEL DE SOUSA COUTINHO,

E
MATHIAS DE ALBOQUERQUE,

SUPPRINDO A QUE FALTA

DE

DIOGO DE COUTO,

CHRONISTA, E GUARDA MOR DA TORRE
DO TOMBO DO ESTADO DA INDIA.



L I S B O A

NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.

ANNO M. DCC. LXXXVIII.

*Com licença da Real Meza da Commissão Geral sobre o
Exame, e Censura dos Livros, e Privilegio Real.*

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

OFERTA

281304

REGADA UNIV. SIMA

DA A S I A

7
70464

THE STATE OF PORTUGAL
REPUBLICAN GOVERNMENT
OFFICE OF THE PRESIDENT OF THE REPUBLIC
IN THE CITY OF LISBON
MANUEL DE SOUSA COSTA
MATEUS DE ABOVEDADO
SUSCITADO A QUE SESTA

DIOGO DE COUTO

GRANDEZAS, E GRANDEZAS DE JORNAL
DE JORNAL DE JORNAL DE JORNAL



LIBRADA
DA BICHA

N IMPRENSA
NACIONAL

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

PROLOGO.

A Sensível, e até aqui irreparavel perda da Undecima Decada da Historia da India, escrita por Diogo de Couto, como continuador de João de Barros, me obrigou a fazer este pequeno Refumo, que contém pela sua ordem chronologica os pincipaes factos dos Governos de Manoel de Sousa Coutinho, e de Mathias de Albuquerque, tirados não sómente de alguns manuscritos, veridicos, e authenticos, que me vierão á mão, mas tambem das Memorias de Manoel de Faria e Sousa, de Fr. João dos Santos, de Luiz Coelho de Barbuda, João Baptista Lavanha, Authores que falláram daquelle tempo; e até de outras obras mais do mesmo Couto. E posto que este abbreviado não seja bastante para instruir ao Leitor fundamentalmente da Historia da India desde o anno de 1588. em que faleceo D. Duarte de Menezes até

o

o de 1597. em que entrou a governa-
la D. Francisco da Gama (que são jus-
tamente os 10. annos , de que tratava
a Decada perdida) com tudo parece-
me sufficiente para lhe dar huma idéa
dos dous Governos, que enchêrão aquel-
le tempo , expondo sem alteração al-
guma da Chronologia as cousas mais
célebres , e mais principaes , que nelle
acontecêrão. Deste modo poderá só-
mente servir de supplemento , em quan-
to ou não apparece aquella Undecima
Decada , de que só temos a noticia,
ou não haja algum Escriitor, que quei-
ra fazer presente ao público de outra
nova, que possa supprir a falta da pri-
meira, que com alguma razão a suppo-
mos para sempre perdida.

IN-

N IMPRENSA
NACIONAL

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

INDICE

DOS CAPITULOS, QUE SE CONTEM
NESTA DECADA UNDECIMA.

- C**AP. I. *Succede no Governo da India Manoel de Sousa Coutinho a D. Duarte de Menezes : embarca-se pera o Reyno D. Paulo de Lima, e naufraga na terra dos Fumos.* Pag. 1.
- CAP. II. *Do que mais succedeo tanto aos da não, como aos do esquife até se pôrem em feição de navegar.* 12.
- CAP. III. *Em que se descreve a parte da Cafraria, em cuja costa naufragou a não S. Thomé.* 17.
- CAP. IV. *Do que aconteceo á gente da não S. Thomé desde que chegou á Ilha do Inhaca : e dos trabalhos que passaram.* 21.
- CAP. V. *Continuam-se as cousas do Governo de Manoel de Sousa Coutinho: torna Mirale Beque á costa de Melinde: manda o Governador contra elle huma grossa Armada : successos que esta teve na viagem.* 26.
- CAP. VI. *De huma Nação de Cafres, que veio destruindo meia Ethiopia, parou defronte da Ilha de Quiloá, e a destruiu com morte de todos os seus moradores por traição de hum habitante da mesma*

- ma Ilha: e daqui foi assentar seu arraial defronte de Mombaça, onde estava ao tempo que o Capitão Thomé de Sousa Coutinho chegou com sua Armada. 33.*
- CAP. VII.** *Entra a nossa Armada o rio de Mombaça: toma as galés dos Turcos: primoroso feito de seis Portuguezes: destruição da Cidade de Mombaça, e do mais que succedeo nesta acção. 37.*
- CAP. VIII.** *Do recado que os Zimbas mandaram ao Capitão Mór Thomé de Sousa Coutinho: entrada destes na Ilha de Mombaça: cativeiro de Mirale Beque, e de outros muitos Turcos, e Mouros da Ilha: chegam a Mombaça as Galvetas que ficaram no Golfo: vinda do Principe de Pate, e restituição do Rey, e Principe de Pemba a seus Estados: causas do levantamento dos seus Vassallos: descripção da Ilha de Pemba, e partida da Armada Portugueza pera Melinde. 43.*
- CAP. IX.** *Situação da Ilha de Lamo, cujo Rey foi prezo, e justicado com os mais Mouros levantados da costa de Melinde. 51.*
- CAP. X.** *Destruição da Ilha de Mandra: pazes que o Capitão Mór Thomé de Sousa Coutinho faz com os Reys da costa de Melinde: sua partida pera a Índia,*

- dia , e chegada a Goa : conversão de
Mirale Beque. 55.
- CAP. XI. Desbarato total dos Zimbas em
Melinde com o soccorro dos Cafres Mos-
seguejos : chegam a Goa quatro náos do
Reyno. 59.
- CAP. XII. Continuão-se os successos do Go-
verno de Manoel de Sousa Coutinho :
chega a Goa o novo Viso-Rey : parte pe-
ra o Reyno o seu Antecessor , e naufraga
nos Baixos do Garajão. 63.
- CAP. XIII. Manda o novo Viso-Rey huma
Armada contra o Cunhale : tomão-se duas
náos de Meca , e duas Armadas inimi-
gas : morte de ElRey de Manar , e he
alçado Rey em seu lugar seu filho se-
gundo. 68.
- CAP. XIV. Manda o Viso-Rey huma Ar-
mada contra o Cunhale : faz o Camorim
pazes com o Estado : chegam a Goa as
náos do Reyno : partem pera a Euro-
pa aviadas de carga , e com ellas vem o
Governador Manoel de Sousa Coutinho
na náo Bom Jesus , e naufraga nos Bai-
xos do Garajão : successos desta viagem.
72.
- CAP. XV. Das guerras que os Capitães
de Tete , e Sena tiveram com os Cafres
nossos inimigos : e relação dos Cafres da
dependencia de Tete , e outros. 76.
- CAP.

- CAP. XVI. *Guerra dos Portuguezes com os Zimbas, ou Muzimbas: desbarato, e morte da gente de Tete: prizão, e martyrio do P. Fr. Nicoláo do Rosario.* 80.
- CAP. XVII. *Qualidades, e brutalidades destes Muzimbas: e desbarato, e morte de André de Sant-Iago.* 83.
- CAP. XVIII. *Da grande vitória que El-Rey de Melinde alcançou de El-Rey de Quilife com ajuda dos Portuguezes, e Cafres Mossseguejos.* 87.
- CAP. XIX. *Da outra vitória que o Rey de Melinde houve do Rey de Mombaça por meio dos Mossseguejos.* 89.
- CAP. XX. *De como os Mossseguejos entregáram a Ilha de Mombaça ao Rey de Melinde, e este mudou sua casa para ella.* 91.
- CAP. XXI. *Dos Cafres Mossseguejos, e seus costumes barbaros: e das náos que este anno vieram á India.* 93.
- CAP. XXII. *Da torna viagem destas mesmas náos pera o Reyno: e da perdição da náo Santo Alberto na terra do Natal.* 97.
- CAP. XXIII. *Do que mais aconteceu a esta gente da náo Santo Alberto, em quanto estiveram nesta praia: e de como elegéram pera seu Capitão a Nuno Velho Pereira.* 108.
- CAP. XXIV. *De como o Senhor da terra sa-*

sabendo que nella estavam estrangeiros, foi visitallos: das ceremonias, e cumprimentos que houve entre este, e Nuno Velho Pereira: e do mais que se passou até os nossos se pôrem a caminho pera o rio de Lourenço Marques. 112.

CAP. XXV. Da jornada que fizeram desde o Penedo das Fontes até ao rio de Lourenço Marques: e do que nella lhes succedeo. 119.

CAP. XXVI. Do que mais succedeo a esta gente da não Santo Alberto até chegar a Moçambique: e de como alguns dos Portuguezes, deixando o navio, quizeram ir por terra a Sofala, e pelas suas desordens foram quasi todos mortos no caminho pelos Cafres. 131.

CAP. XXVII. Da guerra que D. Pedro de Sousa, Capitão de Moçambique, foi fazer aos Muzimbas das vizinhanças de Sena, e máo successo della: e das pazes que os mesmos Muzimbas fizeram com os Portuguezes, sem embargo de ficarem vencedores: das náos que neste anno foram á India, em que foi pela primeira vez a Bulla da Cruzada. 135.

CAP. XXVIII. Da viagem que a não Chagas fez de Moçambique pera o Reyno: e do que lhe succedeo até a altura da Ilha do Fayal. 140.

CAP.

- CAP. XXIX. *Do grande combate que esta não Chagas teve com tres náos Inglezas á vista da Ilha do Fayal, a qual depois de huma bem ferida batalha, foi desgraçadamente queimada: e della escapáram sómente com vida treze pessoas.* 145.
- CAP. XXX. *Desgraçado fim do Capitão Mór Francisco de Mello Canaveado: modo, por que se salváram treze pessoas do combate, e incendio da não Chagas, das quaes os Inglezes lançáram onze na costa do Fayal, e guardáram duas, que foram Nuno Velho Percira, e Braz Correa, que leváram pera Inglaterra.* 156.
- CAP. XXXI. *Em que se dá conta da viagem que fizeram pera o Reyno as náos, que no fim do anno passado chegáram á India, de que foi por Capitão Mór D. Luiz Coutinho Cabaço, e combate que este teve com as mesmas náos, que batalháram com a não Chagas.* 161.
- CAP. XXXII. *Descripção da Cidade de Chaul, e do seu célebre morro, e tomada deste pelos Portuguezes.* 164.
- CAP. XXXIII. *Guerra dos Portuguezes em Columbo com os Chingalas: desbarato de Pedro Lopus de Sousa: succede-lhe D. Jeronymo de Azevedo: assaltam os Malabares a não da China, que vinha pera Goa: manda o Viso-Rey contra elles a*
An-

André Furtado de Mendouça , que toma tres náos do Camorim , destroe a Armada inimiga , e vai restaurar Columbo , que estava em risco de perder-se : chegada das náos do Reyno.

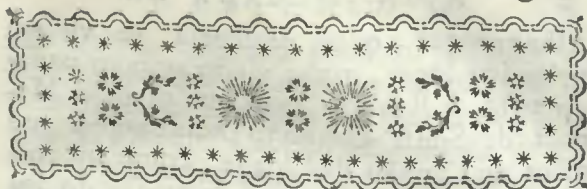
174.

CAP. XXXIV. *Da torna viagem que estas mesmas náos fizeram pera o Reyno : perdição da náo Madre de Deos , que veio na sua companhia : descripção da costa da Ethiopia Oriental : fabricão os Padres de S. Domingos huma Fortaleza na Ilha de Solor , pera resistirem aos Mouros da Jaoa : queimão os Malabares a Capitânia da Armada que sabio de Goa pera recolher a Frota de Coromandel : chegada á India as náos que este anno vieram de Lisboa.*

179.

CAP. XXXV. *Partida das náos da India pera o Reyno , e successos de sua viagem : origem da povoação , e Fortaleza do Cunhale , que o Viso-Rey intenta destruir unido com o Camorim : chega a Goa o Conde da Vedigueira pera succeder no governo da India a Mathias de Albuquerque : qualidades , e prendas deste Fidalgo.*

183.



DECADA UNDECIMA

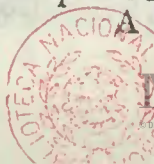
Da Historia, da India.

CAPITULO I.

Succede no Governo da India Manoel de Sousa Coutinho a D. Duarte de Menezes : embarca-se pera o Reyno D. Paulo de Lima, e naufraga na terra dos Fumos.



OR morte do Viso-Rey D. Duarte de Menezes entrou a governar a India Manoel de Sousa Coutinho, que neste mesmo anno tinha chegado a Goa victorioso do Rajú, que em Columbo se tinha alçado contra os Portuguezes, como já fica dito; o qual ainda que nas vias da successão viesse nomeado em segundo lugar, por quanto Mathias de Couto. Tom. VII. Al-



IMPRENSA
NACIONAL

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Albuquerque a quem pertencia, por vir em primeiro lugar, tinha vindo o anno passado pera o Reyno : pelo que jurando Manoel de Sousa Coutinho homenagem nas mãos do Capitão da Cidade, como he costume, entrou a entender nas coufas do seu governo com prudencia, zelo, e valor; qualidades proprias deste Fidalgo, de que já tinha dado abalizadas provas nestas terras da Asia, que agora começava a governar.

Pouco depois de haver tomado as re-deas do governo, surgio no porto de Goa huma Armada de cinco náos, que neste anno partio de Lisboa em 5. de Abril, expedida por ElRey D. Philippe Primeiro, de que veio por Capitão Mór na náo S. Christovão João de Tovar da Cunha, e os inferiores Estevão da Veiga na náo S. Thomé, D. Francisco de Viveiros na náo Santa Maria Imperatriz; Pedro Correa na náo Conceição, e Antonio de Sousa na náo Santo Antonio, as quaes todas chegaram a salvamento, e foram pera Cochim tomar carga com que haviam de voltar pera o Reyno.

D. Paulo de Lima vendo-se excluido do governo da India, de que as suas grandes virtudes, e assignalados serviços feitos ao Estado o faziam tão benemerito, com razão

zão sentido assentou comsigo passar-se ao Reyno na seguinte monção; o que por infelicidade sua executou, embarcando-se na náó S. Thomé, Capitão Estevão da Veiga, a qual permittio Deos que não chegasse ao Reyno, querendo que ella tivesse o tragico fim de outras muitas, que nesta carreira da India ou foram submergidas no meio do mar, sem se poder salvar hum só que da sua perda nos dêsse noticia, ou nas costas da Africa lastimosamente naufragáram, salvando-se os que nellas hiam, pera soffrirem entre os barbaros cafres trabalhos mais horrorosos, e mais insupportaveis que a mesma morte. Entre estas se póde numerar a náó S. Thomé, de cujo lastimoso naufragio ha huma diffusa historia, não só n'uma particular relação, mas tambem na vida de D. Paulo de Lima, pela qual razão não faremos aqui mais do que hum breve resumo d'elle.

Promptas de carga as náós, que deviam vir de torna-viagem pera o Reyno, partiram de Cochim em Janeiro deste anno de 589. em que vamos entrar, das quaes quatro chegaram a salvamento ao porto de Lisboa; porém a quinta, na qual hia embarcado D. Paulo de Lima com sua mulher Dona Beatriz, fazendo sua derrota por fóra dos baixos, e indo demandar a Ilha de

A ii

Dio-

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

4 ASIA. DECADA XI.

Diogo Rodrigues, que está em vinte grãos do Sul, faltou com ella hum temporal tão rijo da banda do Sudoeste, e com mares tão empolados, que indo correndo á feição dos ventos, trabalhou tanto que abriu pela roda da proa, e entrou a fazer muita agua, o que por então se remediou bem. Amainado o temporal, foram continuando sua derrota; e chegando á altura de vinte e seis grãos, cem leguas ao mar da Ilha de S. Lourenço, tornou segunda vez a fazer agua em muito maior quantidade por outra parte mais perigosa, que foi por proa abaixo das escoas ás primeiras picas, onde he mais difficuloso o poder-se tomar do que em qualquer outro lugar; e acudindo a elle os officiaes, e despejada a náó por aquella parte, deram com a agua que era tanta, que fazia cuspir as estopas, e pastas de chumbo que lhe pregavam por cima, o que tudo succedia do seu máo fabrico, de que procede o perderem-se muitas náós, e no que se tem mui pouco resguardo, e os officiaes muito pouco escrupulo.

Achada a agua, deram com hum tor- no tamanho della, que se qualquer official lhe mettia a mão, era tal a força, que lha empurrava pera fóra; e como se não podia atalhar sem se cortarem as picas, o fizeram

contra o parecer de muitos; porém depois de terem cortado algumas, tornáram a sobrestar, por ser aquelle lugar o em que se rematava toda a náó, e nesta não hia pregadura pera se tornar a remediar; porque as mais destas náós, ou quasi todas, andam a Deos misericordia, por pouparem quatro cruzados; assim com facas, prégos grandes, e outras cousas taes entupíram o melhor que puderam aquelle lugar; e com muitos saquetes de arroz, que mettêram entre as picas, e liames, pera que fizessem pegamaço, ordenáram por cima huma arca, que sustentasse estes saquinhos pera baixo, e não pudesse a agua suspendellos, e com isto ficáram alguma cousa mais aliviados, e a agua entrou a ser menos nas bombas, e assim foram seguindo sua viagem com bom tempo até á altura de trinta e dous grãos e meio ao Sul, cento e sincoenta leguas da bahia da Alagôa, e oitenta ao mar da terra do Natal, onde sendo aos II. de Março, lhes deo hum vento Sudoeste que os fez ir na volta do Norte, no qual rumo com o trabalho do vento, e dos mares abrio a náó pela terccira vez, e pelo mesmo lugar; e era a agua tanta, que em breve tempo havia seis palmos della no porão, com o que entrou toda a gente em grande revolta, e se começou de alijar ao

mar

mar todas as cousas do convés, pera ficarem lestes as escotilhas, e com os aldrepes das bombas na mão passáram toda a noite.

Com o augmento da agua no porão entráram a nadar as pipas, e o mais que nelle hia; e correndo de bordo a bordo, davam no costado da náó tão grandes abalroadas que a faziam estremecer; e porque a agua crescia, atravessáram algumas entenas por cima das escotilhas, pelas quaes ordenáram muitos barris, que subiam, e desciam, os quaes barris se repartíram por todos sem excepção de pessoa, sendo D. Paulo de Lima, Bernardino de Carvalho, e Gregorio Botelho os primeiros neste trabalho com os Religiosos, e outros que hiam na náó, os quaes todos de dia, e de noite trabalhavam com os aldrepes das bombas, e com os barris em alijar a agua, sem descansarem nem sequer pera o comer, ao que acudiam os Frades, que andavam pelo convés com biscoito, confervas, e agua, consolando a todos corporal, e espiritualmente. E como sem embargo de todas estas diligencias era a agua cada vez mais, assentáram em ir demandar a terra pera vararem nella, pera a qual se viráram com o traquete, sem ousarem de bolir com a véla grande, por não largarem da mão os al-

aldropes das bombas, e os barris; porque se o fizessem, por breve que fosse o tempo, era o que bastava para se submergirem.

Indo pois correndo para a terra, e sendo no dia 14. de Março, não só se acabou de encher o porão de agua, mas ficaram entupidas as bombas com a pimenta que por elle se extravasou, pelo que ficaram sem trabalhar, e os homens começaram a esmorecer; porém os Fidalgos, os Religiosos, e Cavalleiros honrados trabalharam sempre com muito animo, e esforçavam os mais, para que não largassem os barris, e os aldropes, porque só isso os sustentava.

Todo este dia gastaram os officiaes em desentupir as bombas, e forrar as trempes com folha de Flandres, para se não tornarem a empachar; e porque tambem cumpria alijar ao mar tudo o que pudessem, foram deitando á agua todas as riquezas, e louçainhas, de que a náó hia riquissima, ganhado tudo com tanto trabalho de huns, e com tantos encargos de outros. Ao outro dia, que eram 15. estava já a cuberta de sobre-porão cheia de agua, e o vento era Sudoeste, e de quando em quando vinham huns salceiros de agua mui rijos, que lhes dava novo trabalho. Em fim, vendo
que

que tudo era contra elles, pois que até o leme deixou de governar, ficou a náó atravessada, e sem vélas por estarem todas rotas, e os homens sem lhe poderem acudir por não largarem o trabalho de lançar a agua fóra, porque nisso estava o seu remedio, se he que o tinham.

Vendo pois que de nenhuma sorte podiam evitar a perda da náó, antes que esta de todo naufragasse, pois parecia que o mar, e o vento conjurados contra ella tinham apostado submergilla no meio das ondas, assentáram lançar o esquife ao mar, pera o que foi necessario largar os barris por mão, pera se haver de abrir a náó, na qual entre as cubertas parecia que andavam todos os espiritos infernaes; tal era o estrondo das cousas que nadavam, e davam humas nas outras, e que corriam de hum a outro bordo, que aos que desciam abaixo se lhes figurava ser o juizo final. Deo-se pressa ao concerto do esquife, e com bastante trabalho, pelos grandes balanços que dava a náó, por andarem os mares muito cruzados, e tão encapellados, que lhes entravam pelo portaló que tinham aberto pera alijarem tudo ao mar, o que era causa de mais de pressa se alagarem. Porém já a este tempo hiam governando a Noroeste, e o Piloto se fazia muito perto de

de terra; e tanto, que neste mesmo dia ao Sol posto bradou hum Marinheiro da gavea *terra, terra*; mas o Piloto, que não sabia se naquella parte haveria arrecifes, onde se não pudesse encalhar, e se perdessem todos, pareceo-lhe bem desviar-se, e governar ao Nordeste, pera como fosse dia ir demandar a terra pera se poder salvar toda a gente, que em toda esta noite passou em grandes afflicções, e trabalhos.

Ao outro dia, assim que amanheceo, e não víram terra, lançaram o esquife ao mar, o qual como era embarcação pequena, e não podia conter o pezo, nem o numero de tanta gente, quanta nelle procurava escapar á morte, certamente se alagaria; por quanto estando ainda no ar, e sobre os apparelhos, se lançavam dentro os homens como loucos, pelo que foi necessario disputar o embarque á ponta da espada; de sorte que aquelles mesmos, que até alli tinham sido companheiros no perigo, que como amigos se abraçavam, se consolavam, e animavam, agora como inimigos se combatiam, feriam, e matavam. Tanto pôde em nós o amor da vida, que pera conservarmos a propria, sacrificamos a alheia. Finalmente embarcados no esquife os que puderam caber, ou pera melhor dizer, os que o Capitão quiz, se foi por popa

pa da náó pera tomar pela varanda a mulher de D. Paulo, e outras Donas que nella estavam ; e como esta dava grandes balanços, e houvessem medo que o esquife se affundisse, affastaram-se hum pouco pera fóra, e dalli se deo ordem, pera que as mulheres lançadas por cordas, se mettessem no esquife, que acudia a tomallas muitas vezes mergulhadas, e com grande trabalho. Entre estas foi Dona Joanna de Mendoça, Fidalga viuva, que se offerecco a esta tão perigosa viagem por levar a Portugal huma só filha que tinha, menina de oito annos, pera se recollir com ella em hum Convento de Freiras, e acabar o restante de seus dias em serviço de Deos ; mas a perdição desta náó atalhou seus santos intentos, porque nella lhe ficou sua filha, a qual diante de seus olhos vio affogar, rodeada de suas escravas, que com ella tinham ficado, sem lhe poder valer : pedindo com muitas instancias aos do esquife lha quizessem ir buscar, estes a reprendiam por suas importunações ; pelo que a lastimosa mãe perdendo as esperanças da salvação da filha, a pranteou como morta, estando ella ainda viva.

Ora este espectáculo não deixava de causar em todos grande dor, ainda que cada hum bem carecia de compaixão alheia,

fe

se alli houvessem animos livres que a pudessem ter dos males dos outros. Affastado o esquife da náó, ficáram esperando pelo P. Fr. Nicoláo do Rosário da Ordem dos Prégadores, que se não quiz embarcar no esquife sem confessar a quantos ficavam na náó, que pois lhes faltava a tanta gente a consolação corporal, lhes não faltasse a espiritual; e depois que consolou, confessou, e absolueo, tanto em particular, como em geral, a todos quantos estavam na náó, como não era possivel chegar-se a ella o esquife pera o fazer embarcar, pois estava apostado a deixar-se ficar pera consolação daquella gente, foram tantas as cousas que lhe disse D. Paulo de Lima, e tantos os protestos que lhe fizeram os do esquife, que se lançou ao mar, e a nado o recolhêram, onde foi mui bem recebido por sua virtude, e exemplo que em toda esta viagem deo, pelo que era muito amado, e reverenceado de todos.

CA-

N IMPRENSA
NACIONAL

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

CAPITULO II.

*Do que mais succedeo tanto aos da náó,
como aos do esquife até se pôrem em
feição de navegar.*

R Ecolhido no esquife o Padre Fr. Nicoláo, foram navegando pera a terra mal providos de mantimentos, e agua; mas não puderam chegar a ella, porque como era embarcação pequena, e hia sobre carregada com o pezo de cento e dez pessoas, que nella hiam como apinhoadas, não puderam seguir ávante, antes eram impellidos pelas mesmas ondas da terra pera o mar, de sorte que affastando-se do pé da náó, quando foi pela meia noite estavam outra vez chegados a ella. Parece que queria Deos que aquelles, que pertendiam salvar-se no esquife, fossem testemunhas dos effeitos da sua ira, vendo em breves instantes submergir-se a náó com todos quattos infelices estavam nella.

Os da náó logo que víram affastar-se o esquife, e que lhes não ficavam outras esperanças de remedio mais que as que Deos lhes ordenasse, fizeram algumas jangadas, em que pertendiam entregar-se ás ondas, e arriscar de novo a vida pera haverem
de

de a salvar; porém estas apenas foram lançadas ao mar, logo se affundiram, e com ellas se perdêram todas as suas esperanças; pelo que vendo que era chegado o seu fim, recorrêram a Deos, pedindo-lhe misericordia; e no meio destas ansiosas, e ultimas supplicas, virados todos pera hum retabulo de nossa Senhora do Rosario, que tinham pendurado no mastro grande, dando a não hum arranco, como ultimo suspiro de hum moribundo, entranhou-se pelo mar dentro, e desappareceo pera sempre com quanta gente tinha, ficando muita della sobre a agua bracejando, e peleijando com a morte até que de todo se affogou.

Na verdade que tudo parecia castigo de Deos, porque facilmente se pudera salvar toda a gente desta não, se os do esquife não quizessem tratar sómente de si, pois que bem podiam dar primeiro ordem a grandes jangadas, em que se embarcassem todos com agua, e mantimentos, as quaes podia o esquife levar á toa pera terra, que estava tão perto, que ao outro dia se avistou, tendo pera isso tanto tempo, que durou a não vinte e quatro horas sem lhe darem á bomba, nas quaes podiam ordenar as jangadas que quizessem, pois levavam entenas, mastros, e vergas, e tanta madeira que lhe sobejava, porque muito mais dif-

difficultosa foi a perdição da náó Sant-Iago no baixo da Judia, como se disse na decima Decada, e fizeram-se muitas jangadas, das quaes muitas chegaram a terra sem favor de esquife, nem de batel, durando a viagem oito dias. Mas parece que todos desta náó tinham perdido o acordo; porque aquelles a que se pudera ter respeito, e que podiam mandar fazer isto, eram D. Paulo de Lima, o qual tinha perdido aquelle seu nunca vencido animo com se ver com sua mulher naquelle estado; o outro era Bernardim de Carvalho, Fidalgo muito honrado, mas muito brando, que por ver nos officiaes todos huma grande alteração, dissimulou com o que entendia, por se não perder tudo.

Os do esquife vendo-se finalmente sem a náó, e espantados com a vista de hum objecto tão horroroso, puzeram-se em feição de navegar; mas vendo o Capitão a muita gente que nelle hia, e que corria muito risco chegar a terra sem se alagar, mandou lançar ao mar alguns homens para assim aliviar mais o esquife, os quaes logo á vista de todos se affogáram. Outros muitos casos lastimosos aconteceram neste naufragio, assim no esquife, como na náó. Em fim os que nelle ficaram foram navegando até que chegaram á terra firme, cha-

mada pelos nossos Terra dos Fumos, e pelos Cafres Terra dos Macomatas, que fica junto da terra do Natal em altura de vinte e seis grãos e hum terço, onde lançaram dous homens na praia, pera que fossem descubrir campo, e trazer novas do que achavam, os quaes foram; e tendo andado obra de hum quarto de legua, deram em huma aldeia de Cafres bem inclinados, e naviosos, muito differentes de outros que por esta terra morão.

Estes tanto que víram os Portugezes, ficáram muito admirados; mas não deixáram de lhes fazer muito gazalhado, e lhes deram de comer. Vendo os nossos tão boa gente, ficáram muito contentes, e deram-lhes a entender por assenos como elles se tinham perdido no mar, e que tinham seus companheiros na praia; que lhes levassem vaccas, e mantimentos, que tudo lhes pagariam muito bem: pelo que vieram alguns Cafres com elles até á praia, onde ficou o esquife; mas não o achando, nem vista d'elle, ficáram muito tristes. E o caso foi, que depois destes dous homens se metterem pela terra dentro, tornou a ventar o vento em poppa muito bom pera navegar, pelo que não quizeram os do esquife esperar por elles, nem perder tão boa occasião de se adiantar, e por isso tornáram a dar á

vé-

NACIONAL

véla, e foram correndo a costa pera o rio de Lourenço Marques.

Vendo-se estes pobres homens sem o esquife, differam aos Cafres, que tinham vindo com elles, como seus companheiros eram idos, e os deixáram, e que queriam ir em busca delles por aquella praia adiante. Muito sentimento mostráram os Cafres de os ver perdidos; e despedindo-se huns dos outros, foram os dous Portuguezes caminhando toda aquella tarde pela praia bem tristes, até que acháram o esquife, que estava amainado junto da terra, por causa do vento que lhe tornou a faltar, com cuja vista ficáram mui contentes, e se tornáram a embarcar nelle. Deste lugar partíram ao outro dia, e foram costeando a terra em demanda da Ilha do Inhaca; e em quanto vam seguindo sua navegação, faremos huma breve descripção das terras da Cafraria, em cuja costa naufragou a não S. Thomé.

CA-

CAPITULO III.

*Em que se descreve a parte da Cafra-
ria, em cuja costa naufragou a não
S. Thomé.*

ANtes que concluamos a historia destes perdidos, nos pareceo bem fazer huma breve descripção desta parte da Cafra-ria, onde naufragou esta não S. Thomé, pois de todas as mais se tem feito na nona Decada, onde se tratou da conquista das Minas do Ouro, que por alli andou fazendo o Governador Francisco Barreto, e Vasco Fernandes Homem; e agora principiaremos deste lugar em que primeiramente pousou o esquife, até ao Cabo das Correntes, aonde se chegou com a outra descripção, em que se contém os Reynos de Monomotapa, e todos os mais daquelle Sertão, e maritimo desta Ethiopia interior.

A'quella parte em que o esquife enca-
lhou, chamam os nossos Marcantes terra dos
Fumos, e os Cafres terra dos Macomatas,
nome de huma nação barbara, que vive
nas vizinhanças daquellas praias, da qual
terra, toda a que se estende pera o Sertão
mais de trinta leguas, he senhor hum Rey
chamado Viragune, o qual pelo Sul con-
fina com o Reyuo de Macalapapa, que

Couto. Tom. VII.

B

cor-

corre até ao Sertão de Santa Luzia , em altura de vinte e oito grãos e hum quarto , e aqui péga com o Reyno do Vambe , donde até ao Cabo da Boa Esperança , comprehendida huma grande parte da terra do Natal , não ha Reys , mas huns senhores chamados Encosfes , que são Cabeças , ou Governadores , cada hum de tres até cinco aldeias. Correndo ao Nordeste do Reyno de Viragune , está o Reyno do Inhaca , que se estende até á bahia de Lourenço Marques da banda do Sul , que está em altura de vinte e cinco grãos e tres quartos , e ainda senhorea mais duas Ilhas , huma chamada Choambone , que será de quatro leguas , e a outra se chama Setimuro , que he despovoada , e nella se aposentão os Portuguezes que vam ao resgate do marfim , pera estarem mais seguros dos Negros da terra.

E assim como os Geografos dão á Italia a figura de huma bota , do mesmo modo daremos nós a esta bahia a figura de huma borboleta com duas pontas , huma das quaes , que he o Reyno do Inhaca , que fica pera o Sul , e a outra o Reyno do Manhiça , que jaz ao Norte. Os rios Bellingane , e o Manhiça , de quem este Reyno toma o nome , formam as azas desta borboleta , aquelle da banda do Sul , e

este da parte do Norte, cuja origem he commum com a do Nilo, e vem defaguar naquella parte, a que chamam Bahia Formosa, que vem a ser o mesmo rio do Espirito Santo, o qual fórma o focinho da figura da borboleta, cujo corpo he a mesma Bahia de Lourenço Marques, e os dous rios que nella desembocão fazem as duas farpas de seu cabo. Da parte do Norte fica o Reyno de Rumo, e da banda do Sul o de Anzete; e este parte com humas ferranias de mais de vinte leguas de extensão, tão ásperas, intrataveis, e fortes por natureza, que não tem entrada senão por alguns passos muito apertados, e difficulosos, e em cima dellas se acham mui largas, e dilatadas campinas pertencentes a hum senhor chamado Monhimpeca, o qual por nenhum caso desce abaixo, nem communica com os vizinhos, porque todos huns, e outros são muito grandes la- drões.

Estas farpas são cortadas por outro rio, que atravessa do Anzete até o Vumo, e corre pelo pé de humas serras, em cujas abas jazem varias povoações, e sobre elle mora hum Rey chamado Angomanes, cujo Reyno se estende pera o Ponente. Do rio Manhiça corre hum esteiro pera o Sudoeste, que corta aquella

B ii

pon-

ponta que fica em Ilha , a que os nossos chamam do Mel , e vai correndo a costa até o rio dos Reys , ou do Ouro , que está em altura de vinte e cinco grãos ; e sobre este pera a banda do Ponente está o Reyno do Inhapula , e da outra banda o do Manhiça seu vassallo. Daqui começa a encovar-se a costa até o Cabo das Correntes ; e tanto , que faz huma tão penetrante enseada , que aos navios que de Moçambique navegam pera o rio de Lourenço Marques , parece , quando por ella passam , que atravessão hum grande golfo : ao longo della moram huns cafres chamados Moerangas , e no meio anda falsamente lançado nas nossas Cartas de marear , em vinte grãos menos hum quinto de altura , hum rio , a que chamam da Bazaruta , o qual alli não ha , nem por toda aquella costa ; porém em altura de vinte e hum grãos e meio , defronte da ponta de S. Sebastião , ha humas Ilhas chamadas da Bazaruta.

No Sertão desta enseada dos Mocrangas correm dous rios , o do Manhiça , de que já tratámos , e o de Inhaboze , que desemboca em outro affás caudaloso , chamado Inharingue , que está antes do Cabo das Correntes , o qual rio na verdade he o que nas nossas Cartas de marear anda com

o supposto nome da Bazaruta, e sobre elle pera o Ponente fica o Reyno de Pande, que vizinha com o do Inhambuze, o qual parte com o Reyno do Monhibene, que corre delle ao Norte ao longo do mesmo rio, e confina com outro Reyno, que chamam do Javara, que entra pera o Sertão. Da outra banda do mesmo rio Inharingue ha outros dous Reynos, o de Gamba mais pera o mar, e o de Macumba pera o Sertão. Todos estes rios, de que temos tratado nesta descripção, são mui conhecidos dos Portuguezes, que vam de Moçambique que áquelles rios ao resgate do marfim.

CAPITULO IV.

Do que aconteceu á gente da náó S. Thomé desde que chegou á Ilha do Inhaca: e dos trabalhos que passaram.

TOrnando a continuar com os successos dos naufragantes da náó S. Thomé, que indo, como dissemos, correndo a costa até á Ilha do Inhaca; aonde chegaram todos felizmente, a primeira cousa que fizeram, tanto que chegaram, foi lançar fogo ao esquife, com o pretexto de aproveitar a pregadura, e mais ferro pera o resgate, por ser cousa de muita valia entre

tre os cafres ; mas a razão foi , pera que alguns da companhia o não furtassem de noite , e se fossem nelle pera Sofala , deixando os mais na Ilha ; o qual feito não foi muito acertado , porque depois tiveram grande necessidade delle pera passarem á terra firme ; por quanto a Ilha era deserta , e nella não havia que comer , nem agua pera beber , e só acháram as cabanas que os Portuguezes do resgate alli deixáram , em que se agazalháram ; pelo que ficáram muito arriscados a morrer de fome , e sede ; mas quiz Deos que os cafres da terra firme vieram á Ilha em dous pangaios pequenos a ver o que nella estava , por terem visto a noite de antes os fogos que os Portuguezes fizeram , e nestas pequenas embarcações se passáram todos pera a terra firme , poucos , e poucos com muito trabalho , e mui arriscados aos mares grandes que ha nesta travessa , a qual em partes he de quatro , e sinco leguas.

Desembarcados na terra firme , foram caminhando por ella com muito trabalho até chegarem ao lugar do Inhaca , Rey da mesma terra , grande amigo dos Portuguezes , o qual os agazalhou muito bem , e lhes mandou dar os mantimentos necessarios , a huns por prata , aljofar , ferro , e peças que salváram do naufragio ; a outros

fia-

fiados até á chegada do navio de Moçambique, que alli costuma ir todos os annos fazer o resgate do marfim. Nesta terra estiveram muitos dias, até que alguns determináram sahir della, e caminhar por terra até Sofala; e os que commettêram este caminho, foram Estevão da Veiga, Capitão da náó, e doze companheiros mais, em que entravam Gaspar Ferreira Sota-Piloto da mesma náó, e Antonio Gomes Cacho, hum dos dous que sahiram em terra de cafres. Todos estes se puzeram a caminho, e vieram por terra a Sofala, que são algumas cem leguas de terra aspera, e trabalhosa de caminhar, povoada de muitas nações de cafres malísimos, e mal inclinados, em cujo caminho padecêram muitos trabalhos, fomes, e sedes; e tanto que chegáram a Sofala, a primeira cousa que fizeram, foi ir á Igreja de nossa Senhora do Rosario todos juntos, e ahi lançados por terra, e com muitas lagrimas, e suspiros nascidos do coração, e do contentamento de se verem entre Christãos, fóra de tantos perigos que tinham passado no mar, e na terra, de que davam muitas graças a Deos, e a sua Santissima Mãi. Aqui a rogos dos Padres de S. Domingos, a cujo cargo estava a Christandade daquellas partes, foram agazalhados pelas casas dos

mo-

moradores com muita caridade , e os vestiram , curáram , e sustentáram em quanto alli estiveram , até se embarcarem pera Moçambique.

Passados poucos dias , foram ter a Sofala outros perdidos da mesma não , entre os quaes hiam os dous Religiosos Fr. Nicoláo do Rosario da Ordem de S. Domingos , de cujo glorioso martyrio ao diante trataremos , e Fr. Antonio Irmão Leigo da Ordem de S. Francisco , que tambem tinham escapado do naufragio , e foram recebidos , e agazalhados como os primeiros. A mais gente da perdição da não , que se não atreveo a commetter este caminho , nem por mar , como alguns fizeram , nem por terra , deixou-se ficar nas terras do Inhaca , esperando pelo navio que de Moçambique havia de ir ao resgate do marfim , e no tempo que alli estiveram , padecêram muitas necessidades , fomes , e doenças , de que morrêram muitos , entre os quaes falleceo D. Paulo de Lima , Capitão muito esforçado , e venturoso em muitas batalhas que teve com os Mouros na India , dos quaes sempre alcançou victorias no mar , e na terra , de que já fizemos larga menção.

Este Capitão acabou aqui seus dias em terra de Cafres de sua enfermidade , causa-
da

da de muitos desgostos , fomes , e trabalhos , em que se via , sentindo muito ver-se com sua mulher em terras tão estranhas , e desamparadas , e falto do remedio necessario , o qual desamparo chegou a tanto , que até á sepultura pera seu corpo lhe negáram os Cafres da terra , não querendo que o enterrassem nella , tendo por agouro o enterrarem-se em suas terras gentes estrangeiras ; pelo que foi sepultado pelos Portuguezes que com elle estavam entre huns canaveaes , onde não fosse vista a terra cavada de novo , nem sinal de cova. Isto mesino aconteceo ácerca dos mais que alli acabáram seus dias. Aqui esteve toda a mais gente , até que em Moçambique se soube da sua perdição , que foi dahi a hum anno , no fim do qual foi lá ter hum navio que os trouxe pera Moçambique , donde se tornáram a embarcar pera a India , com os quaes foram tambem Dona Beatriz , viuva de D. Paulo de Lima , Dona Joanna , e Dona Maria , que sendo por natureza de hum sexo tão delicado , permittio Deos dar-lhes forças , e constancia pera supportarem tão acerbos trabalhos.

CA-

N IMPRENSA
NACIONAL

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

CAPITULO V.

Continuam-se as cousas do Governo de Manoel de Sousa Coutinho : torna Mirale Beque á costa de Melinde : manda o Governador contra elle huma grossa Armada : successos que esta teve na viagem.

EXpedidas as náos com carga pera o Reyno, tratou o Governador de acreditar a escolha que delle se fizera pera hum cargo tão importante, e no qual tanto se tinham assignalado os seus illustres antecessores ; assim a primeira cousa em que entendo, foi mandar huma poderosa Armada em soccorro da costa de Melinde ; porém pera melhor entendimento do que vamos a dizer, cumpre saber, que ao tempo que Affonso de Mello chegou da India á colta de Melinde, estava Mirale Beque no estreito de Meca aviando alguns vasos, pera com maiores forças vir, como elle dizia, lançar os Portuguezes fóra de toda aquella colta ; e como os Mouros della estavam muito magoados, e cortados de Affonso de Mello pelo castigo que lhes dera por suas traições, e levantamentos, logo que este se retirou, mandáram ao estreito seus Embaixadores a Mirale Beque com cartas, presentes, e dinheiro, pedindo-lhe

ab-

abbreviasse sua vinda pera os vingar das afrontas, perdas, e mortes que tinham recebido dos Portuguezes, e lançallos pera sempre daquellas terras.

A' vista destas instancias, apressou Mirale Beque a sua partida; e desembocando o estreito com quatro galés, e a fusta que tomára a Roque de Brito, veio no principio deste anno 1589. correndo a costa até Magadoxo, Cidade copiosa em Mouros, que o recebêram com muito contentamento, deram-lhe grossas quantias de dinheiro, e lhe rogáram quizesse dalli em diante ser seu protector, e defensor contra os Portuguezes. Daqui levantando ferro, veio visitando todas as Cidades, e lugares de Mouros daquela costa, até chegar a Melindrum dia quasi á noite, com tenção de ao outro dia, em sendo manhã, entrar a bater a Cidade, e fazer-lhe todo o damno possível, por ser de hum Rey amigo dos Portuguezes.

Andava então por Capitão daquella costa Mattheus Mendes de Vasconcellos, que a este tempo estava com o Rey na Cidade, o qual vendo o Mirale ancorado no porto, mandou buscar dous falcões, e asentando-os sobre huma coroa de arêa, pouco distante das galés, mandou bombardeallas de noite; e posto que fazia escuro,

e os tiros fossem dados á ventura, sempre os Turcos recebêram damno; e não sabendo donde lhes vinha o mal, nem como se haviam defender delle, nem como se haviam de fazerem fortes nesta Ilha, e daqui sahirem com suas Armadas pera destruir Melinde, e lançar fóra os Portuguezes desta costa, o que com effeito não conseguíram, porque antes de sahirem do estreito, já em Melinde se sabia de sua vinda por meio das espias que o Capitão desta costa traz sempre no estreito, o qual com esta certeza expedio huma fusta com estas novas ao Governador Manoel de Sousa Coutinho, pera que o soccorresse com presteza, antes que os Turcos chegassem, e fizessem algum estrago.

Assim que o Governador recebeu estas novas, antevendo o grande damno que os Turcos poderiam fazer por toda aquella costa, tratou logo de concluir o apresto da Armada, que destinava mandar em soccorro della, a qual se compunha de duas galeças, cinco galés, seis galeotas de traquete, seis fustas, e huma manchua pera serviço da mesma Armada, em que hiam embarcados novecentos homens de peleija, e por Capitão Mór Thomé de Sousa Coutinho,

nho, irmão do mesmo Governador, a qual partio de Goa aos 30. de Janeiro deste anno, navegando com vento prospero; porém depois de engolfada, achou os mares tão verdes, e o tempo tão tormentoso, que huma das galés arribou a Goa com agua aberta; as duas galeças apartaram-se da Armada de remo, e ficáram luctando com o tempo, e com os mares; as galés correndo á feição do vento, foram demandando a terra deserta da Ethiopia, onde estiveram perdidos, e milagrosamente se salváram; porque vindo huma noite mettidos já no rolo do mar, e quasi marrando com a terra, permittio Deos que divisando nella dous fogos, virassem logo pera o mar, muito admirados, e temerosos, por entenderem até alli que estavam mui longe della.

Assim correndo toda a noite sem saberm onde estavam, ao outro dia pela manhã, que foram 20. de Fevereiro, deram vista de terra, e achou-se toda a Armada sem faltar vaso algum, excepto as duas galeças, que tinham ficado por poppa; e dando muitas graças a Deos pelo beneficio que lhes tinha feito, em lhes dar os sinais dos fogos pera se não perderem, foram seguindo sua viagem pera Melinde, e o primeiro porto que tomáram, foi o de
Bra-

Brava, Cidade habitada de Mouros amigos, ou pera melhor dizer fingidos, ou constangidos, como são geralmente todos os destas partes pera comnosco. Aqui houveram novas certas da vinda dos Turcos áquellas costas, e que na derrota que fizeram pera Melinde, foram tyrannizando todos os Reys que lhes ficavam na passagem, e pedindo grossas quantias de dinheiro a cada hum á medida de suas posses.

A certeza destas novas foi muito festejada de toda a Armada; e em virtude della, mandou o Capitão Mór levantar ferro a 22. de Fevereiro, e foi ter ao porto de Ampaza, Cidade de Mouros, que dous annos havia fora destruida por Martim Affonso de Mello com morte de seu Rey, como se disse na nona Decada. O Principe de Ampaza, que tinha repovoado, e remendado as ruinas desta Cidade, ficou muito atemorizado com a vista da nossa Armada, e logo em continente mandou pedir ao nosso Capitão Mór seguro, e licença pera o visitar, o que elle lhe concedeo; e recebendo-o cortezmente a bordo da sua galé, o despedio com a esperança de assentar pazes com elle na volta que fizesse, se dêsse provas de ser amigo dos Portuguezes, e não ter agazalhado os Turcos.

Daqui partio o Capitão Mór, e foi apor-

aportar á Ilha de Lamo pera fazer aguada; por ser a melhor de toda a costa, e facil de tomar, por ficar á borda do mar, e aqui achou recado de Mattheus Mendes de Vasconcellos, Capitão daquella costa, em que lhe dizia, que as galés dos Turcos estavam mettidas em Mombaça, cujo Capitão Mór era Mirale Beque, de quem os Portuguezes tinham recebido tantos damnos, pedindo-lhe juntamente se não demorasse, porque se o Turco tivesse aviso da sua ida, provavelmente fugiria.

Com estas novas mandou logo o Capitão Mór levar toda a Armada; e seguindo sua viagem, aportou em Melinde a 3. de Março, onde foi recebido com grande alvoroço, tanto dos naturaes da terra, como dos Portuguezes. Assim que chegou, o foi logo visitar Mattheus Mendes de Vasconcellos, e lhe deo huma exacta informação do estado dos Turcos, e de como os tinha lançado de Melinde, e estava aparelhado com todo o necessario pera esta guerra, na qual toda a tardança era perigosa; pelo que mandou o Capitão Mór lançar pregão por toda a Armada, pera que ninguem desembarcasse. Porém tanto que foi noite, elle com alguns Fidalgos saltou em terra, e foi visitar o Rey de Melinde, grande amigo dos Portuguezes, e lhe en-

tre-

tregou hum rico presente , que lhe mandava o Governador da India. Com este Rey se achavam a este tempo o Rey , e o Principe de Pemba , que andavam lançados dos seus Estados , por se terem alçado contra elles os seus proprios vassallos , pelas razões que ao diante diremos , e esperavam que os Portuguezes os restituíssem á posse do seu Reyno , como com effeito fizeram.

Dispostas as cousas necessarias pera esta guerra , fez-se o Capitão Mór á véla com toda a Armada , composta de quatro galés , sete galeotas , e oito navios , em que se incluia huma formosa galeota , e mais hum navio , que Mattheus Mendes tinha naquella costa , levando em sua companhia o mesmo Mattheus Mendes , o Rey , e o Principe de Pemba ; e indo navegando ao longo da costa todo o dia , e toda a noite , acharam-se ao amanhecer defronte de Moimbaça , a hum Domingo 5. de Março. Os Turcos , que estavam mettidos em hum Forte , que já tinham levantado á entrada da barra , assim que avistáram a nossa Armada , disparáram d'elle huma grossa peça de artilheria , e desenroláram muitas bandeiras no mesmo Forte , mostrando-se guerreiros , e contentes com a chegada dos Portuguezes ; e tanto que a Armada se foi chegando , entráram a servilla com muitos pelouros

ros de ferro coado, o que obrigou a nossa Armada a escudar-se com a mesma Ilha de Mombaça, pera daqui se dar ordem á entrada do rio, que figurava ser mais difficullosa do que não foi.

CAPITULO VI.

De huma Nação de Cafres, que veio destruindo meia Ethiopia, parou defronte da Ilha de Quiloá, e a destruiu commorte de todos os seus moradores por traição de hum habitante da mesma Ilha: e daqui foi assentar seu arraial defronte de Mombaça, onde estava ao tempo que o Capitão Thomé de Sousa Coutinho chegou com a sua Armada.

EM quanto o nosso Capitão Mór dá as ordens necessarias pera a entrada da Armada no rio de Mombaça, cumpre dizer que neste mesmo anno sahio de suas terras huma Nação de Cafres, que vivia junto dos rios de Cuamá; e vindo correndo meia Ethiopia, devastando, matando, e comendo toda a cousa viva, que encontravam sem excepção de racionaes, ou irracionaes, de qualquer genero que fossem; e assim assolando todas as terras por que passaram até encarar com a Ilha de Quiloá, que

Couto Tom. VII.

C

que he povoada de Mouros , e fica junto da terra firme ; vendo que a não podiam entrar , por ser cercada de mar , assentáram seu arraial na terra firme defronte da mesma Ilha , tendo-a de cerco alguns tempos , e comendo todas as creações , e sementeiras que os Mouros tinham na terra firme , de modo que nenhuma cousa lhes vinha della pera a Ilha.

Neste tempo hum Mouro da mesma Ilha movido da cubiça , e ambição de honras , passou-se huma noite secretamente da Ilha pera a terra firme por hum passo que elle sabia , por onde se pode passar de maré vasia ; e chegando ao arraial dos Cafres , disse aos que lhe sahíram ao encontro , que elle era da Ilha , e queria fallar ao Capitão Mór daquelle exercito em cousas de muita importancia ; e sendo por elles levado , e apresentado ao Capitão , disse : » Poderoso » Capitão , saberás que eu sou natural desta terra , e morador nessa Ilha de Quiloá , » que tens cercada , e sei de certo has de » ser senhor della , e castigar seu povo por » te não reconhecer por grande senhor , como es , e obedecer como era razão ; e » eu conhecendo isto , venho agora dar-te » a obediencia devida ; e assim mais te quero metter dentro da Ilha com todo o teu » exercito , pelo passo por onde eu agora » vim ,

» vim , que eu sei muito bem ; com tal
 » condição que has de perdoar a morte a
 » meus parentes que lá estão , e repartir
 » comigo dos despojos , e riquezas que to-
 » mares na mesma Ilha : e tambem me has
 » de fazer mercê das terras que eu nella
 » te apontar , pois nisso te vai pouco , e
 » eu interesse muito. »

A tudo isto respondeu o Zimba que era contente ; e que se elle o mettesse na Ilha com a sua gente , como dizia , que lhe promettia fazer tudo o que pedia : pelo que postos logo em ordem de passar o váo , o Mouro os encaminhou por elle , indo na dianteira , e mostrando-lhe o caminho , e assim chegaram todos á Ilha depois da meia noite , onde tomáram todos os Mouros dormindo , bem descuidados da traição que lhes tinham feito , e do que lhes podia succeder ; dos quaes os Zimbas matáram logo a maior parte , sem haver resistencia alguma , e aos mais cativáram , e depois os foram comendo pouco e pouco , em quanto alli estiveram , de modo que matáram , e comêram mais de trez mil Mouros , e Mouras que alli havia , entre as quaes eram muito formosas , e delicadas ; e roubáram toda a Cidade de Quiloá , em que acháram grandes despojos , e riquezas , escapando da morte sómente os que tiveram

tempo de fugir pera os matos da mesma Ilha , onde andáram emmaranhados até os Zimbas se tornarem pera a terra firme , a qual Cidade foi antigamente mui nobre , e nella moravam os Reys de toda aquella costa , e ainda hoje se vê sua antiga nobreza nas ruinas das grandes , e sumptuosas Mesquitas , e aposentos que nella houve.

Depois que os Zimbas não tiveram que fazer na Ilha , mandou o seu Capitão que lhe chamassem o Mouro que os meteo nella , com toda a sua parentalha , a qual o Capitão mandou guardar , não querendo que fosse morto algum delles ; e tanto que os teve diante de si todos juntos , virou-se pera o Mouro , e disse-lhe : » Não » quero , nem sou contente , que tão má » cousa como tu es , viva mais tempo , pois » foste tão cruel , que por teu proprio interesse entregaste tua patria , e teus naturaes nas mãos de seus inimigos. » E virando-se pera os seus Cafres , disse : » To- » mai esse máo homem , e toda sua geração , e atados de pés , e mãos os lançai » todos naquelle mar , pera que os peixes » os comão ; porque não he bem que fique » algum vivo de tão má geração , nem quero que os comais , porque sua carne deve ser peçonhenta » o que logo se poz em

em execução. Tão aborrecida he a traição ainda aos mesmos Tyrannos!

Destruida Quiloá, foi o Zimba continuando seu caminho pela terra firme até chegar defronte da Ilha de Mombaça, em cuja praia assentáram seu arraial, com resolução de passarem á Ilha por hum passo, que na vasante da maré se podia vadear com agua pela cintura, a fim de matarem, e comerem os moradores della, como tinham feito aos de Quiloá, por cuja causa tinham os Turcos dividido a sua Armada, collocando duas galés, e a fusta junto dos muros da Cidade, e as outras duas galés no mencionado passo, pera impedir a invasão dos Zimbas, que passavam de vinte mil. Foi nesta occasião que a nossa Armada chegou a Mombaça, e entrou o rio na ordem que vamos a dizer.

CAPITULO VII.

Entra a nossa Armada o rio de Mombaça: toma as galés dos Turcos: primoroso feito de seis Portuguezes: destruição da Cidade de Mombaça, e do mais que succedeo nesta acção.

A Ssim que o Capitão Mór Thomé de Sousa Coutinho chegou á barra de Mombaça, embarcou-se no esquife da sua
ga-

galé pera dispôr a entrada da Armada: a Matheus Mendes de Vasconcellos mandou que fosse na dianteira com os navios pequenos, e em seu seguimento as galeotas, e elle Capitão Mór na retaguarda com as quatro galés. Nesta disposição se levou toda a Armada embandeirada, e engalhardetada ao som de trombetas, pifaros, e tambores, que mais parecia entrada de paz, e de regozijo, do que conflicto de guerra. Assim huns após outros foram entrando todos os navios; e passando pelo Forte dos Turcos, donde lhes disparavam muitos pelouros, que por felicidade nenhum mal fizeram aos nossos, de que ficou bem pezaroso Mirale Beque, que estava no mesmo Forte, persuadido que poderia metter no fundo alguns dos nossos navios; e ainda que nesta parte visse baldadas suas esperanças, sem se desanimar, esperou pelas galés, parecendo-lhe que por serem maiores, empregaria melhor os seus tiros; porém ficou frustrado o seu desejo; porque assim que a galé Capitânia emparelhou com o Forte, entrou a disparar contra elle a sua artilheria, e dos primeiros tiros lhe matou o Condestavel, cuja morte deixou o Forte de atirar, e os Turcos que nelle estavam fugiram, e o desampararam. Mirale Beque muito senti-

do

do de ver frustradas as suas esperanças , e muito mais do desalento dos seus , montou em hum cavallo , e recolheo-se pera a Cidade , onde estava o Rey. Neste cin tanto se metteo hum mancebo Fidalgo em hum batel com sinco companheiros ; e faltando em terra , commettéram o Forte , onde encontráram dous Turcos mortos , e dous com vida , a quem logo igualáram na forte dos dous primeiros ; arrancáram as bandeiras , que eram de seda , e mui formosas , e retiráram-se outra vez pera a galé de que tinham sahido , e nella foram recebidos com muita festa.

Assim que Mattheus Mendes de Vasconcellos entrou o rio , logo accommetteo as duas galés , e a Fusta que estavam junto dos muros da Cidade , as quaes disparáram contra elle por duas vezes a sua artilheria , sem damno algum dos nossos ; e continuando no seu accommettimento , abalroáram as galés com tal furor , que não mediou tempo entre investir , e vencer : os Turcos que pertendêram resistir , foram passados á espada ; os outros lançando-se ao mar , e nadando , ganháram a Cidade , que não estava muito longe. Alguns Portuguezes os seguíram tambem a nado , e na praia matáram a muitos ; e de tal sorte se empenháram neste combate , que foi preciso que hum

hum dos nossos officiaes se deitasse ao mar, e fosse a terra pera os obrigar a recolher.

Nestas duas galés tinha Mirale Beque enthesourado todas as riquezas, que granjeára nesta caravana, as quaes consistiam em muito ouro, e muita prata, ambar, algalia, marfim, roupas finas, e muitos escravos, de que os nossos soldados houveram ricos despojos. Vencidas estas duas galés, e fusta, mandou o Capitão Mór os mesmos navios que as rendêram com duas galés mais, que surgissem avante, e fossem ao passo em que estavam as outras duas galés Turcas, que as combatessem, e as tomassem, e elle deixou-se ficar com duas galés, e dous navios defronte da Cidade, dando ordem que se puchassem pera o largo as duas galés, e a fusta já vencidas, que estavam chegadas ao muro della.

Depois disto feito, mandou a D. Francisco Mascarenhas que com cem homens fosse á Fortaleza, que os Turcos tinham levantado na barra, e lhes tirasse toda a artilheria que nella achasse; o que se concluiu no mesmo dia, ainda que com muito trabalho, por serem as peças muito grandes, em que entravam algumas, que lançavam pelouros de trinta arrateis.

Os que foram em demanda das Galés dos Turços, que defendiam o passo aos
Zim-

Zimbas, assim que chegaram a prolongar-se com ellas, logo as abalroaram, e renderam; mas não tão facilmente como as outras, porque nellas estava toda a melhor gente dos Turcos, por causa dos Zimbas com quem pecejavam: e sem embargo de ser muito renhido o combate, só dous Portuguezes morreram, e cem da parte dos inimigos, ficando nesta refrega cativos mais de setenta, sem contar os Christãos que vinham ao remo, que logo foram libertados, nem muitos escravos de Portuguezes, que se restituíram a seus donos. Nestas galés se acharam vinte e tres peças de bronze, e cinco de ferro, e entre estas huma assás grande; e estas estavam adestadas contra os Zimbas, pera defender a entrada na Ilha, os quaes Zimbas estavam na terra firme, vendo a briga que os Portuguezes tinham com os Turcos, contra os quaes exercitavam a sua crueldade; porque todo o que fugia das galés pera a terra firme, com medo dos Portuguezes, logo era apanhado por elles, esquarterado, e comido: pelo que muitos dos Turcos vendo o pouco que lhes aproveitava o fugirem pera a terra firme, se tornáram pera os navios dos Portuguezes, estimando mais serem cativos destes, do que serem comidos pelos Zimbas. Todo o resto do dia se gastou em escorxar as galés da

da muita riqueza que tinham, curar os feridos, e agrilhoar os cativos.

Neste mesmo dia á noite foi ter á galé Capitânia hum recado do Rey de Mombaça, pedindo misericordia ao Capitão Mór, o qual lhe mandou em resposta, que se elle lhe entregasse os Turcos que tinha consigo, lhe outorgaria o que solicitava; que pera se resolver lhe dava de praso vinte e quatro horas; e a não querer estar por esta condição, escusasse de lhe mandar mais recados; porque passado o tempo perfixo, daria sobre a Cidade, e a destruiria desde os alicerces, sem deixar cousa alguma em fer.

Passadas as vinte e quatro horas, e com ellas as treguas que o Capitão concedera ao Rey de Mombaça: e vendo que não tornava recado seu, desembarcou em terra no dia 7. de Março pela manhã com quinhentos Portuguezes bem armados, e seguindo huma bandeira, em que hia hum Christo crucificado, foram entrando pela Cidade, sem acharem resistencia alguma, porque todos os Mouros que a habitavam eram fugidos, e emmaranhados pelos matos da Ilha. Não encontrando o Capitão resistencia alguma na Cidade, mandou saquealla, e lançar-lhe o fogo: depois disto viado já de retirada, mandou de caminho

quei-

queimar huma fermosa não, e outros navios dos inimigos, que estavam varados na praia, e ao mesmo tempo derrubar os muros da Cidade, e o Forte, que os Turcos tinham levantado na barra.

CAPITULO VIII.

Do recado que os Zimbas mandáram ao Capitão Mór Thomé de Sousa Coutinho: entrada destes na Ilha de Mombaça: cativo de Mirale Beque, e de outros muitos Turcos, e Mouros da Ilha: chegam a Mombaça as Galvetas que ficaram no Golfo: vinda do Principe de Patte, e restituição do Rey, e Principe de Pemba a seus Estados: causas do levantamento dos seus Vassallos: descripção da Ilha de Pemba, e partida da Armada Portugueza pera Melinde.

Concluida pelos Portuguezes a destruição da Cidade de Mombaça, e vendo os Zimbas que elles alli já não tinham que fazer, mandáram hum recado ao Capitão Mór, dizendo que elles eram seus amigos, e não queriam guerra com elle, nem com gente sua; e pois que tinham acabado sua empreza tão honradamente, e com tanto damno de seus inimigos, que tambem elles
que-

queriam acabar a sua, em que estavam haviam muitos dias, que era entrar na Ilha de Mombaça, e buscar os Mouros, que estavam escondidos pelos matos pera os acabar de matar, e comer. Não pezou ao Capitão Mór com esta embaixada, porque entendeu que os Mouros, e Turcos, que estavam escondidos na Ilha com medo de serem comidos pelos Zimbas, fugiriam pera a praia, querendo antes o cativeiro dos Portuguezes com vida, que serem mortos, e comidos pelos barbaros, como aconteceu; porque sabido o tempo em que os Zimbas haviam de entrar na Ilha, mandou o Capitão Mór nesse dia pôr ao longo das praias da Ilha, em paragem que pudessem ver vistos de terra, os batéis, e esquifes da Armada com ordem de recolherem nelles os fugidos que pudessem.

Estando pois nos lugares destinados, víram vir grande multidão de gente fugindo pera a praia, e gritando pera os batéis que os tomassem, porque os Zimbas lhes vinham no alcance pera os matar, e comer, pelo que logo se chegaram quanto puderam á terra, e ás espingardadas defendêram os fugidos que mais se puderam chegar, entre os quaes veio o Capitão Mór dos Turcos Mirale Beque fugindo montado em hum cavallo; e mettendo-se pelo mar com agua pe-

pelo pescoço, pedia aos nossos que o tomassem, como logo fizeram, posto que com algum trabalho, porque choviam sobre elle infinitas fréchas dos Zimbas que o vinham seguindo, e o desejavam matar pela muita resistencia que lhe tinha feito no passo em que peleijou com elles.

Com este Capitão vieram mais trinta Turcos honrados, entre os quaes vinha hum Capitão das suas Galés, homem de muita feição, e hum Xarife, que era Provedor da sua Armada. Tambem tomáram mais de duzentos Mouros de Mombaça, que escaparam da boca dos Zimbas. E não podendo recolher mais gente, por serem as embarcações pequenas, e estavam já muito mettidas no fundo com a que tinham tomado, era mágoa ver affogar muitas mulheres, e crianças, que por medo dos Zimbas se lançavam ao mar, escolhendo antes a morte da agua, que a do ferro cruel dos barbaros.

Depois que as embarcações recolhêram a gente que podiam boamente levar, voltáram pera a nossa Armada, que estava surta no meio do rio, e foram despejando a gente pelos navios. Mirale Beque foi levado á galé Capitânia; e assim que entrou nella, fez sua cortezia, e cumprimentos ao Capitão Mór, como de servo a senhor, e

com

com muito animo , e prudencia lhe disse:
 » Não me espanto da minha adversa fortuna,
 » na , porque são successos de guerra ; e
 » mais quero ser cativo de Christãos , de
 » quem já outra vez o fui em Hespanha ,
 » que ser comido dos Zimbas barbaros , e
 » deshumanos. » O Capitão Mór o recebeu
 com benignidade, dizendo, que fizera boa
 escolha, de que lhe não havia de pezar ao
 diante.

Cativou-se aqui tambem hum filho , e
 hum Irmão de ElRey de Quilife, que esta-
 vam com o Rey de Mombaça , o qual fi-
 lho se resgatou; mas o Irmão foi degolla-
 do , por se lançar da banda dos Turcos,
 como adiante diremos. Neste dia, que fo-
 ram 15. de Março, chegaram as duas Gal-
 vetas á barra de Mombaça, as quaes disse-
 mos tinham ficado no golfão da India lu-
 ctando com os mares , e o Capitão Mór
 lhe mandou logo recado da victoria que
 Deos lhe tinha dado, a qual foi por ellas
 muito festejada com huma formosa salva de
 artilheria. Tambem neste mesmo dia che-
 gou o Principe de Pate com sua gente, por-
 que assim lhe tinha mandado o Capitão
 Mór, pera se ajudar delie na terra, se fos-
 se necessario ; e porque já não havia que
 fazer, mandou que se tornasse pera sua ter-
 ra, e fosse de caminho dando as boas no-

vas da victoria aos Reys da costa amigos dos Portuguezes, o que elle fez de melhor vontade, que peleijar com Turcos, e Mouros de Mombaça, que elle tinha por amigos.

Concluidas estas cousas de Mombaça, determinou logo o Capitão Mór de entender nas cousas de Pemba, pelo que mandou a Matheus Mendes de Vasconcellos, Capitão da costa, que fosse metter de posse o Rey de Pemba, que trouxera consigo de Melinde, o qual pela rebellião de seus Vassallos estava desapossado do Reyno. Foram em sua companhia alguns navios da Armada, pera que se os da Ilha não quizessem obedecer a seu Rey, fossem castigados, e o Rey mettido de posse por força de armas. Mas tanto que Matheus Mendes chegou a Pemba, não achou resistencia, nem contradicção alguma, antes mui pacificamente metteo o Rey de posse do seu Reyno, porque tão grande era o medo que toda aquella costa concebeo com a vinda desta Armada, que nenhuma cousa commetteram então os Portuguezes, que não confissem nella com muita facilidade; porém não foi de muita duração o senhorio do Rey de Pemba, porque pouco depois foi obrigado a deixar pera sempre os seus Estados.

Pe-

NACIONAL

Pera melhor se entender a razão disto, deve-se saber que Pemba he huma Ilha, que jaz defronte de Mombaça, distante da terra firme oito leguas, pouco mais, ou menos, a qual tem nove, ou dez leguas de comprimento, e he muito fertil de mantimentos, e em particular de arroz; tem muitas, e grandes creações de gado vacum, pela qual razão vale muito barato. Toda esta Ilha he cortada de muitas ribeiras de agua doce, e nella ha muitos matos de laranjeiras, e limociros sem dono, e devolutos a quem quizer colher delles. Tem muito rica, e grossa madeira, de que se podem fazer muitas náos; e com ser huma Ilha tão viçosa, fresca, e fertil, he muito doentia.

Nesta Ilha moráram sempre muitos Portuguezes, tanto mercadores casados, como soldados, e soffriam as doenças da terra pela grossa, e boa vida que nella levavam, por sua grande abundancia, e fertilidade; e tinham senhorcado tanto os Mouros da Ilha, e eram tantas as violencias, trapaças, e insolencias que lhes faziam, a que os Mouros chamam empofias, que por toda aquella costa eram falladas as empofias de Pemba; e não podendo os Mouros desta Ilha soffrer tantas forças, e affrontas, como de continuo recebiam dos Portuguezes, deter-

mi-

mináram de se levantar contra elles, e contra o seu mesmo Rey que os soffria; pelo que huma noite saltáram na povoação dos Portuguezes, e nas casas do seu proprio Rey, que perto destes estavam, e matáram muitos, assim homens, como mulheres, e meninos. O Rey com alguns Portuguezes, que puderam escapar deste assalto, fugiram, embarcando-se em Pangaios, que estavam no mar perto da Ilha, e foram-se pera Melinde, onde se achavam ao tempo que aqui chegou o Capitão Mór Thomé de Sousa Coutinho, o qual, como fica dito, mandou metter o Rey de posse de seu Reyno, o que lhe durou pouco, porque passados poucos tempos, se tornáram a levantar os Mouros desta Ilha, e nunca mais quizeram obedecer ao seu Rey natural, o qual se retirou pera a Fortaleza de Mombaça, onde se fez Christão, e ahi vive hoje casado com huma Portugueza, das orfans que vem do Reyno pera estas partes da India.

Concluidas as cousas de Pate, e não havendo já que recear em Mombaça, nem que fazer em seu porto, entregou o Capitão Mór as galés dos Turcos aos Capitães que as haviam de levar pera a India, provendo-as de chusina, munições, officiaes, e mantimentos, e mandou levar toda a Armada, fazendo sua derrota pera Melinde

Couto. Tom. VII.

D

aos

aos 22. de Março, aonde chegou com dous dias de viagem, e foi recebido com muita festa, e alegria assim do Rey, como dos Mouros da terra; e logo o Rey, e o Principe, e Regedores de Melinde foram visitar o Capitão Mór á sua galé, e com grande admiração louvavam a mercê que Deos fizera aos Portuguezes em lhes dar tão brevemente huma victoria tão assignalada. E depois que entráram na galé, e víram nella prezo a Mirale Beque com os mais Turcos, e Mouros nobres de Mombaça, ficaram muito mais admirados, e diziam: *Com os Portuguezes não se tome ninguem, porque tarde, ou cedo lho ham de pagar.*

No dia seguinte foi o Capitão Mór a terra visitar o Rey, onde o recebêram com muitas festas, musicas, tangeres, e bailes, e não se fartavam todos de louvar os Portuguezes, e dar graças a Deos pela mercê que lhes fizera em os livrar de tão grande corsario, como era Mirale Beque. Aqui deixou o Capitão Mór a Mattheus Mendes de Vasconcellos, Capitão da costa, dous navios mais dos da Armada, e alguns soldados pera se defender dos Zimbas, que vinham correndo a costa, e haviam de passar por Melinde; depois despedio-se de ElRey, e partio pera Lamo aos 27. de Março, aonde chegou no dia seguinte.

CA-

CAPITULO IX.

*Situação da Ilha de Lamo, cujo Rey fôz
prezo, e justificado com os mais Mouros le-
vantados da costa de Melinde.*

TAnto que o Capitão Mór chegou á Ilha de Lamo, que jaz além da Cidade de Melinde, e lançou ancora no seu porto, logo o Rey da terra o veio visitar mui confiado á Galé, e como se fora leal, e verdadeiro amigo, e não tivera entregado Roque de Brito aos Turcos, e os mais Portuguezes da sua companhia, que passavam de quarenta; mas tanto que entrou na Galé, logo o Capitão Mór o mandou prender nella, e o mandou pôr ao banco: depois chamou a Conselho todos os Fidalgos, e Capitães da Armada, e foi assentado pelos do Conselho, que o Rey de Lamo fosse degollado pera exemplo, e espanto dos outros Reys da costa. Desta Ilha se partio, levando prezo o Rey; e chegando a Pate, (outra Ilha mui formosa, e fertil, e muito grande, que está pouco distante da de Lamo, e mui chegada á terra firme, a qual he senhoreada por tres Reys, que vivem em tres Cidades situadas dentro da mesma Ilha, povoadas de muitos Mouros, que são

D ii

Pa-

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

Pate, Sio, e Ampaza, e todas tributarias a ElRey de Portugal) mandou ao Principe da terra, ao Rey de Sio, e de Ampaza, que viessem assistir á morte de ElRey de Lamo, e trouxessem consigo seus Regedores, e todos os Mouros principaes de suas Cidades; o que inteiramente cumpriram.

Depois de estarem todos juntos, mandou o Capitão Mór fazer hum cadafalso na praia, em cuja guarda mandou pôr duzentos Portuguezes. Isto feito, desembarcou em terra com grande estado, acompanhado de todos os Fidalgos, e Capitães da Armada, e logo mandou desembarcar os que haviam de ser justicados, o que tudo foi feito na manhã de 6. de Abril. Tanto que chegaram os justicados, subiram logo o Rey de Lamo ao cadafalso, presentes todos os Principes Mouros, e Regedores que fica dito, e mandáram ao Rey que se lançasse em cima de huma alcatifa, que estava pera isso posta no theatro, o que elle logo fez; e deitado nella, lhe cortáram a cabeça, dando primeiro o seguinte pregão em lingua Portuguez, e depois na lingua da terra, pera que todos os Mouros soubessem a causa de sua morte: » Justiça
» que manda fazer o muito alto, e poderoso
» roso Rey D. Philippe Primeiro nosso Senhor,
» nhor, e em seu nome o Senhor Thomé
» de

» de Sousa Coutinho , Capitão Mór desta
» sua Armada : manda degollar este Rey
» de Lamo , por nome Banebaxîra , e confis-
» car-lhe todos seus bens pera a Coroa de
» Portugal , por ora o achar mettido de
» posse do Reyno de Lamo contra justiça ,
» e razão , sendo elle tido , e havido por
» trédor , e levantado , como he , e entregar
» aos Turcos falsariamente a Roque de Bri-
» to com quarenta Portuguezes , entre ho-
» mens , mulheres , e meninos ; e como re-
» belde se tornar agora a confederar com
» os mesmos Turcos , e ajudallos. E por-
» que isto seja notorio a todos os Reys def-
» ta costa , manda sobpena de serem havi-
» dos por trédores , e postos no mesmo lugar ,
» com as proprias penas , que ninguem dê
» sepultura a seu corpo. » Acabado este pre-
» gão , lhe cortáram a cabeça.

Logo apôs este Rey foi justificado no
mesmo cadafalso o Irmão de ElRey de
Quilife , que foi achado em companhia
dos Turcos em Mombaça , ao qual da mes-
ma maneira cortáram a cabeça , e depois
fizeram em quartos pera os dependurarem
em diversas partes. Trouxeram logo os
dous Regedores de Pate , que tinham ido
ao estreito de Meca em busca dos Turcos ,
que tambem foram tomados em sua com-
panhia na Ilha de Mombaça ; e por honra
do

do sangue Real , não quiz o Capitão Mór que fossem degollados em cima do theatro , senão ao pé d'elle sobre hum cepo , que pera isso lhe puzeram no chão , onde foram degollados , e esquartejados , e postos seus quartos pelos muros da Cidade , e lugares publicos. E como estes Regedores eram naturaes da mesma Cidade , foi muito sentida sua morte , e suas mulheres , e parentes davam por suas vidas muito dinheiro ; mas nada lhes valeo pera deixarem de ser justificados.

Foi esta justiça couza que assombrou todos os Reys , e Mouros desta costa , e tremiam com medo de lhes poder succeder a cada hum o mesmo castigo ; e posto que todos o não tivessem no corpo , o sentiram na bolsa ; porque o Capitão Mór condemnou os Mouros de Pate em quatro mil cruzados pera as despezas da Armada , por quanto tinham recebido os Turcos , dando-lhes seu dinheiro sem pelejarem com elles , nem lhes defenderem a desembarcação no seu porto , podendo , como eram obrigados , conforme ás pazes que tinham feito com os Portuguezes. Além disto lhes mandou que logo quebrassem hum formoso baluarte , que tinham de pedra , e cal , pois lhes não valeo pera se defenderem dos Turcos , porque pera os Portuguezes não servia

o que os Mouros acceitáram , e fizeram , posto que não de boa vontade.

Tambem o Rey de Sio foi prezo na Galé , e posto a banco por duas causas : a primeira , porque recebeu os Turcos , e lhes deo dinheiro ; a segunda por não ir a Mombaça , como foi o Principe de Pate , tendo-lhe mandado o Capitão Mór pera se ajudar delle contra os Turcos , pelas quaes culpas o condemnou que pagasse tres mil cruzados pera despezas da Armada , e mandasse quebrar os muros da sua Cidade de Sio , que todos eram de pedra , e cal ; e não foi solto da galé até não cumprir esta pena que lhe tinham imposto.

CAPITULO X.

Destruição da Ilha de Mandra : pazes que o Capitão Mór Thomé de Sousa Coutinho faz com os Reys da Costa de Melinde : sua partida pera a India , e chegada a Goa : conversão de Mirale Beque.

DEfronte de Pate ha outra Ilha chamada Mandra , de muito máo desembarcadouro , e nella huma Cidade povoada de Mouros , os quaes havia muito tempo estavam levantados , sem quererem pagar as pareas que eram obrigados dar á Coroa de
Por-

Portugal; e tão soberbos estavam, que quando a nossa Armada passou pera Mombaça, querendo hum navio della fazer aguada na mesma Ilha, os moradores della lhe disseram, que não desembarcassem em terra, porque em Mandra sómente o Sol podia entrar: pela qual razão concluidas as cousas de Pate, e Sio, mandou o Capitão Mór alguns soldados com todos os navios de remo que fossem destruir, e pôr por terra a Cidade de Mandra, os quaes foram; e tanto que chegaram á vista da Ilha, logo os Mouros della desampararam a Cidade, pelo grande medo que tinham concebido dos Portuguezes, e fugiram pera os matos da Ilha, pelo que os nossos desembarcaram nella pacificamente, puzeram a Cidade por terra, e cortáram-lhes mais de duas mil palmeiras, que he a maior guerra que se pôde fazer a esta gente: e pera este effeito, mandou o Capitão Mór aos Mouros de Pate, e Sio que fossem na companhia dos Portuguezes com ferroles, e machados pera ajudarem a cortar as palmeiras da Ilha, o que elles fizeram com muito gosto, por ganharem a vontade do Capitão Mór, e cobrarem a paz, e amizade dos Portuguezes.

Terminada a destruição de Mandra, e junta toda a Armada, partio o Capitão Mór aos 12. de Abril do porto de Pate

pera o de Ampaza , onde affentou , e fez pazes com o Principe da mesma Cidade , por achar que não tinha offendido aos Portuguezes em cousa alguma , e pera isso mandou vir o Principe á sua Galé , onde se achou presente o Principe de Pate , e o Rey de Sio , e todos os Fidalgos , e Capitães da Armada , e diante de todos fez o Principe de Ampaza hum solemne juramento em feu Moçapho , de guardar inteiramente o concerto de pazes , o qual era : » Que » elle seria obrigado a dar em cada hum » anno vinte escravos pera as Galés do estado da India , e não deixaria entrar em » suas terras homens trédores á Coroa de » Portugal ; e sendo caso que viessem Turcos á costa , elle se ajuntaria com os Reys de Sio , e Pate , pois todos eram vizinhos , moradores na mesma Ilha , e Vassallos de ElRey de Portugal , e lhe denderiam o porto até morrer na contenda ; e assim mais lhe não dariam agua , nem Pilotos , nem favor , nem cousa alguma de suas terras , sobpena de serem havidos por trédores , e castigados , como foi Mombaça , Mandra , e o Rey de Lambo. » As mesmas condições de pazes juraram os Reys de Pate , e Sio com todos os seus Regedores. E o Capitão Mór , em nome de Sua Magestade , prometteo de

cum-

cumprir , e guardar as ditas pazes , cumprindo elles o que tinham jurado. Acabada esta cerimonia , foi jurado Rey natural o Principe de Ampaza com muita festa , som de trombetas , tambores , pifaros , e artilheria.

Postas as cousas desta costa na ordem que temos dito , partio o Capitão Mór deste porto com toda a Armada pera a India aos 15. de Abril , levando em sua companhia as galés , e fustas dos Turcos , e os cativos que tomou em Mombaça ; e desta maneira foi navegando até á Ilha de Socotorá , aonde chegou a 28. de Abril ; e tomando aqui mantimentos , e agua , se fez na volta de Goa , aonde chegou com prospero vento a 16. de Maio , em cuja barra achou o Governador Manoel de Sousa Coutinho , que tendo já noticia da sua vinda , o estava alli esperando.

Tanto que a Armada surgio no Rio , veio logo o Governador á Galé Capitânia muito alegre , e dando graças a Deos pela mercê que lhe tinha feito de lhe dar hum vitoria tão assignalada. Aqui se lançou Mirale Beque a seus pés ; e elle levantando-se da cadeira em que estava , lhe disse , que se levantasse ; e tornando-se a assentar , lhe perguntou como estava ; ao que o Turco respondeo : *Como escravo de V. Senhoria ;* e

o Governador lhe tornou : *Alegrai-vos , e esperai em Deos , que já eu fui cativo de peior Senhor do que vós sois , que foi o Malabar , e agora estou neste estado que vedes : assim vos póde succeder e vós.* A isto respondeu Mirale : *Senhor , verdade he que eu sou cativo ; mas sendo-o de V. Senhoria , me hei por mui grande Senhor.* No dia seguinte entrou a Armada pera dentro , e foi recebida , e festejada na Cidade de Goa com muitas festas , e descargas de artilheria , como tal vitoria merecia. Mirale Beque foi mandado pera o Reyno , onde se converteo , e fez Christão , no que restaurou pera sua alma todas as perdas , e quebras que tinha recebido no corpo ; os mais Turcos , e Mouros ficáram servindo nas Galés deste Estado da India.

CAPITULO XI.

Desbarato total dos Zimbas em Melinde com o soccorro dos Cafres Mosseguejos : chegam a Goa quatro náos do Reyno.

A Expedição que acabamos de tratar foi certamente huma das mais notaveis do Governo de Manoel de Sousa Coutinho , posto que não foi a unica que deo a conhecer a actividade , zelo , e valor deste Fi-

Fidalgo, cujas qualidades sempre sustentou, e pelas quaes sempre mereceo hum geral, e público respeito; e como os grandes, e valerosos Generaes infundem valor nos officiaes, e soldados que servem sobre os seus auspicios, desta influencia coube muita parte a Mattheus Mendes de Vasconcellos, Capitão da costa de Melinde, que com trinta Portuguezes, entre soldados, e mercadores, fez cara a todo o exercito dos Zimbas; os quaes concluida a sua empreza de Mombaça, que foi basculhar os matos desta Ilha, e matarem, e comerem a quantos Turcos, e Mouros puderam achar, e a toda a coufa viva que nella encontráram; e passando-se depois á terra firme, foram caminhando até Melinde.

O Rey de Melinde, bem que andasse muito atemorizado com as novas da vinda dos Zimbas, e da destruição que tinham feito em Quiloá, e Mombaça, com tudo não deixava de ter grande confiança no esforço de Mattheus Mendes de Vasconcellos, que então se achava em Melinde com trinta Portuguezes sómente, como já disse-mos, os quaes estavam todos apostados a defender-lhe a Cidade, ou morrerem na contenda. Chegando finalmente os Zimbas a Melinde com muita soberba, e ousadia, como quem até então nenhum medo tinha de

de nação alguma, commettêram a Cidade com muito esforço; e posto que os nossos matáram muitos á espingarda, com tudo isso não deixavam de entrar por algumas partes do muro, que era baixo, e estavam já quasi senhores de hum baluarte, havendo briga mui travada de parte a parte. Porém neste tempo chegaram de soccorro a Melinde mais de tres mil Cafres amigos de ElRey, chamados Mossequejos, os quaes tendo noticia do aperto em que ElRey de Melinde, seu amigo, estava com a vinda dos Zimbas, o vinham soccorrer.

Estes Mossequejos são homens mui esforçados, e amigos de guerra, dos quaes ao diante trataremos mais largamente. Chegando pois a tempo de combate, deram nas costas dos Zimbas com tanto animo, e esforço, que em breve tempo os ajudáram a desbaratar, e pôr em fugida. E como os Zimbas eram estrangeiros, e tinham feito tantos males, e mortes pelos caminhos, e terras por onde foram, o mesmo lhe fizeram a elles em sua fugida, matando a todos por onde quer que os achavam, e sómente escapáram com vida o Capitão delles, e obra de cem homens, que tornáram a desandar o caminho por onde foram, todos unidos em hum corpo, sem se apartarem até chegarem outra vez a suas terras.

De

N IMPRENSA
NACIONAL

De modo que nesta Cidade de Melinde com o esforço dos Portuguezes, e ajuda dos Mossaguejos se acabou o exercito dos Zimbabás, que tinha sahido das terras, que correm ao longo do rio de Sena, e chegado até Melinde, que são quasi trezentas leguas de caminho, sem haver quem lhes resistisse, nem pelesse com elles, antes lhes largavam as povoações, e lugares por onde sabiam que vinha este cruel, e carniceiro exercito. Dos costumes, e brutalidades destes Cafres Zimbabás trataremos ao diante, e em lugar mais opportuno.

Daremos fim a este anno com a vinda de quatro náos, que no mez de Outubro chegaram a Goa, das sinco que em Abril passado expedio de Lisboa pera a India El-Rey D. Philippe Primeiro, das quaes veio por Capitão Mór Bernardim Ribeiro Paracheo na náo Madre de Deos, Christovão Correa da Cunha na náo S. Bernardo; Sebastiam de Macedo de Carvalho na náo Nazareth; Christovão de Sousa na náo Santo Alberto. Estas quatro náos chegaram a salvamento; porém a quinta, que era a náo Santo Antonio, Capitão D. João da Cunha, desapparecco na viagem, sem se saber nem o como, nem aonde: as quatro náos se foram pera Cochim aviar de carga pera no anno seguinte voltarem pera o Reyno.

CA-

CAPITULO XII.

Continuão-se os successos do Governo de Manoel de Sousa Coutinho: chega a Goa o novo Viso-Rey: parte pera o Reyno o seu Antecessor, e naufraga nos baixos do Garajao.

CHegada a monção, e promptas de carga as náos que em Outubro do anno passado chegaram á India, partíram de Cochim no mez de Janeiro deste anno, das quaes tres chegaram em direitura ao Reyno; porém a Capitânia errando a Ilha de Santa Elena, foi ao Brazil tomar agua; e indo seguindo depois sua viagem pera Lisboa, foi assaltada de sete náos Inglezas com quem batalhou sinco dias, das quaes se defendeo valerosamente, e com pouco damno chegou ao termo da sua derrota. Expedidas as náos, e não podendo o animo activo do Governador estar ocioso em Goa, embarcou-se em huma Armada, e foi visitar todas as nossas Fortalezas do Norte, e levantar huma de novo em Mascate, e ao mesmo tempo castigando, e destruindo os iniinigos do Estado, que infestavam os mares com seus roubos.

Desta mesma Armada mandou huma parte ao Reyno de Olala, onde fez grandes

des destruições, e tomou muitos navios, e náos emajuda de ElRey Banguel amigo do Estado, pela qual razão sempre achou os Portuguezes promptos pera o soccorrerem contra seus inimigos, o que fizeram em huma occasião com affás de infelicidade; por quanto mandando-se-lhe no tempo deste Governador trezentos Portuguezes pera o ajudarem a cortar, e derrubar huns palmares do Rey de Olala, estes desprezando o inimigo, se derramáram pela terra de tal forte, que cahindo sobre elles aquelles mesmos a quem tanto desprezavam, facilmente os passáram todos á espada sem escapar hum só, que pudesse dar noticia deste tragico successo.

Porém não foi sómente esta a vez em que a presumpção, e defacitada confiança dos Portuguezes lhes foram funestas, e á sua propria custa aprendêram a não desprezarem a fraqueza dos inimigos; pois que encontrando-se huma Galera nossa com huns barcos de corsarios Canganezes, mofando do seu pouco poder, os entráram a affrontar, e a injuriar com palavras muito affrontosas; de tal forte que irritáram tanto aos Canganezes, que abalroando a Galé, a entráram, e passáram á espada todos quantos Portuguezes nella vinham.

Estas desventuras particulares nada di-

mi-

minuem a gloria de que se cubríram as Armas Portuguezas durante o Governo de Manoel de Sousa Coutinho, o qual se findou com hum sanguinolento combate de duas Galeras nossas, de que eram Capitães D. Francisco Rolim, e D. Francisco Mascarenhas, com huma Armada de Malabares; capitaneada pelo célebre Mouro Cutimuza; as quaes duas Galeras foram mandadas a Chaul pera trazerem a Goa hum Embaixador do Mogor; e chegando ao Rio de Carapatam, foram accommettidas por toda a Armada Malabar. Mas os nossos não se desanimando á vista da superioridade dos inimigos; que tão desigual fazia o combate, não só se defenderam animosamente, mas obrigáram os Malabares a evitarem com huma apressada fugida a sua total ruina.

Pouco depois mandou o Governador contra elles huma Armada, que lhes tomou doze galés no mesmo Rio de Carapatam. Estas foram as memorias que pudemos achar deste Governo, no qual certamente houve outras muitas cousas bem dignas de escriptura; mas ou se perdêram, ou escapáram, como as de outros muitos Heroes, aos escriptores Portuguezes, ou as occultou a inveja, como muitas vezes acontece.

A este tempo já vinha navegando para

Couto. Tom. VII.

E

ra

N IMPRENSA
NACIONAL

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

ra a India o novo Viso-Rey Mathias de Albuquerque, que neste anno foi nomeado por ElRey D. Philippe Primeiro, o qual tinha ido o anno passado pera a Europa, pessoa que não só por suas qualidades, e Fidalguia, mas por seu saber, valor, e prudencia se fazia merecedor de cargo tão importante, o qual partio de Lisboa a 8. de Maio deste anno com hum Armada de cinco náos, de que era Capitão Mór o mesmo Mathias de Albuquerque na náo Bom Jesus; Loppo de Pina na náo Conceição, João Lopes de Azevedo na náo Santo Antonio, Pedro Gonçalves na náo S. João, e Alvaro de Paiva na náo S. Philippe. Estas quatro ultimas arribáram a Lisboa por sahirem fóra de monção, por a qual razão auguravam todos que o Viso-Rey não poderia chegar á India; porém elle protestava que a pezar de tudo havia de ir a Goa, e o conseguiu; pelo que dizem alguns, que em allusão a isto se mandára pintar em hum estandarte com os pés sobre a fortuna, e o arvorára sobre a poppa da sua náo.

A náo do Viso-Rey seguindo sua viagem, chegou tanto ávante, que avistou a costa da India; porém não podendo tomar Mascate, nem Ormuz, foi aportar a Socotrá, onde estando surta lhe quebrou a amarra; e levandose pera ir tomar Moçambi-

bique, descahio tanto, que chegou muito perto dos baixos de João da Nova, onde houvera de se perder, se por fortuna lhe não viesse de repente hum vento, que o levou a Moçambique, aonde chegou a 10. de Janeiro do anno 1591. com a maior parte da gente morta, e ahi invernou. Chegado o tempo de seguir sua viagem, deixou a náó em que tinha vindo, e foi-se pera a India em huma frota de Galés, e Fustas, cujos Capitães eram D. Jorge de Castello-Branco, Manoel de Sousa de Gouvea, Francisco Lopes Tigre, D. Alvaro de Abranches, e outros, cujos nomes ignoramos, e Capitão Mór o mesmo Viso-Rey, os quaes todos chegaram felizmente a Goa no dia 15. de Maio deste anno. Pouco depois chegou tambem a náó que elle deixára em Moçambique, a qual invernou este anno em Goa.

Com a vinda do nosso Viso-Rey dimitio nelle Manoel de Sousa Coutinho o Governo, que teve tres annos, e dezeseis dias, e foi-se pera Cochim cuidar na sua viagem pera o Reyno, pera o que lhe deo o Viso-Rey a náó Bom Jesus, em que elle tinha vindo, na qual elle se embarcou com toda a sua familia, e naufragou nos baixos do Garajao, como se dirá em seu lugar.

CAPITULO XIII.

Manda o novo Viso-Rey huma Armada contra o Cunhale : tomão-se duas náos de Meca , e duas Armadas inimigas : morte de ElRey de Manar , e he alçado Rey em seu lugar seu filho segundo.

COm a chegada do nosso Viso-Rey a Goa , dimittio nelle Manoel de Sousa Coutinho o governo ; e entrando logo a entender nas cousas delle , soube que o Rey de Jafanapatan favorecia poderosamente os interesses do Rey de Cande , com grave damno dos Portuguezes , e de quantos seguiam a Lei de Christo ; pelo que mandou aprestar huma poderosa Armada , cuja Capitania mór deo a André Furtado de Mendoça , a quem ordenou fosse castigar a insolencia daquelle bárbaro , e quebrar-lhe a arrogancia com que se intitulava Rey dos Reys.

Sahio de Goa André Furtado em Agosto deste anno ; e chegando defronte de Calcut , houve vista de tres náos de Meca , que fiadas na grande chufma de Turcos que traziam , e na muita , e grossa artilheria que as guarnecia , não duvidáram affrontar-se com os nossos , que depois de hum

bem

bem porfiado combate, mettêram duas a pique, e aprezáram a outra.

Ganhada esta batalha, foi seguindo sua derrota em demanda do corsario Cutimuza, sobrinho, e General do Cunhale, que com huma frota de vinte e huma galés se tinha senhoreado de toda a Costa de Comandel, por onde fazia notaveis damnos aos navegadores Portuguezes, vangloriando-se juntamente de que nos havia de lançar fóra das Fortalezas de Manar, e de Columbo; e encontrando com elle á entrada do Rio de Cardiva, aqui mesmo lhe offereceo batalha, e elle a não recusou confiado em suas forças, e nos seus bons successos passados. Com igual valor se investíram estas duas Armadas, mas não com a mesma fortuna; porque depois de huma muito obstinada peleja, deixou Cutimuza toda a sua Armada em poder dos nossos; e pera salvar a vida, e a liberdade, se entregou ás aguas do rio, e por elle assim escapou nadando.

Com estas duas victorias de antemão ganhadas, chegou o nosso Furtado ao porto de Manar, onde achou ancorada huma Armada, não menos poderosa que a que elle mandava, a qual improvisamente accommetteo, e rendeo, sem lhe escapar hum só vaso della. Nesta acção poucos dos

ini-

inimigos escapáram da morte, ou do cativoiro, e os que puderam conseguir lançar-se ao mar, escapáram a nado, e depois marcháram a incorporar-se com o exercito do Rey, que estava em hum lugar fortificado com seus reparos, tranqueiras, e torres, tudo bem guarnecido de artilheria grossa, e miuda, com outras muitas armas, e proporcionadas munições. A este mesmo lugar foi logo André Furtado com os seus buscar os inimigos, que com muita ufania o estavam esperando, e com intrepida resolução lhe offerecêram batalha; porém nem a sua soberba, nem a fortaleza de lugar lhes pode aproveitar de cousa alguma, por que logo o desamparáram, não podendo resistir ao esforço dos Portuguezes. Neste accommettimento perdêram muitos dos inimigos as vidas; e os que puderam escapar, largando as armas pera irem mais leves, fugiram pera a Cidade, onde o Rey estava; o qual vendo o desbarato dos seus, ardendo em raiva, com palavras injuriosas, e terriveis ameaças ordenou ao seu General que voltasse sobre os nossos, sem querer dar ouvidos ao que este lhe aconselhava, dizendo-lhe se puzesse em cobro, pois não tardariamos em entrar-lhe pelo proprio Paço, e destruillo.

Voltou com effeito o General inimigo

a affrontar-se com os nossos ; e brigando valerosamente, acabou perdendo a vida, e todos os que o acompanhavam. Tão velozmente corrêram nesta occasião as nossas armas, que primeiro as sentio o Rey sobre si, do que lhe chegasse a noticia da total perda das suas; e póde dizer-se que perdeu a vida sem o saber. Com elle a perdeu juntamente o seu filho primogenito; cujo Irmão segundo prostrando-se aos pés do nosso Capitão Mór, lhe pediu a vida, e este generosamente lha outorgou; em final do que, tirando o seu proprio elmo, lho poz na cabeça; e levantando-o assim mesmo cuberto, o entrou a tratar com muita reverencia. Depois de tudo socegado, deo-lhe a investidura daquelle Reyno com mui decentes condições. Concluidas as cousas de Jafanapatan, voltou André Furtado de Mendoça pera Goa carregado de despojos, e cuberto de gloria.

CAPITULO XIV.

Manda o Viso-Rey huma Armada contra o Cunhale: faz o Çamorim pazes com o Estado: chegão a Goa as náos do Reyno: partem pera a Europa aviadas de carga, e com ellas vem o Governador Manoel de Sousa Coutinho na náo Bom Jesus, e naufraga nos Baixos do Garajão: successos desta viagem.

EM quanto André Furtado de Mendonça andava lidando nas coufias de Jafanapatan, mandou o Viso-Rey a D. Alvaro de Abranches com outra grande Armada contra o valente corsario Cunhale, que com muitos navios, e prosperos successos andava escumando os mares, e assolando as costas; e foi tão grande a leva de gente que se fez pera esta expedição no Malabar, que o Çamorim assombrado de tão grande poder, entrou a titubear; o que vendo o P. Francisco da Costa, Jesuita, que a este tempo se achava cativo naquella Corte, e outros Portuguezes apreçados pelo corsario Cunhale, entrou a persuadillo a que se congraçasse com os Portuguezes: e houve-se tão bem nesta negociação, que alcançou liberdade, e licença do Çamorim pera da sua parte ir tratar de pazes com

o Capitão Mór D. Alvaro de Abranches, que já entrava a ir discorrendo por aquelles mares. Ouvio D. Alvaro de Abranches o Padre; e como não quiz tomar sobre si hum negocio tão importante, enviou-o ao Viso-Rey, de que resultou formarem-se convenções proporcionadas ao estado das cousas; as quaes sendo acceitas, e firmadas de ambas as partes, foram tão applaudidas do Camorim, que não só deo liberdade a todos os Portuguezes, que tinha cativos no seu Reyno, mas franqueou aos Jesuitas o poderem livremente evangelizar por todo elle, e juntamente fundar Igreja, sendo elle o que com a sua mão lançou os primeiros fundamentos della. Sem derramamento de sangue, nem trabalho se concluiu felizmente esta paz muito vantajosa pera o Estado, bem que não foi muito duravel por então, porque a boa fé destes barbaros sempre he fundada em infidelidade; mas tornou a reparar-se de novo.

Antes de darmos fim ás cousas deste anno, daremos relação das embarcações que ElRey D. Philippe Primeiro despachou pera a India em 19. de Outubro do anno passado, de que eram Capitães Diogo Pereira Tibáo na naveta Santo Espirito; Ruy Gomes da Gram do Galeão S. Lucas; Gaspar Fagundes da Caravella Santa Catharina, que

que foi a unica que chegou á India em Setembro deste anno, depois de ter invernado em Moçambique, porque a Naveta ao terceiro dia da sua sahida de Lisboa foi tomada pelos Inglezes; e a sua gente, sendo por estes lançada na costa, se tornou a Lisboa: o Galeão provavelmente naufragou, por quanto nunca mais houve novas delle.

No mesmo mez de Setembro, e quasi ao mesmo tempo em que chegou a Goa a Caravella Santa Catharina, chegaram tambem as cinco náos, que em 4. de Abril deste anno partíram de Lisboa pera a India, de que era Capitão Mór Fernando de Mendôça Furtado na náo Madre de Deos, e segundos Simão Vaz Tello na náo S. Bartholomeu; Julião de Paiva Cerveira na náo S. João; Antonio Teixeira de Macedo na náo Santa Cruz; e João Trigueiros na náo S. Christovão; e pera Malaca D. Francisco Mascarenhas na náo S. Luiz.

Estas mesmas náos aviadas de carga, menos a náo S. João, que ficou na India, expedio o Viso-Rey pera Portugal em 10. de Janeiro de 592. e com ellas juntamente o Governador, que foi Manoel de Sousa Coutinho, na náo Bom Jesus, que o Viso-Rey lhe deo pera fazer sua viagem, humas das mais ricas, e poderosas que vio o Oceano;

ano; a qual querendo tomar Moçambique, se perdeu nos baixos do Garajão, e com ella juntamente o Governador, sua mulher, seus haveres, e todos quantos nella vinham, sem se salvar hum a só pessoa. A mesma infelicidade teve a náó S. Bartholomeu, Capitão Simão Vaz Tello; mas não se soube nunca a paragem da sua perdição.

As náos Madre de Deos, e Santa Cruz seguindo sua viagem, e vindo tanto avante como a Ilha Terceira, peleijaram com sete Galeões Inglezes, que conseguindo tomarem a Capitânia, a levaram a Inglaterra com toda a gente, a qual ao depois se resgatou, e voltou pera Portugal. O Capitão da Santa Cruz receando a mesma ventura, ou outra peor, como estava muito á terra, salvou nella toda a sua gente, e entregou ao fogo a náó com toda a sua carga. De quantas náos vieram este anno da India, só a náó S. Christovão, de que era Capitão João de Trigueiros, chegou a Lisboa a salvamento.

CAPITULO XV.

Das guerras que os Capitães de Tete, e Sena tiveram com os Cafres nossos inimigos: e relação dos Cafres da dependencia de Tete, e outros.

EM quanto estas cousas se passavam sobre as aguas do mar, succediam outras na terra não menos importantes, que lastimosas; assim primeiro que tornemos a lançar mão das cousas da India, releva dizermos o que succedia pelas immedições de Moçambique, onde os Capitães de Tete, e Sena tiveram algum recontro com os Cafres nossos inimigos. Porém pera melhor entendimento do que vamos a dizer, deve saber-se primeiramente que Tete he huma Fortaleza nossa, em torno da qual, e em distancia de duas, e tres leguas ha onze povoações, e em cada huma dellas hum Capitão, ou Governador Cafre da mesma nação, a quem em linguagem da terra chamam Encosses, cujos Cafres todos são vassallos, e sujeitos ao Capitão de Tete; e he tanta a authoridade que tem sobre elles, e sobre os seus Encosses, que em algum destes faltando ao seu dever, ou vindo a morrer, põe outro da sua mão, qual bem

lhe parece, sem opposição alguma dos Cafres, que lhe hão de ficar sujeitos.

Estes Cafres da dependencia de Tete são tão inclinados á guerra, que se estivesse em sua mão, andariam sempre nella; e tanto he affim, que dizem; que mais folgão guerrear, do que cavar; porque os que morrem guerreando, fencem seus trabalhos; e os que vivem, ficam abastados com os despojos que ganham: pelo que sendo chamados pelo Capitão de Tete pera alguma guerra, ou pera outra qualquer cousa necessaria ao bem público, acodem logo todos armados de arcos, fréchas, azagaias, machados, enchadas, e todos os mais pertences que o caso requer; e postos em ordem, cada Encosse com a sua gente, seus tambores, bozinas, e bandeiras vam apresentar-se ao Capitão de Tete, os quaes todos juntos montão a mais de dous mil homens de peleija, muito valerosos, e muito guerreiros, que sempre estão promptos pera qualquer lance que se lhes offereça.

Defronte desta nossa Fortaleza, e além do Rio Zambeze pela terra dentro, e pera a banda do Nordeste, e do Leste, jazem duas nações de Cafres, huns chamados Mumbos, e outros Zimbas, ou Muzimbas, os quaes o seu mais gostoso manjar he carne humana; e não só comem os cativos,

que

que apanham na guerra, e os que matam, ou lhes matam nella, mas tambem toda a cousa viva que lhes cahe na mão, e continuamente tem açougues em que cortam, e vendem carne humana.

Entre estes Cafres Mumbos havia hum por nome Quizura, que tinha tomado hum lugar chamado Chicarongo, distante de Tete dez leguas, e outras mais terras, tudo pertencente a hum cafre nosso amigo, sobre quem veio de mão armada, e lhe destruiu, e tomou, além das terras, muitos vassallos, que levou, e comeo. Vendo-se elle neste aperto, recorre ao Capitão de Tete, pera que o soccorresse, e livrasse de hum inimigo tão barbaro, o que elle não recusou, não só por compaixão, mas por desfalojar do pé de si tão má gente; e passando-se além do Rio com os Portuguezes que havia na terra, e levando consigo os onze Encosfes vassallos do Forte, caminhou pera Chicarongo, onde Quizura se tinha fortificado; e dando de repente sobre os Mumbos, que eram seiscentos homens de peleija, e todos muito esforçados, em breve espaço perdêram todos as vidas ás mãos dos nossos, e com elles o mesmo Quizura, não obstante o haverem-se muito valerosamente.

Vencida a batalha, restituiu o nosso Ca-

Capitão a terra a seu dono, que se achou presente a esta acção; e mandando dar volta a terra, se deo com hum açouge, em que os Mumbos cortavam, e vendiam todos os dias parte da gente que cativavam, e junto a elle muitos negros, e negras atados de mãos, e pés, já destinados para serem mortos naquelle dia, os quaes todos foram postos em liberdade, com outros muitos, que se acháram prezos para o mesmo. Este Quizura era tão barbaro, e inhumano, e tão desvanecido com suas crueldades, que tinha calçado o pateo, e a entrada da casa em que vivia com os cascos das cabeças dos homens que tinha morto, e cativado nesta guerra, e por ella passavam todos os que entravam, e sahiam. Os nossos depois de descansarem aqui alguns dias, voltáram para Tete, trazendo cativos todas as mulheres, e meninos, que acháram dentro do lugar, deixando arrazada a força que os Mumbos tinham levantado.

CAPITULO XVI.

Guerra dos Portuguezes com os Zimbabues ou Muzimbas : desbarato , e morte da gente de Tete : prizão , e martyrio do P. Fr. Nicoláo do Rosario.

Logo depois desta guerra tiveram os Portuguezes destas mesmas partes outra com os Muzimbas ; mas não foi tão venturosa como a que acabáram com os Mumbos. He de saber , que além do rio de Sena , e em frente da Fortaleza que aqui temos , vivem alguns Cafres nossos amigos , e muito servidores dos Portuguezes ; contra hum destes veio hum Capitão Cafre dos Muzimbas , e á força de armas lhe roubou suas terras , matou , e comecou muita gente. Pera recobrar seus bens , e deitar fóra de casa hum inimigo tão cruel , veio o Cafre nosso vizinho pedir socorro ao Capitão de Sena , que então era André de Sant-Iago , e este pelas mesmas razões que teve o Capitão de Tete pera accommetter os Mumbos , não duvidou ajudallo a restaurar suas terras ; e aprestando logo todo o necessario pera esta guerra , atravessou o rio com a maior parte dos Portuguezes , que estavam em Sena , com suas espingardas , e dous berços , que tirou da For-

raleza, e foi-se em busca dos Muzimbas, que achou muito soberbos, dentro de huma cerca de madeira muito grossa, com seus revézes, e setteiras, e de roda huma cava muito funda. Conhecendo André de Sant-Iago que as suas forças não condiziam com a grandeza da empreza, aposentou o seu arraial nas margens de huma ribeirá vizinha, que corria junto ao lugar dos Muzimbas, e mandou dizer a Pedro Fernandes de Chaves, Capitão de Tete, que o fosse ajudar com os seus Portuguezes, e os Cafres seus vassallos.

Tanto que o Capitão de Tete houve este recado, entrou logo a preparar-se pera ir em soccorro de André de Sant-Iago; e convocando mais de duzentos espingardeiros entre Portuguezes, e mistiços, passou-se além do rio, onde já o estavam esmerando os onze Encosses com toda a sua gente, e juntos foram caminhando porterra até á paragem em que estavam os Muzimbas; porém estes sabendo da sua ida, e temerosos da sua chegada, lançaram escondidamente suas espias, pera saberem o numero da gente que era, e o como vinha ordenada; e avisados de que os Portuguezes vinham meia legua diante do arraial dos cafres que os acompanhavam, e que marchavam sem ordem, e em manchiras,

Couto. Tom. VII.

F

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

e andores, sahiram de noite do seu intrincheiramento, sem serem sentidos do arraial de André de Sant-Iago, e foram embuscar-se em hum mato muito espesso, que ficava meia legua distante do sitio que elles occupavam, por entre o qual devia passar a gente de Tete.

Chegados os Portuguezes ao mato, e não se lembrando do mal que lhes podia succeder, mettêram-se a elle sem resguardo algum; porém os Muzimbas tanto que os colhêram dentro d'elle, e tão desapercebidos, deram de improviso sobre elles, e matáram todos, sem escapar hum só com vida: depois de todos mortos, cortáram-lhes as pernas, e os braços, e carregáram com elles ás costas, e com todo o fardo, e armas que traziam, e com o mesmo segredo com que sahiram da sua Fortaleza, se tornáram a recolher a ella. Quando os Encostes chegaram, e víram mortos os Portuguezes, e o seu Capitão, não ousáram passar adiante, e dalli mesmo voltáram para Tete a dar noticia desta lastimosa perdição.

Quando se principiou esta guerra andava o P. Fr. Nicoláo do Rosario da Ordem de S. Domingos, varão abalizadissimo em muitas virtudes, missionando em Tete; e querendo o Capitão Pedro Fernandes,

os mais Portuguezes levar comfigo quem lhes ministrasse o mantimento espirital, pediram a este Padre os quizesse acompanhar nesta jornada, o que elle não recusou; por lhe parecer que nisto fazia grande serviço a Deos, e aos Portuguezes; e indo com elles, o feriram gravemente os Muzimbas nesta cilada, prendêram, e leváram ainda vivo, pera terem o golto de o martyrizar mais cruelmente, como na yerdade fizeram; porque assim que entráram na sua estança, o atáram de mãos, e pés a huma arvore, e ás fréchadas o acabáram de matar; o que lhe fizeram por ser Sacerdote, e cabeça, diziam elles, dos Christãos, sem cuja licença não fazem cousa alguma; e por isso lançavam sobre elle a culpa desta guerra, o qual martyrio elle supportou, como valeroso soldado de Jesu Christo.

CAPITULO XVII.

Qualidades, e brutalidades destes Muzimbas: e desbarato, e morte de André de Sant-Iago.

HE tal a barbaridade destes Muzimbas, que não tem Religião alguma, nem prestão culto a ídolos; mas em lugar destes, reverenceão o seu Rey; e este tem pe-

ra si que he Deos da terra; assim se succede chover, quando elle não quer, ou faz calma, despara fréchas contra o Ceo em castigo da sua desobediencia. A maior parte de todos estes Cafres são altos de corpo, bem dispostos, e reforçados; as suas armas offensivas são machadinhas, fréchas, e azagaias; e as defensivas humas rodellas grandes, com que se cobrem nas occasiões de peleija, feitas de huma madeira muito leve, e cubertas de pelles de animaes silvestres, que matam, e comem. E ainda que todos elles comam carne humana, o seu Rey não a come, pera se differenciar dos seus vassallos: tambem costumam fazer taças pera beber das cáveiras dos que matão na guerra, e disto se desvanecem muito: se alguns adocem, ou ficam mortalmente feridos da guerra, por afforrarem o trabalho de os curar, acabam de os matar, e comem-nos.

Tornando ao proseguimento da nossa historia, acabado o martyrio do P. Fr. Nicoláo, descançaram os Muzimbas o resto do dia; e tanto que veio a noite, entraram a festejar a sua vitoria, tangendo muitas bordinas, e tambores, e ao romper da manhã do dia seguinte sahiram todos da sua Fortaleza: hia o Capitão vestido com a casula que o Padre levava pera celebrar o Santo

Sacrificio, o Calis na mão esquerda, e hum azagaia na direita; seguiam-no os seus com os quartos dos Portuguezes ás costas, e a cabeça do Capitão Pedro Fernandes de Chaves cravada na ponta de hum grande haste; e assim marchando, e tocando no mesmo tambor que tinham tomado aos nossos, e grande grita, foram com este ridiculo, mas tristissimo apparatus, dar mostras de si, e de todas estas cousas a André de Sant-Iago; e tornando a recolher-se, diziam, que o mesmo que tinham feito aos de Tete, lhe haviam fazer a elle, e aos que com elle estavã.

André de Sant-Iago, que não sabia o desastre de Pedro Fernandes, atemorizado, e todos os mais que o acompanhavam, com hum tão horrivel, e inesperado espectáculo, e perdidas as esperanças do soccorro, assentou retirar-se assim que fosse noite; mas foi tal a desordem que tiveram no atravessar a ribeira, que sentindo-os os Muzimbas, sahiram da sua Fortaleza subitamente, e deram sobre elles com tanta impiedade, que alli mesmo nas margens della tiráram a vida a muitos, e entre estes a perdeu tambem o mesmo André de Sant-Iago, brigando muito esforçadamente; porque podendo retirar-se, o não quiz fazer, antes se deixou ficar na praia, defendendo os seus, tirando

a

a vida a muitos primeiro que perdesse a sua. Nestas duas occasiões matáram os Muzimbas entre Portuguezes, e mistiços de Sena, e Tete, cento e trinta pessoas com os seus dous Capitães; o que fizeram muito a seu salvo, porque de ambas as vezes apanharam desapercibidos os Portuguezes; porém não deixam de ser descuidos indesculpaveis.

Muito sentimento causou por todas aquellas partes a desgraçada morte de toda esta gente, não só por serem muitos delles casados, e que viviam com suas mulheres, e filhos pelas margens daquelles rios, mas por ficarem os Muzimbas muito ufanos com a victoria, e fortalecidos nas vizinhanças de Sena, donde ao diante podiam fazer muito damno aos Portuguezes, que navegam suas fazendas por estes rios. Ponderadas todas estas razões pelo Capitão de Moçambique, D. Pedro de Sousa resolveo castigar estes Muzimbas, e lançallos fóra das vizinhanças de Sena; e em quanto elle se apparelha pera esta guerra, vamos ver o que vai por Melinde, Quilife, e Mombaça, onde os successos da guerra foram muito mais favoraveis.

CAPITULO XVIII.

Da grande victoria que ElRey de Melinde alcançou de ElRey de Quilife com ajuda dos Portuguezes, e cafres Mosseguejos.

POr este mesmo tempo alcançou ElRey de Melinde, com ajuda do Capitão da costa, e dos Portuguezes que com este andavam, e dos Mosseguejos seus amigos, duas grandes victorias, huma contra o Rey de Quilife, outra contra o de Mombaça. Quilife he hum rio, que corre entre Melinde, e Mombaça, de que tinha o regimento hum Mouro parente do Rey de Mombaça, vizinho tão máo, e insolente que até dentro dos termos de Melinde mandava insultar os moradores desta Cidade, e tudo isto fazia em odio dos Portuguezes; e não podendo o Rey de Melinde supportar tantos aggravos, como continuamente se lhe faziam, consultou com o Capitão da costa sobre o como se haveria neste caso, e asentáram fazer guerra ao Rey de Quilife, e tomar vingança pelas affrontas que delle recebia.

Tomada esta resolução, e negociadas as cousas necessarias pera esta guerra, juntos os Portuguezes, que seriam até trinta

OS

N IMPRENSA
NACIONAL

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

os Mouros de Melinde, e os Mosseguejos, a quem o Rey de Melinde mandou convidar, que de muito boa vontade os quizeram seguir, caminháram pera Quilife, cujo Rey sabendo da sua ida, estava já intranqueirado, e fortificado com os seus. Tanto que os de Melinde chegáram, investíram logo com a Cidade, e em sua defesa sahiram os moradores della, e entre huns, e outros se accendeo huma furiosa briga, em que todos se haviam muito esforçadamente, huns por defender suas casas, e familias, outros por se desaffrontarem das injurias recebidas; porém os de Melinde houveram-se nesta occasião com tanta valentia, que dentro em muito pouco tempo fizeram voltar as costas aos inimigos, sendo tal o aperto, e confusão em que os puzeram, que obrigáram aos mais delles a encravar-se nos estrepes de ferro, e páo que tinham semeado ante huma estacada á entrada da Cidade, pera que os de Melinde se encravassem nelles. Aqui mesmo foram quasi todos desbaratados, muitos delles mortos, e entre estes o mesmo Rey de Quilife; e os que puderam escapar, fugíram pera Mombaça. Conseguida tão felizmente esta victória, saqueáram os vencedores a Cidade, e carregados de despojos, e trazendo muitos cativos, se re-

co-

colhêram a Melinde depois de a deixarem arrazada.

CAPITULO XIX.

*Da outra victoria que o Rey de Melinde
bouve do Rey de Mombaça por meio
dos Mossaguejos.*

COM a chegada dos fugitivos soube o Rey de Mombaça a destruição de Quilife, e a morte de seu Rey, e vassallos, de que ficou muito sentido com a perda de tal parente, e de taes amigos, e logo poz em seu proposito vingar-se do Rey de Melinde; e desprezando as advertencias que os seus lhe faziam, dizendo-lhe se não tomasse com os de Melinde, que eram amigos dos Potuguezes, os quaes os haviam de soccorrer, e que destes não havia de tirar a melhor, pois a experiencia bem o tinha mostrado, e elles bem a seu pezar o tinham sentido, ajuntou contra o sentir de todos passante de cinco mil Mouros, entre vassallos seus, e vizinhos; e pondo-se ao caminho por terra, marchou até ás dos Mossaguejos, amigos do Rey de Melinde, onde parou com animo de se fortalecer aqui, e vencer primeiramente estes, pera lhe não darem pelas costas, quando in-

investisse os de Melinde, como tinham feito aos Muzimbas, quando quizeram entrar esta Cidade, como atrás escrevemos.

Porém sahio-lhe em vão o seu intento; porque os Mosseguejos avisados da sua ida, não o quizeram esperar; mas antes que puzesse o pé nas suas terras, lhe sahiram ao encontro, e logo da primeira arremettida lhe puzeram em desbarato a maior parte da gente que o seguia, que como toda ella vinha de má vontade, foi mais facil de derrotar; e deixando só no meio do campo ao Rey com tres filhos seus, e mais alguns Mouros nobres, que por vergonha não fugiram, todos morreram brigando muito valerosamente com os Mosseguejos. Estes seguindo a victoria, foram correndo sobre os fugitivos, e matando nelles até ás terras de Mombaça, donde passando-se á Ilha deste nome, entraram sem resistencia na Cidade, e cativaram todos os meninos, mulheres, e velhos que se não puderam acolher aos matos da mesma Ilha. Entre outros cativos que tomaram, foi hum filho pequeno do Rey de Mombaça, o qual com a mais da gente principal que houveram á mão, mettêram em duas embarcações que acharam no porto, e bem guardados os enviaram, dizendo-lhes, que fossem prestar obediencia, e

vassallagem ao Rey de Melinde , porque este era quem dalli em diante havia de ser seu Rey , e Senhor ; e mandáram dizer pelos seus mensageiros ao mesmo Rey de Melinde , que o ficavam esperando pera lhe entregarem a Ilha de Mombaça que elles tinham tomado com morte , e destruição do seu soberbo Rey.

CAPITULO XX.

De como os Mosseguejos entregáram a Ilha de Mombaça ao Rey de Melinde , e este mudou sua casa pera ella.

EM quanto isto succedia , estava o Rey de Melinde bem alheio do que os seus amigos os Mosseguejos tinham feito a seu respeito , e só se occupava , com o Capitão da costa , nos meios de defender-se , pera o que tinham ajuntado todos os Portuguezes , e Mouros que havia na terra pera todos juntos se oppôrem ao inimigo que os ameaçava ; e como sabia que este hia por terra , ficou muito admirado com a chegada das duas embarcações mandadas pelos Mosseguejos , parecendo-lhe que o inimigo ou tinha mudado de tenção , ou vinha accommettello por mar , e por terra , por esta razão se foi logo á praia com o Capitão da

da costa, e parte da gente, pera se oppôr ao desembarque, caso que fosse o inimigo que se esperava. Porém sendo desembarcados os mensageiros dos Mosseguejos, e levados ante elle, muito mais admirado ficou, quando estes lhe disseram ao que tinham, a qualidade dos cativos que lhe traziam, e o como o ficavam esperando na Ilha de Mombaça pera lha entregarem, e o modo com que a tinham tomado, derrotado as suas hostes, e morto o seu Rey.

Huma nova de tanto gosto, e hum victoria tão facilmente alcançada, e tão pouco esperada, difficulosamente se acreditaria, se aquelles que isto ouviam, não vissem por si mesmo a verdade do caso nos cativos que lhes apresentavam, os quaes mandando-os o Rey desembarcar, assim que chegaram á sua presença, se lhe lançaram aos pés, pedindo-lhe as vidas, e elle os acolheo benignamente, e recebeu por seus vassallos, e amigos; e por não perder a boa occasião, e offerta que lhe faziam os Mosseguejos, cuidou logo em partir pera Mombaça com o Capitão da costa, os Portuguezes que andavam com elle, e muitos Mouros de Melinde.

Chegando todos a Mombaça felizmente, e sendo recebidos com grande alvoroço pelos Mosseguejos, estes lhe fizeram en-

entrega da Ilha, e da Cidade com muitas folias, e cantares a seu modo. Pera aqui mudou logo o Rey de Melinde a sua casa, e aqui vive desde este tempo, deixando no seu antigo Estado Governadores da sua mão pera o regerem. Nesta Ilha de Mombaça temos nós huma Fortaleza, cujos fundamentos lançou D. Francisco da Gama, Conde da Vidigueira, quando invernou nella em 1596. indo por Viso-Rey pera a India.

CAPITULO XXI.

Dos Cafres Mosseguejos, e seus costumes barbaros: e das náos que este anno vieram á India.

PEla terra que corre ao longo da costa de Melinde, e interior della habita huma nação de Cafres chamados Mosseguejos, muito barbaros, e muito esforçados, os quaes começaram a apparecer ha muito poucos annos, cujo principio, e origem foi de pastores de vaccas, no qual exercicio, e trato ainda hoje vivem todos estes seus descendentes, e assim tem muito grandes creações de bois, e vaccas. O seu principal mantimento he o leite das mesmas vaccas, as quaes tambem sangrão muitas vezes, não só por lhes não abafarem, e

morrerem de gordas, mas pera se sustentarem do mesmo sangue, de que fazem humma potagem misturada com leite, e bosta fresca das melinas vaccas, e tudo isto junto, e quente ao fogo o bebem, dizendo que os faz robustos, e fortes.

Os varões de idade de sete, ou oito annos pera cima são obrigados a trazer a cabeça cuberta de barro pegado nos cabellos, e no couro da cabeça, de tal modo, que lhes fica como outro casco, ou capote mui bornido por cima; e quando se gréta o barro, tornam a dar-lhe com outro molle, e a concertallo de novo com muito primor, porque estimam muito sua perfeição. Ha Casre que traz neste capote de barro cinco, ou seis arrateis de pezo, e com elle dormem, e andam, como se nada trouxeram.

Não podem tirar este barro da cabeça, nem fallar em ajuntamento de homens velhos, nem entrar em conselho, em quanto não matam algum homem em guerra, ou briga justa: por esta razão todos os mancebos pertendem que haja guerras pera nellas se mostrarem, e fazerem cavalleiros, e nobres, matando algum inimigo nellas. Pera se saber que o mataram são obrigados, depois da briga acabada, levar diante do seu Capitão hum sinal evidente do homem que ma-

matáram, e os que levam mais sinaes destes, são havidos por maiores Cavalleiros, e esforçados na guerra, e por isso mais honrados, e estimados: pelo que logo o Capitão os arma Cavalleiros, tirando-lhes o barro da cabeça, e dalli por diante ficam gozando dos privilegios dos outros Cavalleiros.

A maior razão por que estes barbaros fazem isto, he por serem temidos de seus inimigos, vendo com quanto gosto entram na guerra apostados a lhes tirarem a vida pela honra que disso lhes resulta, da qual são tão ambiciosos, que peleijam huns contra outros em porfia de quem ha de chegar primeiro ao inimigo que cahe ferido, não dando lugar pera que outrem lhes tire esta honra.

São tão barbaros estes Mossseguejos, que guardam muito cuidadosamente estes sinaes da sua valentia, pera ao depois se honrarem com elles nos dias das suas festas, em que se querem mostrar louzãos, e luzidos, levando-os consigo, pera que todos conheçam por elles sua valentia, e cavallaria, e sejam estimados por isso. A mesma brutalidade permittem a suas mulheres, quando se hão de achar em algumas festas, ou bailes, pera serem estimadas, e conhecidas por mulheres de homens honrados, e esforçados. Outras muitas brutalidades

puderamos contar desta nação de Cafres, assim nesta materia, como em outros costumes, e abusos que omittimos, por serem muito deshonestos, e incriveis. Os Abexins, e alguns Mouros seus vizinhos, e tambem os Gallas, tem todos os mesmos costumes dos Mosseguejos. Estes Cafres Mosseguejos todos são altos, membrudos, de côr preta, e cabello revoltado, muito valentes, e esforçados na guerra, e muito fieis em suas amizades, como temos visto com o Rey de Melinde.

Concluiremos este anno, dando razão das náos que ElRey D. Philippe Primeiro despachou pera a India, de que foi por Capitão Mór Francisco de Mello Canaveado, Irmão do Monteiro Mór do Reyno, na náó Santo Alberto; e das outras Sebastião de Alvellos na náó S. Paulo; Luiz de Souto na náó Conceição; Nuno Rodrigues de Tavora na náó S. Pantaleão; Braz Correa na náó Nazareth, que todos cinco sahiram de Lisboa em 7. de Abril, e dellas sómente tres chegaram a Goa nos fins de Setembro deste anno; porque as náos S. Paulo, e a Conceição tornáram arribadas, destrozadas do tempo, ao porto de que tinham saído.

CAPITULO XXII.

*Da torna viagem destas mesmas náos pera
o Reyno: e da perdição da náo Santo
Alberto na terra do Natal.*

NOs principios deste anno 1593. em que vamos entrar, voltáram estas mesmas náos pera o Reyno aviadas de carga; e com ellas juntamente a formosa náó Chagas, que o Viso-Rey Mathias de Albuquerque tinha mandado fazer em Goa, a qual deo ao Capitão Mór Francisco de Mello Canaveado, pera nella fazer viagem; e o Santo Alberto, em que este tinha ido, a Julião de Faria Cerveira, Capitão da náó S. João, que o anno passado ficou na India, como já dissemos; e de todas estas náos só o S. Pantaleão chegou a Lisboa, porque a Capitânia chegando tanto avante como o Cabo da Boa Esperança, foram tão grandes as tormentas que lhe cahíram, que foi obrigada a arribar a Moçambique aonde invernou, e aqui a deixaremos até ao proseguimento da sua viagem, que foi nos fins deste anno. A mesma arribada a Moçambique fez a náó Nazareth, a qual tendo caminhado quinze grãos da parte do Sul, como era náó muito possante, de bons officiaes, e Capitão de experiencia, foi tanta

Couto. Tom. VII.

G

N IMPRENSA
NACIONAL

a carga, e gente que nella se metteo, que vinha por baixo do mar; e dando-lhe hum temporal, abrio pelas picas, e delgados da poppa, e fazia tanta agua, que não bastavam as bombas, gamotes, e baldes pera alijarem de dia, e de noite; e com grande temor de se irem a pique, antes de poderem chegar a alguma terra em que pudessem ancorar, e salvar as vidas, permittio Deos, que com as muitas diligencias do Capitão, que além de bom soldado, era grande marinheiro, pudessem chegar a Moçambique em 24. de Março; e descarregando-se pera se querenar, achou-se estar tão comida do bicho que se não pode remediar, e ficou encalhada.

A náó Santo Alberto fazendo viagem com tempo bonança, e prospero vento, se foi perder no penedo das Fontes por impericia de seus officiaes; porque vindo em altura de dez grãos ao Sul, se lhe abrio huma agua, que não sendo ao principio muita, nem dando muito trabalho ás bombas, proseguia sua derrota; mas chegando á altura de vinte e sete grãos, saltou-lhe hum vento Sul, que a obrigou a correr á bolina, e a metter muito de ló, o que fez crescer mais a agua; e querendo livrar-se de cahir sobre a ponta austral da Ilha de S. Lourenço, não deixou de dar huma panc-

cada que lhe rendeo o gurupés, defaltre que logo se remediou; e seguindo avante com tempo bonança, avistáram a terra do Natal a 21. de Março em trinta e hum grãos e meio de altura; e correndo ao longo da costa, tomada ao outro dia a altura, acháram-se em trinta e dous grãos, e então lhe veio hum vento Oeste por cima da terra, que os obrigou a fazerem-se na volta do mar com as vélas grandes sómente; porém sobre a madrugada, sem mar, nem vento, entrou a náó a metter mais agua; e indo-se logo abaixo a reconhecella, acháram que entrava pelas picas da poppa, e por baixo de huma caverna, lugar perigoso, e máo de remediar.

Porém assentáram o Capitão, e officiaes, que cortando-se hum pedaço da curva, se poderia tomar a agua, conselho bem inconsiderado, e que tem custado bem caro a quantos o tem seguido: fim se vedou por então a agua, e por meio deste remedio se estancou a náó, de cujo bom successo foram o Piloto, e o Mestre pedir alviçaras a Nuno Velho Pereira, Capitão que fora de Sofala, que nella passava pera o Reyno com seu sobrinho Francisco Velho Pereira, e outros Fidalgos, os quaes eram, além dos dous nomeados, Francisco da Silva, João de Valladares Soto-maior, D. Francis-

co de Azevedo, Francisco Nunes Marinho, Gonfalo Mendes de Vasconcellos, Antonio Moniz da Silva, Diogo Nunes Gramacho, Capitão da náó S. Luiz de Malaca, que arribára á India; Antonio Godinho, Henrique Leite, Fr. Pedro da Cruz, Fr. de Agostinho, e Fr. Pantaleão Dominico, e outros mais passageiros, e com elles juntamente Dona Isabel Pereira, filha de Francisco Pereira, Capitão Mór, e Tanadar de Goa, viuva de Diogo de Mello Coutinho, com sua filha Dona Luiza de Mello, donzella de dezeseis annos, muito formosa, cujo pai foi Capitão de Ceilão. Com a boa nova do Piloto, e Mestre, prometteo Nuno Velho dar-lhes boas alviçaras, se chegasse a salvamento; porém durou pouco esta fidelidade, porque a náó era muito velha, e como a agua não achasse resistencia no lugar remendado, descozeo-o, e entrou por elle com grande furia.

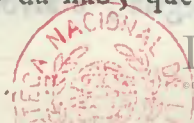
Pelo successo desta, e de outras náós tem mostrado a experiencia, que em taes casos se devem procurar, e fazer todas as diligencias para se atalhar a entrada da agua, menos a de cortar madeira, antes acrescentalla se possivel for; porque posto que apparentemente pareça util, sempre vem a succeder mal, pois se o não fizessem a esta, póde ser se não vissem em tanto pe-

rigo como se víram, e mais facilmente poderiam tomar Moçambique.

Considerando o Capitão Julião de Faria Cerveira, e os mais Officiaes no perigo em que estavam, e a náó com dezoito palmos de agua dentro, assentáram alijar, e arribar em poppa; e o Mestre fazendo logo aprestar a escotilha grande, por ella se entrou a lançar muita agua fóra, o que aliviou mais a náó, e fez com que alguns afferrados ao que traziam nas suas caixas, suspendessem o alijar, persuadidos de que poderiam salvar tudo; o que vendo Nuno Velho Pereira, e conhecendo o mal que disto se seguia, pera os obrigar a continuar, prometteo dar-lhes, se Deos o levasse a salvamento, quarenta quintaes de cravo que trazia na náó. Pode com elles tanto esta sombra de interesse, que em hum momento ficou desembaraçado o convés; mas crescendo depois o perigo, não só se alijou o que vinha na tolda dos Bombardeiros, mas tudo quanto vinha nos paioes das drogas, cubrindo-se o mar de muitas riquezas, lançadas as mais dellas por seus mesmos donos, a quem naquella occasião aborreciam tanto, quanto poucos dias antes eram estimadas.

Entrava a ir amanhecendo, e a agua era já tanta dentro da náó, que da segun-

da



da cuberta se não podiam tirar os caixões que nella hiam, os quaes foram quebrados ao machado pera se alijar o fato que traziam. Ainda que nesta escotilha houvesse hum grande gamote, outro na estrinca, e outro no paiol da polvora, e muitos barris com que se lançava muita agua fóra, e juntamente com as bombas, nada a podia vencer. Em todo este dia, e sem distincção de pessoas se occupáram neste trabalho, acudindo huns a humas partes, e outros a outras.

Chegou a noite, e com ella ficaram inuteis as bombas, porque se entupíram com a pimenta, a não com doze palmos de agua dentro, e a maior parte da gente com o animo perdido; e aquelles que ainda conservavam algum, tão cansados, que não havia quem fosse encher barris á segunda cuberta; o que vendo Nuno Velho Pereira, lançou-se ao porão pelos cabos das bombas, com grande risco de sua vida, e entrou a encher barris. Animados os outros Fidalgos com o seu exemplo, lançáram-se, e os soldados ao mesmo trabalho, e não largáram mão d'elle em toda a noite. Ao raiar do dia seguinte avistou-se terra, como o Piloto tinha promettido na tarde antecedente, cuja repentina vista a todos encheo de alegria, e alvoroço, não se lem-

brando que nella tinham as vidas tão arriscadas, como na mesma não em que andavam, e que o mar hia engolindo com furiosos forvos.

Affim que houveram vista da terra, cuidou-se logo em alijar o que estava no castello, debaixo da ponte, e na poppa, o que aliviou mais a não, e largáram gaves, e cevadeira pera chegar mais prestes a terra; e parece que pera salvação de tanta gente, permittio Deos que a não não perdesse nunca o governo, tendo já duas cubertas cheias de agua, e as mezas arrastando. Nuno Velho, que a tudo attendia, lembrando-se da precisão que haviam de ter de armas, e munições, e que sem ellas estava tão certa a sua perdição na terra, como na não em que estavam, advertio ao Capitão, que mandasse arrecadar todas as armas, polvora, chumbo, e murrões, e a Antonio Moniz que ajuntasse todas as espingardas que pudesse haver, e as mettesse em alguma pipa pera se poderem salvar, o que se fez com assás de trabalho, e se poz tudo sobre a tolda, donde depois de vararem em terra os pedaços da não, se tirou com muito custo.

Indo já chegando a terra, mandou o Mestre cortar os mastros; e indo a não correndo pera ella, em oito braças e meia de
 agua

agua tocou o leme, e saltou fóra, e em oito braças deo a primeira pancada, e então se cortou a ençarcea, e cahiram os mastros com grandes alaridos de todos. Sobre estes se lançáram muitos, parecendo-lhes terem nelles seguro remedio pera escaparem do naufragio; mas como ainda ficáram presos á náó por alguns cabos, e o sitio em que tinham varado era costa brava, a furia das ondas, que quebravam no costado da náó, batiam nelles, e quebrando as pernas a huns, e os braços a outros, a todos afogáram; espectáculo bem doloroso pera os que estavam na náó esperando por instantes a mesma, ou outra peor desventura.

Mas suavifou-se este desastre com huma felicidade não esperada dos vivos, e causada pelos mesmos mastros; porque sendo elles os que com suas furiosas pancadas mais os affustavam, e dellas com grande pavor esperavam ser soçobrados, ellas mesmas foram o seu remedio, alluindo, e desfazendo a náó de tal sorte, que chegando a encalhar entre as nove, e as dez horas da manhã do dia 24. de Março, obra de quatrocentos passos longe da terra, se partio em duas partes, despegando-se as cubertas de cima das debaixo, ficando estas na paragem em que tinham varado, e aquellas muito chegadas á terra.

A este tempo estavam á proa o Capitão , o Piloto , e o Mestre , e a mais da gente , e na poppa Nuno Velho Pereira , que acompanhava , e estimava muito Dona Isabel , e sua filha , e lhes servia de reparo contra as ondas , que estreitadas entre os mastros , e a poppa da náó encapellavam por cima desta , e quebravão em Nuno Velho , que tinha recolhidas estas Fidalgas debaixo de hum balandrão de chamalote ; e não era tão pequena a furia com que o mar saltava , que não obrigasse a muitos a atarem-se com cordas a alguns páos fixos , pera que os não levasse.

Porém alguns fiados em saberem nadar , e receando a vinda da noite antes de abicarem bem em terra os pedaços da náó em que estavam , e que os mastros os desfizesse de todo , ou os virasse , e viessem a ficar debaixo delles affogados , botaram-se a nado ; mas com as abalroadas das muitas madeiras , que andavam boiando pelo mar , e com a refaca das ondas que quebravam na fragosidade da praia , se affogáram alguns.

Mas tanto que veio a noite , desprendeo-se a poppa da proa , que até então tinham estado apegadas pela banda debaixo ; e desprendendo-se tambem os mastros , foi a poppa encalhar em terra muito direita ;

ta ; porém receando Nuno Velho que as grandes correntes daquella costa , que correm pera o Sudoeste , os arrastasse apòs si , tendo já vafado a maior parte da maré , mandou a hum seu criado muito bom soldado , chamado Diogo Fernandes , que se lançasse a nado , levando humna beta , que ficava preza no bocado da náo , e a segurasse em terra , de maneira que as correntes o não pudessem levar , o que o soldado com toda a promptidão fez. Depois que se segurou esta parte da náo , saltou por ella muita gente em terra.

Assim que repontou a maré , foram alando-se pelo cabo , que estava prezo em terra ; e chegáram-se tanto a ella , que quando a agua tornou a vafar , a pé enxuto , e ao amanhecer do dia 25. de Março desembarcou Nuno Velho , Dona Isabel , e sua filha com todos os Fidalgos , e soldados que os acompanhavam. Depois de estarem em terra , e que huns aos outros se receberam com reciprocos abraços , deram graças a Deos pela grande misericordia que usara com elles no dia da sua mysteriosa Incarnação , livrando-os de tão grande naufragio , e pondo-os a salvamento naquella praia , a que os nossos chamam Penedo das Fontes , e os negros Tizombe , a qual jaz na altura Austral de trinta e dous grãos e meio.

De-

Depois de darem a Deos as devidas graças , contou-se a gente , e achou-se terem escapado cento e vinte e cinco Portuguezes , e morrido vinte e oito ; cento e sessenta escravos vivos , e trinta e quatro mortos. O resto deste dia gastou-se em cada hum enxugar o fato com que tinha escapado ao longo dos fogos , que fizeram com a madeira da náó , e juntamente aqueitando-se do muito frio que sentiam , e descansando dos trabalhos , e afflicções passadas.

Esta foi a perdição da náó Santo Alberto , estes os successos do seu naufragio , originados não pelas tormentas do Cabo da Boa Esperança , porque sem ellas , e antes de chegar a elle se perdeu ; mas por causa do seu fabrico , e por vir sobremaneira carregada , e pela inadvertencia dos seus officiaes ; circumstancias que sempre põem em prática a cubiça dos mercadores , e a ignorancia , e ambição dos navegantes : estes por adiantarem seus interesses , e não saberein haver-se em casos taes ; e aquelles por afforrarem despezas , cujo damno acrescentão os obreiros a quem encomendam o seu amanho , os quaes por pouparem tempo , e metterem em si os materiaes , passam por todas as eivas que encontram , e nada fazem como convem em negocio de tanta ponderação.

CAPITULO XXIII.

Do que mais aconteceu a esta gente da não Santo Alberto, em quanto estiveram nesta praia: e de como elegêram pera seu Capitão a Nuno Velho Pereira.

Continuando com os naufragantes da não Santo Alberto, que deixámos na praia descansando todo o resto do dia 25. de Março, tanto que amanheceo o dia 26. pediu Julião de Faria á sua gente fosse recolher as armas, e mantimentos que achasse; e indo o Mestre, e o Contra-mestre com a gente do mar aos pedaços da não, e os soldados á praia, acháram estes, tres barris de polvora; e aquelles, doze espingardas, algumas rodellas, e espadas, huma caldeira, e seis caldeirões de cobre, e hum pouco de arroz. A polvora entregou-se aos Bombardeiros, e deo-se o cargo de Condestabre ao mais experimentado pera a enxugar, e refinar com hum barril de vinagre, que veio ter á praia; as armas puzeram-se ao longo da estança de Nuno Velho, vigiando-se tudo pera se livrarem dos roubos, e assaltos dos Cafres: por causa disto mesmo se entrincheiráram o melhor que puderam, e fizeram pera se agazalhar tendas de

de muito boas alcatifas de Cambaia, e Odias; de ricas colchas, de Gunjões, caixas, e esteiras de Maldiva, que certamente se não embarcaram pera este fim, e nelas se reparavam do frio da noite, e da ardencia do Sol de dia.

Chegado o dia 27. determináram eleger quem os governasse, e pera isto nomeáram os soldados dez eleitores, que foram o Capitão Julião de Faria Cerveira, Francisco da Silva, João de Valladares Sotomaior, Francisco Pereira Velho, Gonfalo Mendes de Vasconcellos, Francisco Nunes Marinho, Fr. Pedro da Cruz, e Fr. Pantaleão; e a gente do mar elegeo o Piloto, chamado Rodrigo Migueis, e o Mestre que era João Martins, e a todos deram largos poderes, e com juramento se obrigáram a haver por boa a eleição que elles fizessem, e obedecer ao que elles nomeassem, e de commum acordo sahio eleito Nuno Velho Pereira por sua nobreza, prudencia, esforço, e experiencia.

Recusou elle a eleição, pedindo a todos dessem aquelle cargo ao Capitão Julião de Faria Cerveira, que por suas boas qualidades, e proceder na perdição daquella náó o merecia; que elle da sua parte promettia ajudallo com o conselho, que da sua idade se requeria, e devia esperar.

Não estiveram por esta escusa; e pera que se não valesse de outra, protestaram-lhe, que se não se encarregasse de os governar, estavam resolutos a partir, e a seguir seu caminho em magotes por onde melhor pudessem; e como esta resolução era a total perdição de todos, pera que se não effectuasse, antepondo o descanso proprio ao bem público, acceitou, e com o devido juramento prometteo cumprir as obrigações do cargo que lhe davam, e todos com outro igual juramento promettêram obedecer-lhe.

Concluido este negocio, e sendo já tarde, e maré vasia, foram á não alguns homens do mar com o Mestre, e voltáram com seis espingardas, doze piques, e tres fardos de arroz, e tudo se entregou a Nuno Velho, e elle o mandou enxugar pera com o mais se repartir igualmente por todos. Pera se poder descobrir mais alguma cousa, se mandou nesta noite deitar o fogo ás reliquias da não, o que em taes casos he muito importante pera aproveitar a pregadura pera o resgate, e pera que os negros a não possão haver senão da mão dos nossos, tendo o cuidado de lançar bem ao mar, e de forte que elles o não vejam, toda a que não puder servir, pera que nunca se possam aproveitar della; porque ficando

do na praia , e vendo-a os Cafres , quando vem resgatar seus gados , não o querem fazer , e se tornam com elles , persuadidos de que brevemente serão senhores do ferro , por que hain de escambar as suas vacas , e os seus carneiros , como succedeo nesta occasião.

Ao outro dia , que se contavam 28. de Março , mandou Nuno Velho o Capitão , e o Mestre com alguma gente á náó , e trouxeram tres mosquetes , quatro espingardas , dous fardos de arroz , hum quarto de carne , dous de vinho , quatro jarras de pão , algumas de azeite , e muitas conservas ; e tornando depois de jantar , acháram hum caixão do Capitão Mór com muitas peças de prata , e ouro , e alguns escritorios pequenos cheios de rosarios de crystal. De tudo se fez entrega ao Capitão , e este a Nuno Velho , e por sua ordem se guardou , e do mantimento se foi provendo a gente.

CAPITULO XXIV.

De como o Senhor da terra sabendo que nella estavam estrangeiros, foi visitallos; das ceremonias, e cumprimentos que houve entre este, e Nuno Velho Pereira: e do mais que se passou até os nossos se pôrem a caminho pera o rio de Lourenço Marques.

N Este mesmo dia, e já assás tarde, sabendo o Senhor daquella terra que os nossos estavam nella, veio visitar ao Capitão Mór acompanhado de alguns sessenta negros; e vindo já perto, se levantou Nuno Velho, e andando alguns passos, o foi receber, e elle o saudou, dizendo: *Nanbatá, Nanbatá* em sinal de paz; e lançando-lhe depois a mão á barba, e passando-a por ella, beijou a mesma mão: esta mesma cortezia fizeram os outros barbaros aos nossos. Este negro chamado Luspance era homem bem apessoado, de rosto alegre, não muito preto, cabello revoltado, barba curta, e bigodes compridos; vinha cuberto, assim como todos os outros, com hum mantão de péllles de bezerro com o cabello pera fóra, e por dentro untado com gordura pera amaciar, e na mão enroscado em hum páo delgado hum cabo de bo-
gio,

gio, ou de raposa, com que se alimpavam, e faziam sombra aos olhos pera verem.

Concluidas as ceremonias entre Nuno Velho, e o negro, sentáram-se ambos em huma alcatifa, e junto a elles dous escravos nossos: hum de Manoel Fernandes Girão, que entendia a linguagem destes Cafres, e fallava a de Moçambique; e outro de Antonio Godinho, que sabia esta, e fallava muito bem a nossa, e assim com dous interpretes se entráram a communicar.

Rompeo Nuno Velho o discurso, perguntando ao Cafre, o que lhe pareciam os seus soldados? Muito bem, lhe tornou elle, porque tinham todas as feições do corpo taes como as suas, e por serem filhos do Sol eram brancos; mas que folgaria saber o que alli os tinha levado; ao que Nuno Velho satisfez, dizendo:

» Nós somos vassallos do mais poderoso
 » Rey da terra, a quem toda a India obedece, e paga tributo, e nella tem hum
 » Viso-Rey que a governa, donde vindo nós pera Portugal nossa patria em huma
 » náó tão grande, que recolhia em si a todos quantos aqui estamos, e a outra tanta gente que já he morta, a qual o mar
 » com sua braveza abrio, e lançou nesta praia » O que ouvindo o negro, ficou
 » muito admirado. Apôs isto seguiu-se hum

Couto. Tom. VII.

H

pre-

N I M P R E N S A
 N A C I O N A L

presente que o negro fez de dous carneiros de casta de Ormuz, que logo se matáram, e repartíram por toda a gente; os quaes tanto que o negro vio mortos, foi com hum dos seus ao lugar em que os esfolavam, e mandando ao outro tomar da imundicia que tinham no ventre, com a sua mão a deitou no mar com ceremonias, e palavras de agradecimento, por lançar em sua terra os Portuguezes, de cuja perdição esperava grande proveito.

Acabado isto, tornou a Nuno Velho, e este o convidou com doce, e vinho, de que muito gostou, por lhe aquecer a barriga; e querendo retirar-se, lhe deo o Capitão Mór huma bacia de latão cheia de prégos, e hum escritorio dourado da China com que ficou muito contente; e despedindo-se de Nuno Velho, e mais Portuguezes com o mesmo ceremonial com que se recebêram, se foi, promettendo mandar ao outro dia hum homem dos seus, que ensinasse aos nossos aonde havia agua; cousa de que já tinham alguma necessidade, porque até alli se tinham remediado com a das pipas, que o mar tinha deitado na praia, bem que alguma cousa salgada com a mistura da do mar que lhe tinha entrado.

No dia 29. pareceo ao Capitão Mór ser necessario pera o bom regimen daquelle

le pequeno arraial se elegeassem os officiaes necessarios pera elle, e encarregou disto, e da sua distribuição ao Capitão Julião de Faria Cerveira, e nomeou pera Provedor a Diogo Nunes Gramacho, e pera Thesoureiro ao Mestre João Martins, encarregando-lhes que tomassem a seu cuidado a guarda das peças de prata, e ouro, e mais cousas pera o resgate, e juntamente a Fr. Pedro; e que as commutações se fizessem com assistencia de Antonio Godinho, por ser muito experimentado no commercio dos Cafres, com quem tratáram muito tempo nos rios de Cuama. Logo o Capitão Julião de Faria cuidou em repartir o arraial em tres batalhas, e em tres partes os soldados pera as vigias, e pera Capitães destas Francisco da Silva, João de Valladares, e Francisco Pereira, e da gente do mar fez outras tres divisões, e pera Capitães dellas o Piloto, o Mestre, e o Contra-mestre Custodio Gonsalves. Igualmente se repartíram pelos soldados as armas que se tinham achado, e outras que neste mesmo dia se tiráram, que por todas eram doze piques, vinte e sete espingardas, cinco mosquetes, espadas, e rodellas.

Porém considerando Nuno Velho o que pera tão comprida jornada lhe era necessario, mandou aos Bombardeiros, que

refinada a polvora, a recolhessem nos bambús, que se acháram pela praia, dos quaes alguns tinham servido de baldes na náó, e que os forrassem de couro por fóra pera se não humedecer; e que fizessem tambem huns saquetes pera se levar o cobre de huma caldeira, e de seis caldeirões, tudo feito em pequenos pedaços pera o resgate, e outros saquetes maiores pera os mantimentos, que se tinham tirado da náó. Da qual como se não salvasse outra cousa mais do que os escritorios que dissemos, e o caixão do Capitão Mór com dezefete peças de ouro, e vinte e sete de prata, de todas fez elle hum liberal donativo aos seus soldados, pera o que mandou entregar todas ao Provedor, e Thesourceiro, pera que em chegando a algum porto nosso, repartisse entre todos o valor das que sobejassem da jornada, o que se fez em Moçambique, vendendo-se por mil e seiscentos cruzados, que por elles se repartíram. Ordenadas todas estas cousas, e os nossos providos de agua, que os negros lhes mostráram em dous lugares, hum na mesma praia em hum charco em que havia bem pouca, outra detrás de hum outeiro em humas poças ao pé de huma ribeira. Esta escacez de agua he geral por toda a costa da Cafraria, e igualmente a das fontes pelo Sertão;

porém este he cortado de muitas ribeiras de boas aguas, com o foccorro das quaes se fazem desnecessarias as fontes.

Ao setimo dia da sua estada naquella praia, em que se contavam 31. de Março, tratou-se do caminho que deviam seguir: a maior parte dos votos foi que ao longo da praia; porém lembrado Nuno Velho do que tinha lido, e ouvido da perdição da náao S. Thomé, e Galeão S. João na terra dos Fumos, e dos perigos, trabalhos, fomes, sedes, e doenças que supportáram os que escapáram destes dous naufragios, mostrou com o seu exemplo que muito maiores seriam os males que haviam de padecer, costeando a costa da Cafraria, por ser muito maior a distancia em que presentemente se achavam ao rio de Lourenço Marques, que deviam ir demandar, por ser o primeiro porto daquella costa, onde os Portuguezes costumam ir resgatar. A' vista de tão acertadas razões, todos mudáram de parecer; e abraçando o do Capitão Mór, como mais acertado, de commum acordo assentáram caminhar pelo Sertão.

Decidido este ponto, e repartida a gente pelo Capitão, conforme a ordem em que deviam marchar; e distribuidas aos soldados as estanças que deviam guardar, e vindo outra vez visitallos o Senhor da ter-

ra, Nuno Velho lhe pediu guias que o encaminhasssem ás terras de outro Encosse vizinho, e elle lhas prometteo, e trouxe no dia da partida, que devia ser no primeiro de Abril, e na noite antes se deo hum rebate falso, a que com toda a presteza, e diligencia acudiram os nossos soldados aos lugares que lhes estavam determinados. Depois de tudo socegado, e já dia claro, se puzeram no principio do caminho, e mudáram-se pera hum valle, que ficava entre dous montes, e aqui vieram ter os guias, e o seu Encosse Luspance com duas vacas, e dous carneiros, que resgatáram por tres bocados de cobre do tamanho da palma da mão, cujas vaccas mandou Nuno Velho matar á espingarda, (estratagem de praticar diante dos Cafres pera os amedrontar) de que ficou tão atemorizado Luspance, que quizera fugir, se Nuno Velho o não detivera pelo braço, e o socegára; e depois de comerem todos juntos, foram-se pera voltar no outro dia seguinte, que era o destinado pera a partida, que não foi, por chover muito naquella noite, e ser necessario enxugar as tendas ao Sol, que foi muito claro no outro dia.

CAPITULO XXV.

Da jornada que fizeram desde o Penedo das Fontes até ao Rio de Lourenço Marques: e do que nella lhes succedeo.

NO dia tres de Abril partíram os nossos daquella praia seriam nove horas da manhã, e alguns delles bem feridos do destroço da náó, entre estes Francisco Nunes Marinho gravemente em huma perna; assim deixando nella os pedaços da náó, em que se tinham salvado, e entregue ás aguas as riquezas que com tantas fadigas, e em dilatado tempo tinham ajuntado, deram principio á sua peregrinação.

Hiam diante o Capitão Julião de Faria Cerveira, e o Piloto com hum dos guias, e as outras, e o seu Encosse com Nuno Velho Pereira, e com estes Dona Isabel Pereira, e sua filha Dona Luiza de Mello em manchiras levadas pelos escravos de Nuno Velho; e observando o Piloto com hum relógio solar a derrota que seguiam, vio que era ao Nordeste, rumo que por vezes mudáram, e tambem a ordem da marcha, passando-se Nuno Velho pera diante pera a fazer mais suave. Ao outro dia andando procurando váo pera passarem hum grande rio, que entendêram ser o do In-

fante , encontráram dous negros , a quem Luspace , que até aqui acompanhára os nossos , pedio os guiassem ao seu Encosse , o que elles não duvidáram fazer fiados na boa paga , porque todos estes Cafres são muito interesseiros ; mas se lhes pagam adiantado , não esperem delles serviço algum , porque se acolhem com o premio , e não dão conta de si. Daqui se despedio Luspace com os seus guias , e os nossos foram proseguindo seu caminho com os que elle lhes procurava.

No dia 9. de Abril em hum povo , onde foram bem recebidos , observando o Piloto o Sol por mandado do Capitão Mór com hum astrolabio , que salvára do naufragio , achou que estavam em trinta e seis grãos e seis minutos do pólo do Sul ; pelo que , seguindo o rumo que levavam , tinham andado dez leguas em oito dias e meio , e não era tão pouco á vista dos embarços que lhes causavam os feridos , e as duas Fidalgas que os seguiam. Proseguindo seu caminho , e sendo já no dia dezeseis , que foi sexta feira de Endoenças , hiam já tão cansados os escravos do Capitão Mór , que levavam Dona Isabel , e sua filha , que foi necessario a Nuno Velho valer-se do Mestre , pera fazer com que a gente do mar as quizesse levar ; e este ajudado do Piloto ,

conseguiu que os Grumetes se encarregassem dellas pelo premio de hum mil cruzados, que Nuno Velho lhes pagou por ellas em Moçambique.

Affim indo seguindo sua peregrinação, ora com guias, ora sem ellas, em cuja falta guiava o Piloto por mandado do Capitão Mór, subindo, e descendo mui asperas serras, atravessando densos matos, e rios muito caudalosos, e rápidos com agua pelos peitos, grandes alagôas, aridos desertos, faltos de agua, e de sustento, até que finalmente chegado o dia de S. João, descobriram logo pela manhã de cima de hum alto huma aldeia, cujas casas eram taes como as nossas choupanas das vinhas, e não redondas, como as de todos os outros lugares, por que tinham passado. Tanto que os moradores della houveram vista dos nossos, se juntáram obra de duzentos; e indo ter com elles o Lingua, e dizendo-lhes que eram Portuguezes, que hiam em demanda das terras do Inhaca, pera dahi se passarem a Moçambique, vieram logo ver o Capitão Mór, e certificarlo que estava nas terras que buscava, e que aquella povoação era de huma irmã do mesmo Inhaca, e que ainda não era ido o navio do resgate.

Todos se alvoroçaram com tão boas novas; e tanto que chegaram ao meio do

povoado, veio a irmã do Inhaca com seu marido visitar o Capitão Mór, os quaes foram d'elle recebidos com a devida cortezia, mostrando-se muito pezaroso de não poder-se demorar alli alguns dias, como elles lhe pediam; e dando-lhes dous pedaços de cobre, e hum panno preto, se despedio. Desta povoação, e de hum sitio chamado os Medãos do Ouro descubria-se o mar, com a vista do qual ficáram os nossos tão admirados, como se fora huma cousa nova pera elles. Daqui guiados por hum negro do Inhaca, que da sua parte fora saber de sua irmã, caminháram por huma grande praia de arêa viva, que logo os cançou muito; e subindo desta ao alto de huns Medãos, por que se podia caminhar com menos trabalho, chegáram ao Sol posto a outra povoação, que estava ao longo de hum rio, que logo passáram por estar de maré vasia; e assentando seu arraial da outra banda, aqui lhes vieram vender, por bocados pequenos de pannos, milho, gallinhas, e tainhas muito grandes, e muito saborosas.

Ao outro dia pela manhã víram o rio tão opulento com a preamar, que era impossivel o poder-se vadear, não sendo maré vasia. Este rio, que na boca fórma huma ilheta, e de que já fizemos a descripção, he o a que os nossos Portuguezes, salvos

do naufragio da náó S. Thomé , puzeram o nome de Rio da Abundancia. Continuando daqui sua jornada por detrás dos Medãos , foram passar a noite debaixo de hum grande arvoredó muito copado , e fechado , o que lhes foi muito proveitoso pera os reparar da muita chuva que houve naquella noite. Ao outro dia tomando o Piloto o Sol , achou que estavam em altura de vinte e seis grãos e vinte minutos ; e indo sempre por terras do Inhaca , amenas , e ferteis , onde encontrando hum negro , este os certificou da estada do navio do resgate no rio de Lourenço Marques , pela qual causa determinou Nuno Velho mandar algumas pessoas com o guia , para se certificar do que lhe diziam todos estes Cafres , e pera isto escolheo Antonio Godinho , Simão Mendes , e Antonio Monteiro.

Partíram estes tres homens com o guia ; mas nesse mesmo dia , sendo já bein noite , voltou o mesmo guia com outro negro mandado pelo Inhaca a visitar o Capitão Mór , o qual tanto que chegou a elle , fazendo sua mezura , e tirando hum barrete que trazia na cabeça , lhe disse : *Beijo as mãos a vossa mercê , como Cafre creado entre Portuguezes , que ficára naquella terra da perdição do Galeão S. João.* De

todos foi muito festejada a sua cortezia, e igualmente as palavras della; e perguntado cujo era, disse que do Senhor de Inhaca, o qual ficára muito gostoso, quando víra os Portuguezes na sua povoação; e sabendo destes que elle era na sua terra, o quizera logo visitar, o que não fizera por ser de noite, que pelo em tanto estivesse certo que o navio ainda estava no rio.

Em toda esta jornada não tiveram os nossos cousa, que lhes causasse maior alegria; porque estando o navio ainda no rio, tinham todos ainda esperanças de vida, o que seria muito duvidoso se houvera partido, por terem de atravessar a bahia, e irem até Sofala, ou esperar hum anno até á vinda de outro navio, e em qualquer destas cousas havia grandes difficuldades; porque pera irem dalli pera Sofala, haviam de pôr ao menos dous mezes no caminho, que sobre tres que já vinham a caminhar, era cousa muito grande pera quem vinham tão estanquados de forças, como elles vinham; porém muito maiores seriam os riscos a que se expunham, havendo de esperar; porque ao menos havia de ser hum anno, e póde ser fossem bem poucos os que chegassem ao fim delle, em huma terra tão doentia, de muito más aguas, e muito escaça de mantimentos, como esta era;

era; assim com affás de razão se alegráram nesta noite com a certeza da estada do navio.

Ao outro dia pela manhã veio hum dos tres homens que o Capitão Mór mandára ao Inhaca com larga relação do navio, em tudo conforme com a que o ultimo negro dera; pelo que não obstante chover muito, defacampáram, e foram com grande alvoroço caminhando pera a povoação do Inhaca, donde concorriam muitos negros a encontrallos. Mandou o Capitão Mór recado ao Rey da sua chegada, e este lhe mandou dizer que o fosse esperar junto a huma arvore, que estava vizinha á sua casa, em quanto elle se levantava, e vestia. Foi-se Nuno Velho pera o lugar assinalado, levando em sua companhia oito arcabuzeiros, o Provedor, o Thesoureiro, o Piloto, e o Lingua; e sentando-se ao pé da arvore em huma esteira que o Rey alli mandára estender, a pouco espaço appareceo este sem nada na cabeça, cingido com hum panno, do mesmo modo que usam as mulheres na India, e cuberto com hum grande ferragoilo.

Este negro era de estatura agigantada, bem feito, semblante alegre, e aprazivel; e chegando ao Capitão Mór, que já estava em pé, o tomou pela mão, e ambos se

sentáram na esteira: deo a Nuno Velho os emporas da chegada, e os pezames da sua perdição, o que este lhe agradeceo com palavras de muita cortezia, e juntamente o que fizera a D. Paulo de Lima, e aos da sua companhia, quando por alli passáram, e rogou-lhe lhe désse hum homem pera mandar hum recado ao Capitão do navio. De tudo se deo o Rey por muito obrigado, pela muita amizade que seu pai tivera com os Portuguezes; e chamando hum negro seu, o mandou o Capitão Mór com Antonio Godinho, e outros dous soldados, e hum lingua a levar o recado. Seguio-se a isto o presente que lhe fez o nosso Capitão Mór, que foi hum sombreiro de feltro negro; hum panno da China lavrado de seda, e ouro; duas vaccas prelhês, e em duas cadeias de prata, que se tiráram do apito do Mestre, huma medalha, e huma pequena garrafa de prata, com cujas dadivas se mostrou o negro contentissimo; e como os nossos ainda estavam por accomodar, mandou a hum dos seus negros que os fosse agazalhar em hum lugar perto do povoado, onde havia agua, e lenha, pera onde o Capitão Julião de Faria se foi logo com toda a gente, e alli se aposentou o arraial, ficando Nuno Velho com os Officiaes, e soldados

que o acompanhavam praticando com o Inhaca.

Sendo já horas de jantar, e observando o Piloto o Sol, disse serem onze horas, de que o negro ficou muito admirado, e muito mais ainda, quando pela agulha lhe mostrou pelos rumos o caminho que tinham andado: depois levantando-se, e dadas as mãos, foram pera o alojamento, onde o Rey, depois de visitar Dona Isabel, e sua filha, passou a jantar com Nuno Velho na sua tenda; e retirando-se seriam duas horas, voltou a despedir-se ao outro dia, o que fez logo pela manhã cedo, vestido em hum roupão de grã guardado de veludo encarnado, o sombreiro que se lhe tinha dado na cabeça, as cadeias do apito ao pescoço, e os braços cheios de manilhas de latão; e feitas as devidas cortezias, entre elle, e o nosso Capitão Mór, este lhe deo o apito, e o poz nas cadeias de que se tinha tirado; e tocando o Mestre nelle, ficou o Rey muito contente, por lhe parecer cousa boa pera a guerra, e a hum seu filho deo-se hum copo de prata, que o pai lhe tomou logo. Postos os nossos em ordem de marchar, e despedidos do Inhaca com muitas demonstrações affectuosas de ambas as partes, continuáram seu caminho por baixo de ar-

voredos , e ao longo de alagôas de agua doce até ás dez horas ; e estando descanzando , e deixando passar a calma , vieram ter com elles dez negros da terra , com dous marinheiros do navio , e hum natural de Moçambique , a que lá chamam Topáz , o qual disse a Nuno Velho , que andando refogatando marfim por aquelle rio , e sabendo dos Cafres que estavam Portuguezes com o Inhaca , deixára tudo pelos vir ver com aquelles seus companheiros. Esta boa vontade lhes pagou Nuno Velho , dando ao Topáz huma garrafa de prata , e aos dous marinheiros outra.

Ao outro dia , que foi o de S. Pedro , ás nove horas , chegaram a huma povoação , em que assistia hum filho do Inhaca , o qual como já foubesse da ida dos nossos , foi logo visitar o Capitão Mór , e a pedimento deste lhe deo hum homem pera mandar outro aviso ao Capitão do navio , que com hum dos dous marinheiros partio com toda a diligencia. Em paga disto deo Nuno Velho a este Principe hum pé de copo de prata , e hum panno da China como o que se dera a seu Pai. Era este Cafre mui parecido a elle , e vivia aqui apartado , e em desgraça , por lhe querer procurar a morte , e occupar o Reyno ; e como communicava mais com os Portuguezes , fallava algumas

palavras das nossas; e despedindo-se d'elle o Capitão Mór, e caminhando depois de festa, foram pernoitar ao pé de hum bréjo.

E porque, segundo o dizer dos negros, era já monção, e tempo da partida do navio, e nelle pertendia Nuno Velho embarcar-se com os mais Portuguezes que o seguiam, mandou outro recado ao Capitão d'elle, que era Manoel Malheiro, dizendo-lhe que o esperasse, e mandasse embarcações á praia pera os passar á Ilha. De nenhum destes avisos houve resposta senão no ultimo de Junho, depois que levantáram o arraial, em que tinham ficado junto ao bréjo; e quando hiam já perto da praia, onde encontráram hum Cafre, Marinheiro do navio, com duas cartas, huma do Capitão pera Nuno Velho, e outra do Piloto pera Rodrigo Migueis, em que lhes diziam, que em sua companhia ficavam os homens, que lhe tinham levado o seu recado, e que ao outro dia viriam as embarcações pera passar a gente á Ilha. E com effeito, sendo quasi noite, chegou em huma embarcação o Capitão do navio, que foi muito bem recebido de Nuno Velho; mas como a maré vafava, convieram em que se retirasse logo, levando em sua companhia Dona Isabel Pereira, e sua filha; o Provedor Diogo Nunes Gramacho, com os dous Frades Fr.

Couto. Tom. VII.

I

Pe-RENSA
NACIONAL

Pedro, e Fr. Pantaleão, e os demais ficaram muito bem agasalhados, e providos de mantimentos.

Ao outro dia pela manhã cedo veio a mesma embarcação com outra, pera passar a gente que ficára, pera a Ilha, o que não pode fazer-se por ter vafado a maré, e ter levado muito tempo a passagem do gado que traziam; porque depois que passaram os desertos, tinham resgatado muitas vacas, e tantas, que quando alli chegaram levavam cento e nove, que lhe tinham sobejado da jornada, e não tiveram mais tempo que pera passar pera a primeira Ilha, e nella pernoitáram. Tanto que chegou a baixa mar do dia seguinte, atravessáram os nossos o rio, e foram pera a outra Ilha, onde estava a gente do navio aposentada em cabanas, que tinham feito pera se agasalharem, e nellas foram recebidos cento e dezeseite Portuguezes, e sessenta e cinco escravos, escapados todos do naufragio, e peregrinação, em que andáram tres mezes, e nelles mais de trezentas leguas; ainda que do Penedo das Fontes até á Ilha, em que estavam, não havia por linha direita cento e sincoenta leguas.

CAPITULO XXVI.

Do que mais succedeo a esta gente da ndo Santo Alberto até chegar a Moçambique: e de como alguns dos Portuguezes, deixando o navio, quizeram ir por terra a Sofala, e pelas suas desordens foram quasi todos mortos no caminho pelos Cafres.

Logo ao outro dia quiz o Capitão Mór saber que mantimentos, e agua havia no navio; e perguntado o Capitão, respondeo que os marinheiros tinham noventa sacos de milho (o que deita a mais de onze moios); que quanto á agua, estavam cheios os tanques do navio, e que nelles se poderiam conter doze pipas; mas por ser pouca pera tanta gente, mandou Nuno Velho se despejassem quinze jarras, que hiam cheias de mel, que na tal Ilha o ha muito bom, e delle toma ella o nome, e se enchêram de agua; e logo Nuno Velho mandou pagar aos marinheiros o milho, e o mel por aquelle preço, por que o poderiam vender em Moçambique, o que tudo montou em duzentos e setenta e seis cruzados, e com as vaccas que crescêram da jornada, fizeram parte da sua matalotagem.

Chegado o tempo da monção, porque sem ella se não podem navegar aquelles mares, embarcaram-se todos a 9. de Julho, pera esperarem a conjunção da Lua, que havia de ser a doze, e com ella os ponentes, pera poderem seguir sua viagem; e antecipou-se a embarcação; porque pera o navio haver de navegar, deve pôr-se fóra de hum baixo, que está perto da Ilha, e aqui se vem esperar o tempo, porque estando dentro d'elle, não se pôde sahir com o mesmo ponente. Embarcados todos no navio, ficou este tão embaraçado com o numero de duzentas e oitenta pessoas que nelle estavam, que disse o Piloto d'elle Baptista Martins, marinheiro que tinha escapado do naufragio da náó S. Thomé, que não se atrevia a governallo, nem poderia marear-se, affim que vissem o remedio que se havia de pôr a tanto excessso. Sobre isto chamou o Capitão Mór a conselho, e conveio-se em deixar na terra os marinheiros do navio com suas familias, que como eram Mouros, teriam nella melhor remedio do que os Portuguezes. Abraçou-se este parecer, embarcaram-se todos os Mouros com suas mulheres, filhos, e fato, cujo numero montava a quarenta e cinco pessoas, o que todos elles soffrêram de bom grado com a boa paga que Nuno Velho lhes mandou dar,

dar, com a qual esperavam fazer jornada por terra a Moçambique, e muito mais proveitosa que a que poderiam fazer por mar. Desempachado mais o navio, e chegada a conjunção da Lua, não mudou o vento donde estava, e foi necessario esperar outra Lua. Neste meio tempo alguns Portuguezes, enfadados tanto da estreiteza do navio, como da escacez da água, resolvêram ir-se por terra a Sofala, que ficava dalli a distancia de cento e sincoenta leguas. Muito sentido ficou Nuno Velho delles quererem deixar a sua companhia; mas como era em pro dos que ficavam; deolhes licença, e oito espingardas com toda a munição necessária, e cento e sincoenta cruzados em peças de prata, e roupa. Por Capitão destes Portuguezes, que eram vinte e oito, foi hum soldado, por nome Balthazar Pereira, por alcunha o Reinol das forças, os quaes atravessando o rio de Manicha, e postos na terra firme, foram por ella fazendo tantas desordens, e desacatos, que sendo estrada já sabida, e trilhada pelos Portuguezes, que se salváram da não S. Thomé, e Galeão S. João, quasi todos foram mortos pelos Cafres, e mui poucos os que chegaram a Sofala; do que claramente se conhece a falta que lhes fez Nuno Velho Pereira, que com a sua pruden-

cia, e bom governo os tinha guiado, e sustentado por toda a Cafraria até á Ilha do Inhaca com muita paz, e quietação; sem nenhum delles ser molestado de tantas, e tão differentes nações de Cafres que encontraram.

Vinda a monção, fez-se o navio á vela pera Moçambique em 22. de Julho; e mettido do Cabo das correntes pera dentro, saltou com elle hum temporal tão rijo, que os nossos se deram por mais perdidos nelle, do que na náó Santo Alberto, e foram obrigados a alijar muitos mantimentos ao mar; mas passados dous dias, abonçou o tempo, e chegaram a Moçambique a 6. de Agosto, onde desembarcando, foram todos em procissão com os Padres de S. Domingos, que já os estavam esperando na praia, a nossa Senhora do Baluarte dar graças a Deos, e a sua Santissima Mãe pelas grandes, e prodigiosas mercês que lhes tinham liberalizado neste naufragio, e peregrinação.

Aqui acháram arribada, como já dissemos, a náó Chagas, Capitão Francisco de Mello Canaveado, com toda a gente da náó Nazareth, o qual a todos agazalhou, offerecendo o necessario aos necessitados, aos ricos a sua náó, e consolou a todos como melhor podia; e aqui os deixaremos até

até ao mez de Novembro deste anno, em que embarcados todos na não Chagas, me nos alguns que voltáram pera Goa, seguiram viagem pera o Reyno, da qual em seu lugar daremos conta.

CAPITULO XXVII.

Da guerra que D. Pedro de Sousa, Capitão de Moçambique, foi fazer aos Muzimbas das vizinhanças de Sena, e máo successo della; e das pazes que os mesmos Muzimbas fizeram com os Portuguezes, sem embargo de ficarem vencedores: das náos que neste anno foram á India; em que foi pela primeira vez a Bulla da Cruzada.

Visto andarmos por estas partes de Moçambique, razão será que demos relação da guerra, que o Capitão desta Fortaleza D. Pedro de Sousa teve com os Muzimbas das vizinhanças de Sena, pelas causas que já dissemos; e pera a qual se ficou apparellhando o anno passado. Chegando o tempo da sua partida, passou de Moçambique aos rios de Cuama, e foi a Sena levando consigo alguns soldados; e informando-se do estado em que estavam os Muzimbas, e ordenadas as cousas como cumpria,

pria, e ajuntando quasi duzentos Portuguezes, e quinhentos Cafres, atravessou o rio Zambeze, foi por terra até á Fortaleza dos Muzimbas, e assentou o seu arraial, onde André de Sant-Iago assentára o seu, e daqui mandou bater o muro da Fortaleza com algumas das peças que pera isso levou, com o que lhe não fazia damno algum, por ser de madeira muito grossa, e terraplenado por dentro, de entulho muito largo, e forte que os Muzimbas tinham feito com a terra da cava, como já foi dito.

Vendo D. Pedro o pouco estrago que a sua artilheria fazia no muro dos inimigos, determinou entrallo, e render por assalto, pera o que mandou entulhar hum pedaço da cava, o que se fez com muito trabalho, e perigo dos nossos, porque os Muzimbas de cima do muro fréchavam, e matavam alguns. Entulhado o bocado da cava, passou muita gente por elle com machados até ao pé da tranqueira; e entrando a cortar nella, foi tanto o azeite, e agua fervendo que lançaram de cima do muro sobre os que cortavam, que escaldáram, e pelláram quasi todos, e mormente os Cafres; por andarem nús, assim não havia quem ousasse chegar ao pé da tranqueira, tanto por medo do azeite fervendo,

co-

como de huns arpões de ferro compridos a modo de físgas , que os Muzimbas lançavam pelas setteiras do muro fóra ; com que feriam , e afferravam em todos os que se chegavam perto , e de dentro puchavam por elles com tanta força , que os chegavam aos buracos das setteiras , onde lhes davam mortaes feridas ; pelo que mandou D. Pedro de Sousa se recolhesse toda a gente , e descançasse : todo o resto deste dia se gastou em curar os feridos.

Ao outro dia mandou o Capitão colher muita madeira , e verga , e della fazer grandes cestos , tão altos , e mais que as tranqueiras dos inimigos , e mandou que se puzessem defronte dos muros , e que os enchessem de terra , pera que os soldados pelejasssem de cima delles com as espingardas , e os Muzimbas não pudessem andar por cima do muro , nem lançar azeite fervendo sobre os que cortassem a tranqueira. Estando quasi concluido este ardil de guerra , succedeo ordenar-se ao mesmo tempo outro de paz , ou melhor será dizer de cobardia , pela maneira seguinte.

Havia já dous mezes que esta guerra durava , de que enfadados os moradores daquelles rios , que alli estavam mais por força que por vontade , por estarem fóra de suas casas , e mercancias , que he todo

o seu trato, e não guerras, fingiram algumas cartas vindas de Sena de suas mulheres, em que lhes diziam, que estavam em grande aperto, por causa de hum Cafre levantado, que se dizia vir com muita gente pera roubar Sena, por saber que os Portuguezes andavam ausentes, assim que acudissem logo a suas casas. Divulgou-se esta mentira pelo arraial, e os moradores de Sena se foram ao Capitão, e lhe requereram que largasse aquelle cerco, e acudisse ao que mais importava, senão que elles haviam de acudir a suas casas; e deixallo.

Vendo D. Pedro a sua determinação, e entendendo serem verdadeiras as novas das cartas, levantou o cerco, e mandou passar a gente huma noite pera além da Ribeira; mas não se pode fazer isto com tanto resguardo, que o não sentissem os Muzimbas, os quaes sahindo com grande impeto da sua Fortaleza, deram sobre o arraial; mataram alguma gente que ainda estava nelle, tomaram a maior parte das bagagens, e a artilheria que ainda não estava recolhida.

Assim desbaratado, e desgostoso se retirou D. Pedro de Sousa pera Sena, e da hi pera Moçambique, sem fazer o que desejava, deixando o Muzimba melhorado, e muito mais soberbo do que estava; mas ain-

ainda que ficasse victorioso, commetteo logo depois pazes aos Portuguezes de Sena, dizendo, que elle nunca quizera guerra com os Portuguezes, antes sempre desejava sua amizade, e commercio; mas como os Portuguezes eram os que lhe tinham feito guerra, sem elle lhes ter feito algum agravo, elle os matára em sua defeza, como era obrigado. Estas pazes foram acceitas pelo bem que dellas resultava aos Portuguezes daquelle rio.

No fim deste anno, e já bem tarde, chegou a Goa a Frota, que nelle despachou ElRey D. Philippe primeiro pera a India, cujas cinco náos sahiram de Lisboa a 13. de Abril, indo por Capitão Mór dellas D. Luiz Coutinho Cabaço na náó S. Philippe; João Lopes de Azevedo na náó S. Francisco; Antonio Teixeira de Macedo na náó S. Christovão; Pedro Gonsalves na náó S. Pedro, e Lopo de Pina na náó S. Bartholomeu, a que alguns dam o nome de Santo Alberto.

Nesta Frota foi pela primeira vez á India a Bulla da Cruzada, e por Commissario Geral della o P. Fr. Francisco de Faria da Ordem de S. Domingos, que tambem hia por Vigario Geral da sua Ordem pera estas partes, varão doutissimo, de setenta e seis annos de idade, e com bem me-

merecida reputação de virtuoso; o qual mandou depois desfazer o Collegio de S. Thomaz, que a sua Ordem tinha em Cochim, e fabricar outro da mesma invocação na Cidade de Goa, por ser lugar mais accommodado.

C A P I T U L O XXVIII.

Da viagem que a não Chagas fez de Moçambique pera o Reyno: e do que lhe succedeo até á altura da Ilha do Fayal.

Tornando pois a continuar no proseguimento dos successos da gente da não Santo Alberto, Nazareth, e Chagas, que deixámos em Moçambique, donde muitta della se passou a Goa, a demais embarcando-se na não Chagas com toda a fazenda da não Nazareth que foi possível, ficou tão sobrecarregada, que mesmo no porto entrou a metter agua pelo cisbordo. Era Mestre della Manoel Dias, e Piloto seu filho João da Cunha, que sendo Sota-Piloto, entrou neste cargo por morte do que o era, Sebastião Fernandes. Chegado o tempo de seguir sua viagem, que foi em Novembro deste anno, sahio de Moçambique esta grande não, grande não só no tamanho, mas na

na riqueza que em si continha , com toda a pedraria de tres náos , e com quatrocentas almas , das quaes eram duzentos e setenta escravos , e cento e trinta Portuguezes , entre soldados , e Fidalgos , cujos eram D. Duarte Déça , que fora Capitão de Goa ; Nuno Velho Pereira , Braz Correa , Capitão da náó Nazareth , Julião de Faria Cerveira , Capitão da náó Santo Alberto , Antonio de Povoas , Capitão Mór da Armada de Dio , D. Rodrigo de Cordova , Castelhano ; João de Sousa , Pedro da Costa de Alvellos , João de Valladares Sotto-maior , que muitas vezes servio de Capitão nas Armadas da India , Paulo de Andrada , Henrique Leite , Luiz Leitão , Antonio Godinho de Béja , Bento Caldeira , Diogo Nunes Gramacho , Melchior Martins do Barreiro , Gregorio Gomes Galego , e Fr. Antonio , Frade de S. Francisco. Além destes vinham mais Dona Francisca da Fonseca , filha de Bernardo da Fonseca , Védor da Fazenda da India , e mulher de D. Tristão de Menezes , Capitão de Goa , com tres filhos , D. Simão já homem , e dous pequenos , e duas filhas , huma já mulher , por nome Dona Luiza de Menezes , Donzella formosa , e outra ainda menina ; e com esta Dona vinha hum seu irmão ; Dona Isabel Pereira , e sua filha Dona Luiza de Mel-

lo ,

lo, que escapáram do naufragio da náó Santo Alberto com Nuno Velho. Seguindo pois sua derrota costumada, passou o Cabo de Boa Esperança com furiosas tormentas, e grandes trabalhos, mettendo muita agua pelo cisbordo, pela qual razão hiam com grandes vigias, e se alijáram muitas fazendas que hiam por cima, e muitos mantimentos, que depois lhe fizeram bem falta: e quiçá que isto fosse a maior causa da sua perdição, como adiante se verá.

Dobrado o Cabo, esperavam todos, ou a maior parte dos que nella hiam, ir á Ilha de Santa Elena, sobre o que fez o Capitão seu conselho; e mostrando o Regimento, por que S. Magestade lhe mandava que não arribasse a ella, por ser informado de que os Inglezes hiam metter-se nella; e que havendo falta de agua, ou de mantimentos, se fossem prover ao porto de S. Paulo de Loanda, e não ao Brazil; e posto que soubesse em Moçambique do Capitão D. Luiz Coutinho, quando passou pera a India, que os Inglezes tiuham tomado no Corvo a náó Madre de Deos, e feito queimar a Santa Cruz que hia com ella, de cuja desventura atrás fizemos menção, cujas náos levavam o mesmo regimento que o Capitão mostrava, assentou-se com effeito que mais certos seriam os Inglezes

em

Angola, que em Santa Elena; mas não querendo desviar-se das ordens de S. Magestade, foram tomar Angola.

Neste porto se detiveram alguns dias; e providos de mantimentos, e agua, se fizeram na volta da Europa, accrescentando as bocas com os muitos escravos que tomáram; e como gastassem muitos dias por causa das grandes, e doentias calmarias daquella enseada de Guiné, lhe adoeceo muita gente do mal de Loanda, e lhe morreo quasi metade, e da que escapou hia a maior parte tão iscada do mesmo mal, que difficilmente podia pegar em armas, quando chegáram aos Açores, onde houve outro conselho sobre o que se faria, e teve-se por mais acertado o não ir avistar o Corvo, ainda que S. Magestade mandava em seu Regimento que buscassem esta Ilha, e nella achariam sua Armada.

Com este acordo puzeram a proa onde lhes convinha; mas como não podiam esquivar-se á triste sorte que os esperava, succedeo passados tres dias, que alguns homens do mar, que sempre são os que damnão todo o bom conselho, gulosos da agua fresca, e frutas das Ilhas, juntos com alguns soldados, entrarem a espalhar huma voz amotinadora, que na náó não havia mantimentos pera chegar a Lisboa, e com

if-

isto se foram ao Capitão Mór, e com grandes protestos lhe requerêram tomasse as Ilhas pera se refazer do necessario.

Este que, segundo a ordem do seu Regimento, tinha deixado de as tomar em virtude do acordo tomado no ultimo conselho, temendo esta voz pública, e parecendo-lhe que se não fosse ás Ilhas, e tivesse algum máo successo, ElRey o reprehenderia, aquietou os amotinados, e fez outra Junta, deseioso de acertar com o melhor; e como nella entravam pessoas de tanto porte, e experiencia, sustentáram o primeiro parecer, com tanto que na não houvessem mantimentos, com que mediocrementemente se pudesse demandar a costa, e passassem sem avistar as Ilhas.

Pera se examinarem os mantimentos, foram nomeados Diogo Nunes Gramacho, e Luiz Leitão, pessoas de muita confiança, os quaes orçando, e balizando os mantimentos, e a agua, assentáram que não eram tantos, que pudessem deixar de ir buscar as Ilhas, o que junto ao motim, e ao Regimento, não pode o Capitão deixar de pôr a proa ao Corvo, e nisso vieram todos bem contra o que entendiam lhes convinha, e até o mesmo Capitão Mór; e arrostando com a fortuna, se poz a náó em ponto de guerra, concordando todos, que en-

encontrando inimigos, antes se abrazariam, que entregar-se. Com esta resolução repartio o Capitão Mór as estanças, a poppa foi encommendada a D. Rodrigo de Cordova, e a Braz Correa o convés, e pera si tomou o lugar do perpáo. Nuno Velho não quiz lugar certo, e pedio ao Capitão Mór o deixasse livre, pera acudir onde mais necessario fosse, e nesta liberdade ficaram outros Capitães; porém Nuno Velho lançou depois mão do capiteo, lugar que ao diante foi muito accommettido dos inimigos. Outros escolhêram a proa com Antonio de Povoas, por ser parte muito importante.

CAPITULO XXIX.

Do grande combate que esta não Chagas teve com tres náos Inglezas á vista da Ilha do Fayal, a qual depois de huma bem ferida batalha, foi desgraçadamente queimada, e della escaparam sómente com vida treze pessoas.

TENDO o Capitão Mór satisfeito com as obrigações do seu officio no provimento das estanças, e repartição da gente, e nomeado Diogo Nunes Gramacho pera o provimento da polvora, cousa muito importante nos combates do mar, e indo a

Couto. Tom. VII. K não

não seguindo seu caminho, chegou á vista do Corvo; e não podendo aportar nesta Ilha, em razão de ser o vento contrario, tomou o rumo do Fayal; e sendo no dia 22. de Junho, houve vista de tres grandes náos, que logo conhecêram por Inglezas, e todas tres do porte de trezentas pera quatrocentas tonelladas cada huma, das quaes huma era do Conde Chiumber-Land, General dellas o Capitão Ckeve, e Almeirante o Capitão Antonio, todas tres vinham petrechadas de muita, e grossa artilleria de bronze, de que cada huma tinha duas andainas, muitas armas, muitos petrechos de guerra, e muita gente, e taes que qualquer dellas só por si podia affron-tar-se com a nossa náo.

Vendo os nossos chegada a hora a tantos dias antevista, e que não podiam livrar-se, passáram outra vez palavra de que se não haviam de render em quanto tivessem vida, ou o mar, ou o fogo comerem a náo, e nesta resolução dos mais valerosos vieram aquelles que o não erão. Encommen-dando-se todos a Deos, e sendo meio dia, se travou com os inimigos huma medonha, e cruel batalha de bombardas, e mosque-tes, sem em todo este dia, em toda a noite, até ao outro dia á mesma hora haver hum momento, em que parasse a furiosa
ba-

bateria , com muita mortandade de parte a parte , e a nossa não accommettida pela poppa , por haver nella menos resistencia ; pelo que foi necessario pôr-lhe de noite hum falcão , e abrir huma arrombada na tolda , em que com muito trabalho se poz huma peça de artilheria , e desempachar as duas do leme , que vinham recolhidas por falta de Bardeiros , pelos muitos que tinham morrido da doença de loanda , e outros no combate , cuja falta suppríram Nuno Velho Pereira , Pedro de Alvellos da Costa , Antonio Godinho , e Braz Correa.

Vendo os inimigos que a não estava armada por poppa , e que daqui recebiam muito grande damno pela muita presteza com que eram meneadas aquellas poucas peças , e o pouco fruto que tiravam , e a muita gente que tinham perdido , juntaram-se todas as tres náos , e assentando abalroarem a nossa , a investiram ao meio dia. Tomou a Capitânia inimiga a nossa não pelo meio ; a Almeiranta pela poppa , e a de Chumber-Land pela proa : investindo todas tres nesta ordem , e disparando-se a artilheria de parte a parte , com roqueiras , pelouros de cadeia , e de picões com grande estrago de todos , chovendo das gaveas hum diluvio de panellas , alcanças de fogo , dardos , e pedras , ardendo

ao mesmo tempo pelos bordos bombas, e lanças de fogo, cahindo de todos os lados muitos mortos, e feridos, formando todas as quatro náos hum vivo incendio. Taes erão os fortes combatentes, os Inglezes teimosos em levarem a preza, e os Portuguezes obstinados em não lha largarem. Andava o mar roxo com o sangue que corria pelos embornaes; os convézes estavam semeados de mortos, o fogo ateado nas náos por algumas partes, e o ar encuberto com o fumo de tal sorte, que não só se não divisavam huns aos outros, mas mal se conheciam muitos por crestados, e mascarrados do fogo, e polvora.

Bem víram os do Fayal investirem-se estas náos; mas durante o combate, não as podiam divisar, porque se encerráram entre huma espessa nuvem de fumo, dentro da qual ouviam retumbar os pavorosos écos das bombardas. Neste assalto foi espedaçado pelas pernas com hum pelouro de bombardas D. Rodrigo de Cordova; e mostrou tanto valor, que levando-o para baixo quasi morrendo, levantou a voz, dizendo: *Isto, senhores, recebo em meu officio; baja bom animo: ninguem deixe o seu lugar, antes abrazados que rendidos.*

Sucedeo-lhe no lugar Pedro de Alvellos da Costa, tão valeroso, qual depois

o experimentáram os inimigos, quando pela poppa quizeram commetter a entrada na náó, começando pelo prepáo, onde Nuno Velho acudio com huma lança de fogo; e ajudado de Luiz Leitão, e Melchior Martins do Barreiro, e outros, os obrigáram a retirar-se, pondo-lhe fogo na sua véla. Aqui acudio tambem Pedro de Alvellos com huma espada larga, cujos fios prováram bem os inimigos: retirados estes do máo acolhimento que acháram nesta entrada, entrou Pedro de Alvellos a fervillos com o falcão da poppa, e com roqueiras ajudado do Mestre, do Piloto, e Sota-Piloto por tal fórma, que não ousavam apparecer, nem descobrir-se pelo muito damno que recebiam.

Querendo os da Capitânia Ingleza emendar o máo successo que tiveram na entrada que commettêram os da Almeiranta, tentáram por duas vezes entrar pela xareta; e tão confiadamente se arrojáram, como se na náó não houvera já quem a defendesse; porém Braz Correa, que estava no convés com a sua quadrilha, os recebeo tão galhardamente, e Nuno Velho de cima da poppa com os seus companheiros, e juntamente Antonio de Povoas com os seus da proa, que por mais que os Inglezes trabalháram por se retirar, o não pudérão

conseguir sem cahirem alguns delles ao mar com a pressa , e outros ficarem mortos dentro na nossa náó , e os que escapáram , defenganados de tornarem a ella. Em huma destas entradas perdeu Melchior Martins do Barreiro a vida , e em seu lugar entrou Bento Caldeira por mandado do Capitão Mór , que a tudo occorria , e provia , defenganando a todos que a náó se não havia de entregar , em quanto houvesse algum com vida.

Parecendo aos Inglezes da náó da proa que não cumpriam com o que deviam , sem fazerem tambem a sua abordagem , emprendêram huma que lhes sahio tão cara , quaes eram os combatentes que lhe defendiam aquelle lugar , os quaes na náó inimiga , que lhes ficava atravessada , faziam notavel damno ; e notando os Inglezes da Capitânia , que achando-se pelo bordo , e rasó da xareta , não faziam o seu dever sem render por alli a nossa náó , deram terceira abordagem com grande furia , todos escudados com rodella de aço , capacetes , e outras boas armas , resolutos a morrer , ou tomar a náó ; levantando na xareta da nossa huma bandeira branca de paz , parecendo-lhes que os nossos folgariam de se abraçar com ella. Porém o primeiro que os nossos matáram foi o da bandeira , a tempo que

o Piloto João da Cunha levantava outra igual da poppa, que Nuno Velho, e os do capiteo lhe rompêram, e lançaram ao mar, querendo lançallo a elle tambem com ella juntamente, e dizendo-lhe que aquelle negocio se não havia averiguar com bandeira branca, mas com o sangue, e morte de todos, que se defenganassem os Inglezes: esta mesma voz corria por todas as estanças, posto que alguns mercadores que alli hiam folgassẽm mais de paz, do que de ver correr tanto sangue. Depois entrou a vagar huma voz de que a náo se hia ao fundo, e logo outra de que ardia, ao que outros respondiam: *Abraze-se, vá-se ao fundo; mas não se ha de render.*

Retirados os Inglezes escapados desta ultima entrada, continuava a porfia como se começára de novo, sem se ver outra cousa mais que mortos, sangue, e fogo, aturdidos todos do grande estrondo, e com terrivel sanha, e braveza: por duas vezes se pegou o fogo na Capitânia inimiga, e huma vez na náo da proa que se affastou ardendo, mas a tempo que tambem se tinha ateado no cochim de cairo da nossa náo, que vinha no gurupé pera guarda da véla do traquete, que os nossos se não lembráram tirar; porque estando os inimigos já defenganados da victoria, e desejosos de

poderem desembaraçar-se dos nossos, foi tal a furia do fogo no cochim, por estar mui secco do Sol, e guarnecido, e cercado de alcatroados, e subiram tão altas as chamas que se atearam na véla, que como por estopas, e por ella subio até á gavea, abraçando véla, ençarcea, e gavea com tal furia, e brevidade, que não se pode atalhar; porque além de não terem meios pera isso, nem modo com que fazer subir a agua tão alto, os inimigos da náó da proa, bem que se hia arredando, ás mosquetadas matavam a qualquer dos nossos que apparecia pera o apagar, pois que nem assim com o fogo ateado cessava a batalha de parte a parte; até que finalmente se apartaram pera longe as náós inimigas, havendo boas quatro horas que estavam abordadas. Então tiveram os nossos lugar pera se arremessarem a apagar o fogo, e elles pera se arredarem, e evitarem o perigo em que se viam; mas isto foi já quando não havia remedio algum; porque tendo-se assenhoreado o fogo da gavea, e de toda a ençarcea da proa, e do castello, cahia a ençarcea com pelotes, e com tudo mais ardendo; e levando pelo castello, convés, e costado tão grandes lavaredas, com tanta soffreguidade, e ímpeto, que não houve remedio pera o apagar.

Desenganados os nossos que a não ardia irremissivelmente, começaram muitos de se lançar ao mar em jangadas, e páos; e os que não sabiam nadar, a entrar em desesperado temor da morte; outros principalmente a escravaria, abraçando-se no lugar em que estavam, perguntando huns aos outros por remedio, clamavam ao Ceo por misericordia, com tantos brados, que suspendiam os ares; e ora correndo a hum bordo, ora a outro, não sabiam se se lançassem ao mar, ou se se deixassem abraçar do fogo. O P. Fr. Antonio abraçado com hum Crucifixo, pedindo a Deos misericordia por todos, e apertando com todos o fogo, entrou a obrigarlos a lançarem-se ao mar, o que fizeram os que sabiam nadar; e os que o não sabiam fazer, entrando em maior temor, lançando diante páos, barris, e jangadas muitos se affogáram primeiro do que se pudessem apegar nelles; e onde maior aperto havia, acudiam os Inglezes armados de lanças, a quem os nossos pediam misericordia, que elles lhes não concediam, antes traspassando-os de parte a parte cruelmente com as lanças, como carneiros, matáram a todos quantos puderam alcançar.

Que se poderá dizer do lastimoso estado das infelices Fidalgas, daquellas mal

affortunadas donzellas , e desditosos meninos ; das tristes , e traspassadas mãis , vendo-se sem remedio , abraçadas humas a outras , desordenadas , e sem determinação , dizendo-se tantas mágoas , que os corações dos afflictos ouvintes , que não lhes podendo valer , sentiam dobradas penas , vendo-as naquelle estado : a consideração de que se haviam de despir pera se deitarem ao mar , e esperar a misericordia dos Inglezes , as poz em termos de se deixarem antes queimar , que despirem-se.

Neste lance foi que Dona Luiza de Mello entrou a formar queixas contra a sua fortuna , dizendo : » Quanto melhor me » fora acabar no naufragio da náó Santo » Alberto , ou ficar enterrada nas arêas da » Cafraria ; porque se me succedêra qual- » quer destas couças , não me achára agora » em tão acerba afflicção. Cruel fortuna, pera » que me lifongeastes com teus favores , se » me havias de enganar tão cruelmente ? » Ingratas arêas da Cafraria , que cubristes , » e comestes Dona Leonor de Sá , por que » não tivestes comigo a mesma piedade , » quando por vós caminhei tres mezes , e » nelles trezentas leguas ? » Neste , e n'ou- » tros tres prantos passáram aquellas afflictas » mulheres , e innocentes meninos o breve » espaço que lhes restava de vida ; e havendo

do por melhor conselho lançarem-se ao mar, tomou Dona Luiza de Mello hum coração de S. Francisco, e atando-se com elle a sua mãe, ambas ligadas, e affogadas foram sahir a terra na Ilha de S. Miguel, onde lhes deram sepultura.

Finalmente acabáram estes valerosos Portuguezes nadando pelo mar, e passando dentro d'agua pelas armas dos crueis inimigos, contra as leis da guerra, que não mandam tirar a vida a gente rendida, e posta em tal estado. Este foi o mais triste, e horrendo espectáculo que já mais houve no mar com acerba perseguição, e crueis extremos de supportar a morte entre fogo, mar, e armas de hereges inimigos, de que só escapáram com vida treze pessoas por grande mercê de Deos, como diremos no Capitulo seguinte.

CAPITULO XXX.

Desgraçado fim do Capitão Mór Francisco de Mello Canaveado: modo, por que se salváram treze pessoas do combate, e incendio da não Chagas, das quaes os Inglezes lançáram onze na costa do Fayal, e guardáram duas, que foram Nuno Velho Pereira, e Braz Correa, que leváram pera Inglaterra.

A Chava-se Braz Correa com quatro homens do mar ao perpáo sem se saberem determinar; e apertando com elles já o fogo, disse hum Marinheiro, a que chamavam o Matanaos, que se passassem á proa pela parte de fóra, pela cinta do costado, e lá esperassem a cahida do gurupé, que era boa jangada. Foram-se os marinheiros pela cinta, e apôs elles Braz Correa; o que notando o Capitão Mór, disse a Nuno Velho, que se fossem tambem pera elles: ao que este respondeo, que pera morrer, tanto montava ser n'uma parte, como n'outra: com tudo foi-se apôs o Capitão Mór pela cinta, e deitando a mão a huma corda, que lhe pareceo ser fixa, cahio com elle ao mar, onde se houve por affogado, não sabendo nadar, e por grande fortuna se apegou a hum páo já meio affogado.

O Capitão Mór tambem passou pela cinta ; e pegando-se na proa a huma das cadeias , que já estava solta da ençarcea , como a náó arfava muito , ora o levantava , ora o tornava a metter no fundo ; e como não sabia nadar , não se affoutava a despegar-se. Braz Correa , que tambem não sabia nadar , estava com os marinheiros mais avante , e todos pegados por baixo do grão fogo , mettidos tambem no mar , esperando a cahida do gurupé ; e como cahio de tal sorte , que arremessando-se a elle alguns marinheiros , grumetes , e escravos , fizeram jangada d'elle ; e como o pé lhe ficasse junto da náó , arriscou-se Braz Correa a lançar-se a elle , e o alcançou trabalhosamente , e ajudado dos que já lá estavam , conseguiu pôr-se em sima. O Capitão Mór , que estava mais affastado , querendo tambem lançar-se a elle , como era mal visto , errou o salto , e foi-se ao fundo , e se affogou logo este honradissimo Fidalgo , que tão valerosamente tinha cumprido com as obrigações do seu cargo , deixando magoadissimos os que o viam morrer , sem lhe poderem acudir.

A este tempo vinha huma lancha dos Ingleses com as lanças enrestadas contra os que estavam no gurupé , que embaraçando-se na verga da cevadeira , que estava cru-

za-

zada , e fixa nelle pela ostaga , deteve-se nella : póde-se dizer que ainda aqui valeo o final da Cruz a estes afflictos ; porque na demora que fez , teve lugar hum grumete pera lhe mostrar hum bisalho de pedraria , e offerecer-lhe , pera que o não matassem ; o que visto por elles , arvoráram as lanças , do que Braz Correa ficou entendendo que davam lugar ao moço pera entrar na lancha ; e como elle não ousava fazello , bradou-lhe o mesmo Braz Correa que entrasse ; e como era o que estava na ponta do páo , lançou-se á lancha , e elles o receberam nella : os mais foram fazendo o mesmo , e tambem Braz Correa.

O Matanaos vendo Nuno Velho ainda posto sobre huma curva , lançou-lhe huma corda , e alando por elle , o ajudou a pôr sobre o gurupé ; e deixando-o sobre este , deitou a correr , e foi-se metter na lancha , que a toda a pressa se alargou , com medo não chegasse o fogo da náó á polvora , e fizesse voar as cubertas , e estas os alcançassem , e submergissem. Braz Correa , que via ficar Nuno Velho sobre o gurupé , entrou a instar com os Inglezes pera que o recolhessem , e a persuadillos com o grande interesse que delle lhes podia resultar ; mas não os pode resolver pelo grande medo com que estavam da náó ; porém gritáram

á outra lancha , que tambem vinha fugindo , que o tomassem , o que fizeram ; e tanto que o tiveram dentro , lhe tiráram a roupeta que vestia , e hum relicario , e assim despido o passáram pera a outra lancha , que era da náó de Chumber-Land , aonde foram levados.

Com este trabalho foi que se salváram treze pessoas , que foram Nuno Velho Pereira , Braz Correa , Gonçalo Fernandes , Guardiãó da náó Nazareth , e o Estrinqueiro della Antonio Dias ; Pedro Dias , soldado da India , dous Calafates , dous marinheiros , e quatro escravos , os quaes da náó inimiga víram acabar de arder a sua , na qual sendo já noite , chegou o fogo á polvora , que com horrendissimo estrondo , e grande fumaça se acabou de concluir aquelle lastimoío espectaculo , indo-se o casco ao fundo , e acabando de perecer os que ainda se conservavam pegados pelo seu bordo.

Destes treze Portuguezes , que os Inglezes salváram , logo se descartáram de onze , lançando-os nas costas do Fayal , e só leváram consigo Nuno Velho , e Braz Correa , por serem Capitães , pera testemunho do succedido , e por esperarem delles algum resgate ; mas trataram-os muito mal , com muitos desprimores , e máos tratamentos. Na batalha perdêram os Inglezes mais
de

de oitenta e sinco pessoas, e ficáram mal feridos mais de cento e sincoenta, de que todos os dias hiam morrendo alguns. Tambem morreo nella o Capitão Antonio, que era Almirante, e o general Ckeve ficou tão ferido nos joelhos, que nunca mais se pode erguer da cama, e disto foi morrer a Inglaterra: o Capitão da náó de Chiumber-Land sahio atravessado de hum arcabuzada pela barriga, de que por muito tempo andou mal em Inglaterra, onde se pasmarvam de que sendo os nossos tão poucos, lhes houvessem de matar, e maltratar tanta gente.

Levados Nuno Velho, e Braz Correa a Inglaterra, ficáram prizioneiros do Conde Chiumber-Land, que os tratou primorosamente, e teve hum anno por hospedes, e nelle se resgatáram por tres mil cruzados, que Nuno Velho pagou por ambos, não querendo que Braz Correa pagasse nada delles; e indo depois ambos a Hespanha, S. Magestade lhes fez mercês.

CA-

N IMPRENSA
NACIONAL

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

CAPITULO XXXI.

Em que se dá conta da viagem que fizeram pera o Reyno as náos que no fim do anno passado chegaram á India, de que foi por Capitão Mór D. Luiz Coutinho Cabaço: e combate que este teve com as mesmas náos que batalharam com a não Chagas.

NA entrada deste anno, e tempo apparelhado vieram de torna viagem com carga pera o Reyno as náos, que no fim do anno passado chegaram a Goa, de que veio por Capitão Mór na não S. Philippe, como dissemos, D. Luiz Coutinho Cabaço, em companhia das quaes veio outra, de que era Capitão D. João Pereira. Das quaes náos que eram cinco, o S. Pedro não podendo arribar á Ilha de Santa Elena pera haver agua, de que vinha muito falta, foi tomalla ao Brazil, onde estando surta, lhe deo hum tão grande temporal, que a fez dar á costa; e salvando-se toda a gente, e muita da fazenda que trazia, os Inglezes a foram tomar a terra. A não S. Christovão com grande trabalho arribou a Moçambique; e por não estar capaz de fazer viagem pera o Reyno, fez-se na volta da India em Setembro, e no

Couto. Tom. V^{II}. **L** gol-

golfão se foi a pique, salvando-se a gente na náó S. Paulo, que vinha de volta para o Reyno. A náó S. Francisco ficou na Índia: D. João Pereira chegou a salvamento a Lisboa, e tambem a Capitânia, depois de batalhar com as tres náós Inglezas, que peleijáram com a náó Chagas.

Porque o General Ckeve assim mesmo ferido de morte como ficára da briga passada, se deixou andar entre as Ilhas mais de hum mez á espera de alguma preza, e corrido de haver de apparecer em Inglaterra com tanta perda de gente; até que avistando huma manhã a náó S. Filippe, se foi a ella com as outras duas náós da sua conserva, e todas tres a investíram ás bombardadas, e com ella peleijáram todo o dia. Mas vendo a grande resistencia, e damno que a nossa náó lhes fazia, pertendeo aterrar os que nella vinham com o defastre da náó Chagas, para o que mandou atar Nuno Velho Pereira, e Braz Correa, e mettellos em huma lancha, em que enviou a dizer a D. Luiz Coutinho, que amainasse logo da parte da Rainha de Inglaterra, senão lhe queimaria a náó, assim como tinha feito á náó Chagas, em testemunho do que lhe mostrava alli prezos os Capitães Nuno Velho, e Braz Correa que della tinham escapado.

Mandou D. Luiz á lancha, que se não chegasse, e fallasse de largo, e respondeo ao recado, que elle não conhecia a Rainha de Inglaterra, sim ElRey de Hespanha D. Philippe nosso Senhor, cuja era aquella não Capitânia da carreira da Índia, e Capitão Mór della D. Luiz Coutinho Cabaço, aquelle que na Ilha do Corvo tomára, e desbaratára a Ricarte de Campo Verde, General Inglez, e disse ao seu General, que fizesse quanto pudesse, que elle lhe responderia como convinha: e que soubessem tambem, que aquella não vinha carregada de muita riqueza, e de muita pedraria.

Com esta resposta determinou o Inglez queimar a não, e pera isto mandou logo despejar a de Chiumber-Land, por ser já velha, e que lhe sobrecarregassem a artilheria toda; e levando só dez pessoas pera a marearem com a lancha por poppa pera se sahirem depois de afferrada com os arpéos, deixando espias accezas na polvora, e que arremettendo todás as tres náos com a nossa, aquella só abalroasse com ella, e ambas se queimassem. Tomado este accordo, ordenou Deos outro, porque não descontinuando a batalha, em quanto se dispunha este ardil, deram da nossa com hum pelouro no mastro do traquete da não do

Conde, e lho quebráram: apôs isto succedeo huma trovoadá com que a nossa não se foi sabindo, e as duas em seu seguimento, ás quaes D. Luiz fez farol toda a noite; porém ellas não vendo a outra, que por falta de mastro não podia velejar, desistiram da contenda, e foram acudir-lhe, e D. Luiz seguiu em paz sua viagem.

CAPITULO XXXII.

Descripção da Cidade de Chaul, e do seu célebre morro, e tomada deste pelos Portuguezes.

V Oltemos agora a ver o que vai pela India; porém antes que entremos em Goa, diremos o que se passava por Chaul, Cidade nossa, bem que pequena, cercada de bons muros, e estes fortalecidos de mui fortes baluartes, tanto pela parte do mar, como pela da terra, e nelles muita, e grossa artilheria, a qual Cidade se fecha todos os dias ao Sol posto, e se torna a abrir pela manhã, e toda a noite he vigiada, e guardada por cima dos muros, e baluartes com boas vigias.

Jaz esta Cidade á borda do mar, e ao longo de hum rio, e dos seus muros pera dentro tem varios Conventos, e outras Igre-

jas, e muitos aposentos nobres, em que vivem pessoas muito abastadas. Pelo rio affirma, obra de meia legua, tem o Melique huma povoação, a que chamam Chaul de fima, na qual muitos Mouros, e Gentios, quasi todos mercadores, e officiaes de muitos officios, principalmente tecelões de sedas muito primorosas, e outras cousas muito ricas, e estimadas, a cujo porto vam muitas náos da Ethiopia, Meca, Mascate, Ormús, Sinde, Cambaya, e Dio; e todas ellas vam daqui carregadas de mui ricas mercadorias, e nella tinha o Melique por Tanadar hum Eunuco, grande, e affamado Capitão, que sendo primeiro escravo de Portuguezes, agora o era delle.

Defronte da nossa Cidade de Chaul, e além do rio, em huma ponta de terra á entrada da barra, está huma serra muito alta, e fragosa, chamada o morro, onde os de Melique tinham feito huma Fortaleza das maiores, e mais forte que podia haver no mundo, com huma cava de altura de huma lança, e tão larga que chegava do mar ao rio, ficando o morro na ponta de terra como Ilha, cercado de mar por tres partes, e da banda da terra com a cava, em que havia huma ponte levadissa de madeira, por que se serviam pera a terra firme. Desta cava pera dentro, e logo

jun-

junto ao morro , estava hum lanço de muro muito alto , e forte , que chegava do mar até ao rio , e nelle dous fortissimos baluartes , e no meio destes , e sobre o muro , e bem á vista hum leão de bronze com esta letra : *Todo o que cá quizer entrar , mais que eu , ha de peleijar.*

No meio do morro havia outro lanço de muro com outros baluartes , e no cume delle hum grande , e fortissimo baluarte , que tomava toda a cabeça do monte , a que chamavam o baluarte da Resistencia , no fim do qual havia outra letra , a que servia de emblema huma aguia tambem de bronze , com as azas estendidas , e dizia assim : *Quem aqui pertender chegar , mais do que eu , ha de voar.* Da parte do mar , e á entrada da barra estava outro muito forte , e grande baluarte , os quaes por todos eram sete , e nelles se contavam mais de setenta peças de artilheria grossa , e mui furiosa.

Destas cercas pera dentro tinham os Mouros huma cisterna , ou tanque muito fundo , todo de pedraria lavrada , muito bem feito , e custoso , em que nascia a agua de que bebiam , e tambem inuitos armazens de todas as cousas necessarias pera a guerra , e humas casas muito bem acabadas , onde morava o General de toda a gente de guerra que alli estava , que eram quasi oito

to mil homens de peleija , tanto de pé , como de cavallo , tudo gente escolhida , entre a qual havia muitos Mouros nobres , e ricos , todos alojados junto ao morro da parte de fóra , em suas tendas de diversas cores louçans , e custosas pera defensão do mesmo morro. Junto a este arraial estava hum mercado , ou bazar , como lhe chamam na India , em que havia , entre homens , mulheres , e meninos , perto de sete mil almas , todos mercadores , e vendedores de todo o necessario pera tão grande copia de gente , como a que alli estava , e aqui se achavam muitas peças ricas , muito dinheiro , muitas mercadorias , e tudo o mais que ainda hoje se vende em Chaul de sima.

Estando as cousas nestes termos da parte dos Mouros , e os Portuguezes mettidos na Cidade , a quem os Mouros procuravam assombrar com a copia da artilheria , que de continuo desparavam sobre ella , e não menos com a multidão da gente de guerra , com que no mez de Abril entráram a molestar-nos , talando com a sua cavallaria os campos de Chaul , arruinando muitas aldeias pela costa com os saltos que do mar faziam ; porém o mais insoffrivel de todos os males era a chuva de pelouros que cahia sobre a Cidade , cujo movimento fazia o Melique contra as pazes assentadas

das no governo de Francisco Barreto, fundando-se em queixas, que dizia ter do Viso-Rey Mathias de Albuquerque.

Determináram-se os nossos a resistir a estes damnos, e por vezes accommettêram os inimigos no campo, e sempre com boa fortuna; huma dellas foi a tempo que eram chegados quatorze Mogores, com muita opinião em cousas de valentia, que andavam na Corte do Melique, os quaes elle mandou, pera que fossem testemunhas, e ajudantes da prizão dos Portuguezes, que elle tinha por mui certa, os quaes tanto que apparecêram no campo, deram sobre elles os nossos, e matando nove, e cativando dous, tiveram o contentamento de ver fugir os outros, e com elles o Eunuco Tanager, tão cortado do ferro Portuguez, que não pode escapar á morte. Succedeo-lhe no cargo hum Abexin chamado Frateção, que ao acceitar a empreza, disse havia de acabar nella, pois seu pai lhe tinha dito que morreria ás mãos dos Portuguezes.

Com o novo General principiáram novas escaramuças, em huma dellas arremetteo hum moço de pouco mais de quinze annos com hum Cavalleiro Mouro; e derubando-o com huma espingardada, cahio sobre elle, e destroncando-lhe a cabeça com huma faca, montou no cavallo que ficára

def-

desoccupado, e foi presentalla ao seu Capitão. Neste tempo chegou D. Alvaro de Abranches de Baçaim, onde estava por Capitão da gente de guerra que lá assistia, por causa dos mesmos Mouros, que corriam todas estas terras; e trazendo consigo embarcada toda esta gente, entrou pelo rio de Chaul por baixo de infinitos pelouros, que do morro lhe atiravam, sem nenhum delles lhe fazer damno; e entrando, desembarcaram todos em Chaul com muitas festas, e alegrias. Com igual contentamento foi recebido o Capitão de Salcete, quando chegou logo depois com a sua gente.

Estava em Chaul por General de toda esta gente de guerra Cosme de Laseitar, e logo com a chegada destes dous Capitães determinou passar o rio á outra banda, queimar o Bazar dos Mouros, e inquietar o seu arraial, sem intento de commetter por então o morro, porque tinha isso por impossivel. Pera esta empreza se confessaram, e commungaram naquella noite todos os soldados nos Conventos, e Igrejas da Cidade, que pera isso estiveram abertas, e apparelhadas; e depois de todos confessados, atravessaram o rio em barcos, e batéis, que já tinham prestes; e antes de amanhecer desembarcaram todos, que seriam mil e quinhentos Portuguezes, e foram logo

go marchando pera o Bazar, D. Alvaro de Abranches na vanguarda, e Cosme de Lafeitar na retaguarda.

Porém antes de lá chegarem, lhe fahíram os Mouros ao encontro com muito grande resistencia, peleijando esforçadamente a pé, e a cavallo; mas foram accommettidos pelos Portuguezes com tanta ousadia, e esforço, qual se não póde explicar. Contra elles saltáram os Mouros alguns elefantes com a bocas armadas de espadas, dos quaes investindo hum com hum soldado da Beira, este lhe descarregou huma tão grande cutilada, que o animal defatinado com a força do golpe, voltou as armas que trazia contra os seus, e fez nelles o estrago que houvera de fazer sobre os nossos, e fugindo, foi cahir atravessado dentro da cava.

Vendo os Mouros baldadas as suas diligencias, e não podendo resistir ao furor dos nossos, voltáram as costas, e foram fugindo pela ponte pera o morro com tanto desacordo, que huns atropelavam os outros, tanto de pé, como de cavallo, correndo a quem primeiro entraria pela porta dentro; mas como a ponte era estreita, e muito grande o concurso dos homens, mulheres, e meninos, cavallos, e elefantes, que por ella queriam passar, cahíram mui-
tos

tos della abaixo , e morrêram na cava. Hiam os nossos dando-lhes no alcance valentemente , que entráram juntamente com os Mouros pela porta dentro até á primeira cerca , matando sempre nelles , a qual porta não puderam fechar por lha impedir hum elefante ; que indo tambem fugindo muito ferido , cahio entre ella sem mais se poder levantar.

Tanto que os Mouros víram os Portuguezes dentro da primeira cerca , foram pera fechar a porta da segunda ; mas tambem o não puderam fazer , por lho impedir hum cavallo , que no meio della cahio ferido pelo P. Fr. Antonio de S. Francisco com o ferro da aste em que levava arvorado hum Crucifixo , pela qual razão os nossos accommettendo-a com tanto impeto , que por cima do cavallo foram entrando , e senhoreando-se della a pezar dos Mouros que a defendiam valerosamente. Em defensão desta entrada obrou Fratecão maravilhas de valor , até que veio a ficar cativo com muitas , e perigosas feridas. Desta sorte , e em tres horas de tempo desbaratáram os nossos mil e quinhentos Portuguezes , oito mil Mouros de pé , e de cavallo : ganháram a ponte , e as duas cercas do morro com seus baluartes.

Ficava só o baluarte da resistencia ,
que

que estava no alto da ferra, pera onde se acolhêram os Mouros que escapáram da briga, e nelle se fecháram, e fizeram fortes; mas aproveitou-lhes pouco, porque os nossos mandáram logo á Cidade bulcar escadas, e postas ao muro, entráram por elle a pezar dos Mouros que o defendiam esforçadamente, os quaes por duas vezes tomáram as escadas aos nossos, e as mettêram dentro primeiro que fossem entrados. Morrêram nesta briga os mais dos Mouros, e os que escapáram com vida ficáram todos cativos, entre os quaes o foram tambem a mulher, e huma filha de Fratecão, o qual depois de estar cativo se fez Christão, attribuindo o bom successo desta victoria ao nosso Deos ser verdadeiro, e poderoso; mas depois morreo das feridas com que sahio da batalha, e foi enterrado em Chaul com grande pompa, e apparatus, acompanhado de toda a Cleresia, Capitães, e soldados, que neste tempo ainda estavam todos em Chaul. A mulher de Fratecão se resgatou depois por muito dinheiro, e a filha foi trazida a Goa, donde o Viso-Rey Mathias de Albuquerque a trouxe pera Lisboa, quando acabou o seu governo, e a fez tambem Christã.

Nesta gloriosa, e milagrosa victoria não morrêram dos Portuguezes mais do que
vin-

vinte e huma, e foram pouco mais de quinhentos os feridos, e entre estes D. Alvaro de Abranches com huma pedrada no rosto; porém todos melhoraram. Dos inimigos morreram mais de dez mil almas, e os demais ficaram cativos. Esta victoria foi alcançada em dous de Setembro deste anno. Todos os baluartes, e cercas deste morro foram derrubados pelos nossos, por se não poder sustentar tão grande máquina, senão com muita gente de guerra, e sómente ficaram em pé o baluarte da resistencia, e outro que está ao longo do mar na entrada da barra, nos quaes se tem conservado sempre hum Capitão nosso com soldados Portuguezes, a quem o Estado paga pera defensão do morro. Os despojos que aqui se acharam, além das riquezas do Bazar, foram muitas munições, muitos cavallos, cinco elefantes, setenta e cinco peças de artilheria, e outras muitas armas.

CA

CAPITULO XXXIII.

Guerra dos Portuguezes em Columbo com os Chingalas : desbarato de Pedro Lopes de Sousa : succede-lhe D. Jeronymo de Azevedo : assaltam os Malavares a não da China que vinha pera Goa: manda o Viso-Rey contra elles a André Furtado de Mendoça , que toma tres náos do Camorim : destroe a Armada inimiga , e vai restaurar Columbo , que estava em riscos de perder-se : chegada das náos do Reyno.

PAssemos agora a Columbo , onde animados os Portuguezes com a morte do Rajú , para poderem recuperar o que tinham perdido em Ceilão , deram aviso ao Viso-Rey Mathias de Albuquerque da boa occasião que se lhe offerencia ; e elle que não se descuidava nunca de aproveitar os favores da fortuna , mandou-lhes Pedro Lopes de Sousa com bastante gente , e munições pera o prosseguimento da empreza. Chegou este Capitão a Columbo , entrou na serra , e pondo seu arraial em Palnagure , despachou a Francisco da Silva, Castelhana , pera que fosse buscar a Rainha de Cande , pera a metter de posse daquelle Reyno , a quem justamente pertenc-

cia,

cia, e com o qual se tinha levantado João Chingala.

Porém este vendo a pouca ordem com que Pedro Lopes se portava nesta acção, sem embargo de ser hum dos antigos, e valerosos soldados da India, o embarçou, e acoçou de tal forte, que não só o cativou, e cortou os narizes, mas fez o mesmo a quasi quinhentos homens que o acompanhavam: a mesma fortuna passaram alguns Religiosos, e entre outros o P. Fr. Francisco de Christo. Este mesmo Chingala nesta occasião fez padecer martyrio a mais de cento e vinte Portuguezes, que atados a troncos de arvores, e confessando a Jesu Christo, perdêram as vidas huns ás frêchadas, outros ás espingardadas, e outros finalmente a ferro frio, e ao mesmo tempo prendeo a Rainha de Cande.

A Pedro Lopes de Sousa cativo, e desbaratado succedeo D. Jeronymo de Azevedo, o qual em hum recontro em que recebeu grande perda, peleijou com mais de dez mil Chingalas. Desta briga sahio todo aberto de cutiladas o P. Fr. Gaspar dos Reys da Ordem de S. Francisco, a quem pera haver de escapar, puzeram, e atáram sobre hum elefante, por não poder segurar-se por si; mas o animal enfurecido, e aturdido com o horror da batalha, que

que ainda continuava, foi defatinadamente correndo por entre hum emmaranhado mar-to, e deixando em cada esgalho, e espi-nho hum pedaço do miseravel corpo deste Religioso. Era Capitão destes levantados hum Chingala, por nome Domingos Cor-rea, que sendo prezo depois, foi esquar-tejado em Columbo em castigo de sua traição.

Não foi menos defaistrado o successo da não annual da China; porque sendo no mez de Abril, e vindo tanto avante como a costa do Malavar em demanda do por-to de Goa, onde vinha descarregar-se das muitas riquezas que trazia, saltáram com ella quatorze paraós Malabares com inten-to de a renderem; e não lhes seria vão, a saberem que nella não vinham mais de quatorze Portuguezes que a defendessem, podendo muito bem ser baldado o seu de-sejo, se estes por sua confiança, ou descui-do não trouxeram sempre tão mal arrega-dados tão grandes thesouros. Peleijáram tres dias, e tres noites, que tanto durá-ram as vidas aos que a defendiam; porém nem ainda depois delles mortos se pude-ram lograr da preza; porque hum Javo que nella vinha, a incendiou com hum bar-rilete de pólvora, com o que privou os ini-migos da melhor, e maior parte da preza

Ven-

Vendo o Viso-Rey Mathias de Albuquerque a soltura com que os Malabares andavam por toda aquella Costa, e as continuas sobrançarias que nos faziam, fez aprestar huma Armada de dezoito vasos, em que se embarcaram seiscentos homens, e por Capitão Mór destes, e della André Furtado de Mendoga, com ordem de ir destruir, e castigar a soberba com que os inimigos andavam infestando aquelles mares. Sahio André Furtado de Goa, e seguindo sua viagem, encontrou no primeiro de Agosto com tres náos do Camorim (que já então tinha quebrado as pazès, que tinha assentado com o Estado, como já dissemos) carregadas de muita riqueza, e cheias de gente de ambos os sexos, e de todas as idades. Investiram os nossos com ellas, defendêram-se valerosa, e obstinadamente; mas foram por ultimo rendidas com morte de mais de dous mil dos inimigos: foram tão crescidos os despojos que nellas se ganharam, que coube a cada moço cinco taleigos de Pagodes; e quando a estes coube tão grande parte no saque, quanto caberia a cada soldado!

Alcançada esta victoria, seguiu André Furtado avante, e foi dar com a Armada que buscava no rio de Cardiva, a qual tanto que houve vista da nossa, aper-

tou os remos, e mui resoluta a foi buscar; mas não tardou muito que se não arrependesse do seu atrevimento, pois que com a sua inteira destruição pagou os insultos que andava commettendo, e deixou nas mãos dos Portuguezes huma completa victoria, e muitos despojos, os mais delles uteis pera a guerra.

Alcançada esta importante victoria, com tanta perda, e morte dos inimigos, foi André Furtado navegando pera Ceilão; e surgindo no porto de Columbo, chegou a tempo tão opportuno, que foi o restaurador daquella praça, onde então andavam os Portuguezes tão discordes, e tão mal havidos com o seu Capitão, que tinham reduzido tudo a huma perdição total. Restaurado Columbo, e ordenadas de alguma sorte as cousas de Ceilão, voltou pera Goa cheio de fama, e cuberto de gloria.

Em Setembro deste anno chegaram a Goa as tres náos, que El Rey D. Philippe Primeiro despachou pera a India em 30. de Março deste mesmo anno, de que veio por Capitão Mór Ayres de Miranda na náo Monte do Carmo, e por segundos Luiz de Sotto na náo S. João, e Sebastião Gonçalves de Alvellos na náo S. Paulo, que levou de Moçambique pera Goa a gente da náo S. Christovão que se affundou.

CA.

CAPITULO XXXIV.

Da torna-viagem que estas mesmas náos fizeram pera o Reyno : perdição da não Madre de Deos, que veio na sua companhia : descrição da costa da Ethiopia Oriental : fabricão os Padres de S. Domingos huma Fortaleza na Ilha de Solor pera resistirem aos Mouros da Jaoa : queimão os Malabares a Capitânia da Armada que sabio de Goa pera recolher a Frota de Coromandel : chegão á India as náos que este anno vieram de Lisboa.

E Stas mesmas náos, de que fallamos no precedente Capitulo, com mais outra feita de novo em Baçaim, por nome Madre de Deos, Capitão Antonio Teixeira de Macedo, partíram aviadas de carga pera o Reyno em 15. de Janeiro de 1595. das quaes duas, a Captânia, e a não S. João chegáram ambas juntas a Lisboa: a não S. Paulo desappareceo no mar, e a Madre de Deos indo demandar o deserto da Ethiopia Oriental, como fazem todas as náos que navegam da India pera a Europa, pera segurarem melhor sua viagem, até passarem Cabo Delgado, Moçambique, e o Cabo da Boa Esperança, se perdeu.

Porém esta não teve peor ventura que

as outras; porque vindo em demanda deste deserto, que jaz avante da Cidade de Magadoxo pera o Nordeste, e vai correndo a costa mais de cento e sincoenta leguas até á Ilha de Socotorá, a qual costa he quasi deserta, e deshabitada, e tão esteril, que nella não ha huma folha verde, nem fontes, nem ribeiras, mas grandes areas, e terras infructiferas, pela qual razão lhe chamam o deserto da Ethiopia Oriental. E fazendo-se o Piloto ainda longe da terra, foi varar nella huma noite, bem fóra do que esperava; e tanto que tocou no fundo, logo se fez em pedaços, e se affogou muita gente, a qual foi muito menos opprimida de trabalhos, do que a que chegou a terra com vida; porque esta teve depois mais penosa, e lastimosa morte, ficando em huma terra deserta, esteril, e deshabetavel, sem mantimentos, sem agua, e sem abrigo, nem reparo contra o grande calor do Sol; que nesta paragem fere tão accezamente com seus raios, que parece abraçar a terra.

Postos neste deserto, pouco e pouco foram morrendo consumidos, e mirrados do Sol, da fome, e da sede, e só escaparam dezeseis, que fazendo logo seu caminho ao longo da praia, foram dar a Magadoxo, sustentando-se com huma pouca de
 agua,

agua, e algum biscouto que pudéram tirar da náó; mas chegáram todos tão crestados, e negros do Sol, que pareciam Cafres, e tão desfigurados, e descarnados, que mais se assemelhavam á figura da morte, que a homens vivos. A perdição desta náó foi por descuido do Piloto, que foi hum dos que acabou com ella, que talvez se enganasse com a grande corrente da agua que vai do mar pera a terra; assim devem todos ter muito resguardo com esta costa, e não a virem demandar de noite, pera se livrarem destes desastres.

Neste anno, e pera segurança da cultura Evangelica das Ilhas de Timor, e Solor, que estava a cargo dos Padres de S. Domingos, e pera melhor se defendcrem dos assaltos que lhes davam os Mouros da Jaoa, em odio da Religião Christã, levantáram os mesmos Padres huma Fortaleza de pedra, e cal em Solor, pera a qual lhe mandou o Viso-Rey muito boa artilheria, e nella punham Capitães da sua mão, com soldados pagos, e sustentados á sua custa, e dos Christãos de todos aquelles contornos; a qual Fortaleza cresceu ao depois tanto, e foi de tão grande importancia, que o Estado houve ao depois por bem tomalla a si, e nomear Capitães pera ella, entre os quaes foram dos primeiros Antonio de Vi-

Vilhegas, e Antonio de Andria, cujos tiveram muitas brigas com os Mouros, e fizeram gandes serviços em pro da Religião, e do Estado.

Chegado o tempo de se recolher a Goa a Frota, que havia vir de Coromandel, mandou o Viso-Rey pera a guardar, sahir huma Armada composta de cinco Fustas, e huma Galera, que era a Capitânia; e andando toda á vista do Cabo Comorim, foi a Galera assaltada por huns Paráos Malabares; e tão descuidados acháram os nossos, que entrando dentro da Galera, matáram a quantos nella estavam, e lançáram-lhe depois o fogo. Sobre este descuido recahio logo huma indigna fraqueza; porque ainda que as fustas andavam hum pouco affastadas, e acudissem á revolta que viam na Capitânia, podendo accommetter os inimigos, e pôde ser que tomallos, não o fizeram, antes o deixáram ir em paz, vangloriando-se do seu feito, sem ousarem tomar satisfação da affronta que tinham recebido, e com esta perda, e este desdouro se recolheram pera Goa.

Em Outubro deste anno chegou a salvamento a Armada que ElRey despachára pera a India em 3: de Abril deste mesmo anno, a qual se compunha de cinco náos, de que veio por Capitão Mór na náos

CAPITULO XXXIV. 183

fa Senhora da Luz João de Saldanha, e os outros eram João Rodrigues Carreiro na náó Victória; João Paes Freire na náó S. Pantaleão; Gaspar Palha Lobo na náó Rosario; e Antonio Carvalho na náó S. Simão. Nesta Armada passou á India D. Fr. Aleixo de Menezes, da Ordem de Santo Agostinho, pera succeder no Arcebispado de Goa a D. Fr. Matheus.

CAPITULO XXXV.

Partida das náos da India pera o Reyno, e successos de sua viagem: origem da povoação, e Fortaleza do Cunhale, que o Viso-Rey intenta destruir unido com o Camorim: chega a Goa o Conde da Vedigueira pera succeder no governo da India a Mathias de Albuquerque: qualidades, e prendas deste Fidalgo.

CHegado o tempo de seguir viagem, partiram de Cochim promptas de carga as cinco náos que o anno passado tinham vindo do Reyno, das quaes a náó S. Simão arribou a Moçambique, onde ficou, e seguiu viagem com as náos que no anno 1597. vieram da India de torna-viagem pera o Reyno. Tambem a náó Rosario arribou a Moçambique, e ahi se des-

fez, e a carga; e a gente tornou pera Goa. A Capitania, e a Victoria parece que por sobre carregadas, as soçobrou o mar, defeito geral de todas quantas vam da India pera a Europa, e que a cubiça não deixa emendar: o S. Pantaleão, que de todas estas náos era a mais velha, foi a que chegou a Lisboa a salvamento.

Profeguindo pois com as cousas da India, pera maior entendimento do que vamos escrever, cumpre saber-se, que hum dos principaes artigos das pazes que se fizeram com o Camorim em 1591. como então dissemos, continha que este Principe não admittiria, nem acoutaria piratas nos portos dos seus Estados, o que se devia entender pelo Cunhale, de quem já temos feito menção, o que elle nunca, ou mal cumprio, levado do interesse que este pirata lhe fazia, o qual ultimamente o assoberbava já com o seu poder, e arrogancia.

Ora este Mouro, que era natural, e morador em hum pequeno lugar chamado Coriche nos dominios deste Principe, e como tal seu vassallo, querendo augmentar sua fortuna, e ter huma guarida segura pera sua habitação, roubos, e latrocinios, lançou os olhos sobre o pequeno porto de Pudepatan, na costa do Malabar, entre Goa, e Cochim, distante sessenta e

sete leguas da primeira, e trinta e tres da segunda, dentro do qual se fórma huma Península, unida ao continente pela parte Occidental, e cujas commodidades, ajudadas pela arte, lhe parecêram proprias para dalli emprehender cousas grandes, e levantar huma Fortaleza, em que pudesse estar seguro, e sahir com alguns barcos a roubar os que andassem por aquella costa. Consideradas todas esta vantagens, pediu licença ao Camorim pera povoar este lugar, o que elle lhe concedeo.

Havida a licença, passou o Cunhale a elle com todos seus parentes, e amigos no tempo que D. Antonio de Noronha tinha o governo da India, e na ponta mais Oriental da Península entrou a levantar huma Fortaleza quadrada, e daqui principiou a perturbar o commercio que faziamos por aquelles mares, e a fazer cruel guerra aos nosso portos vizinhos, e a tomar-nos muitas embarcações carregadas de ricas mercadorias; e á medida que hiam crescendo os roubos, hia augmentando o poder, e engrossando as riquezas.

Este atrevidissimo Mouro quando morreu, deixou por seu successor, e herdeiro a seu sobrinho Mahamet Cunhale Marcá, o qual obrando muito contra os Portuguezes, e conhecendo que estes não deixariam de

o buscar, fortificou de novo a povoação, que delle tomou o nome de Cunnale, fazendo-lhe cercas muito fortes, e baluartes pela parte do mar, e da terra, e por esta mesma banda huma grande, e larga cava, que alcançava de mar a mar com suas tranqueiras, e estacadas; e pera guarda do porto levantou hum grande, e fortissimo baluarte, em que poz muito forte, e grossa artilheria; e pera mais difficultar a entrada delle, mandou encravar na vasa huma estacada, de tal sorte encadeada, que mal podiam passar por entre ella navios de muito pouco lote.

Toda esta grande máquina lhe servia não só pera haver-se por seguro, mas pera se ensoberbecer tanto, que esquecendo-se de que era vassallo, entrou a servir-se como Rey, creando officios correspondentes a esta dignidade, com pagens de armas, e montando em elefante ajaezado de branco, que são as insignias proprias dos Principes Soberanos da Asia; e havendo-se com os Portuguezes tal, qual seu Tio se houve, bem que com fortuna mais avantajada; porque além de nos tomar muitas fustas, e outros barcos, tambem nos tomou huma não, que vinha da China, e depois desta huma Galeota; e em tudo quanto podia exercitar o odio que nos tinha, o fazia, pela qual

razão soccorreo com cabos , e soldados a Rainha de Olala , quando se rebelou contra nós , e ao Melique em Chaul ; e não só contra nós , mas contra os mesmos Malabares procedia igualmente ; de sorte que com as muitas riquezas que tinha amontoado na sua Península , se julgava tambem invencivel.

Dava cuidado ao nosso Viso-Rey tão grande potencia , e determinou diminuilla , pera que não engrossasse mais ; mas antes de o pôr por obra , mandou apalpar o animo do Çamorim , a quem enviou a dizer por D. Alvaro de Abranches , Capitão Mór daquelles mares , que aquelle corsario lhe era muito mais prejudicial a elle que aos Portuguezes ; porque sendo seu vassallo , e vivendo em seus Estados , hia levantando huma potencia tão grande , e estava já tão soberbo , que se ainda se não intitulava Rey , ao menos dava mostras disso , servindo-se de todas as insignias reaes : que se assim fosse proseguindo , não tardaria em o fazer , e juntamente em o privar dos proprios Estados , o que seria huma grande perda , e injúria pera hum tão grande Principe qual elle era ; por tanto se conformassem ambos pera derrubarem , destruir , e abater pera sempre aquelle commum inimigo. O Çamorim , que já es-

tava muito affombrado do grande poder, e arrogancia daquelle Mouro, e tendo consideração em todas estas cousas, e folgando ter quem o ajudasse em huma empreza de tanta importancia qual esta era, capitulou novas pazes com o Estado, e assentou, que elle pela terra, e os Portuguezes pelo mar lançassem ao Cunhale fóra daquella Fortaleza, e a puzessem por terra.

Tomado este accordo, entráram de huma, e outra parte a aprestar as cousas necessarias pera esta importante empreza; porém appareceo na India D. Francisco da Gama, Conde de Vidigueira, que como Viso-Rey veio succeder no governo deste Estado a Mathias de Albuquerque, o qual tomou a seu cuidado a empreza por este principiada contra o Cunhale, como em seu lugar veremos.

Foi Mathias de Albuquerque entre os Varões que occupáram este grande cargo de Viso-Rey da India, hum dos mais abalizados, tanto em fortuna, como em valor; tanto em conselho, como em Justiça; e mais que tudo em limpeza de mãos, e delle com verdade se póde dizer, que não roubou, pois deixou em dinheiro no Theouro Real quasi cem mil cruzados, e huma grande cópia de finissima pedraria de Ceilão. Era tão sincero, e amante da ver-

CAPITULO XXXV. 189

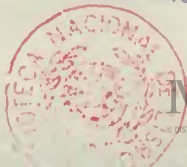
dade, que tinha pera si, que ninguem era capaz de o enganar; porque asientava que nenhum homem era capaz de mentir; mas enganava-se. Era de mediana estatura, coxo de hum pé, mas grande soldado, grande Cavalleiro, e muito bom Christão, cousas que raras vezes se conformam. Dos que governáram a India com o titulo de Viso-Rey foi elle o decimo sexto, e na ordem dos Governadores o trigesimo quarto, o segundo no appellido, e o primeiro no nome.

FIM DA DECADEA UNDECIMA.



2
78464

BIBLIOTECA DO PARTIDO REPUBLICANO
THOME JOSE DE BARROS QUEIROZ

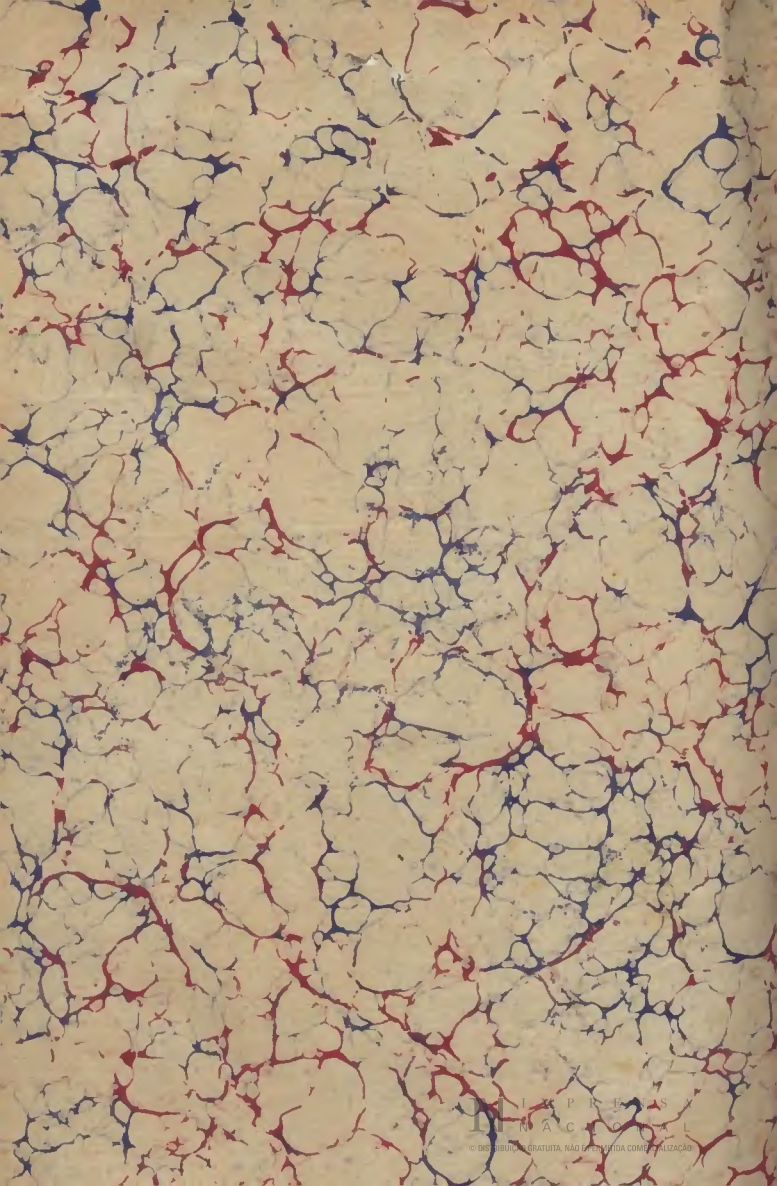


IMPRENSA
NACIONAL

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

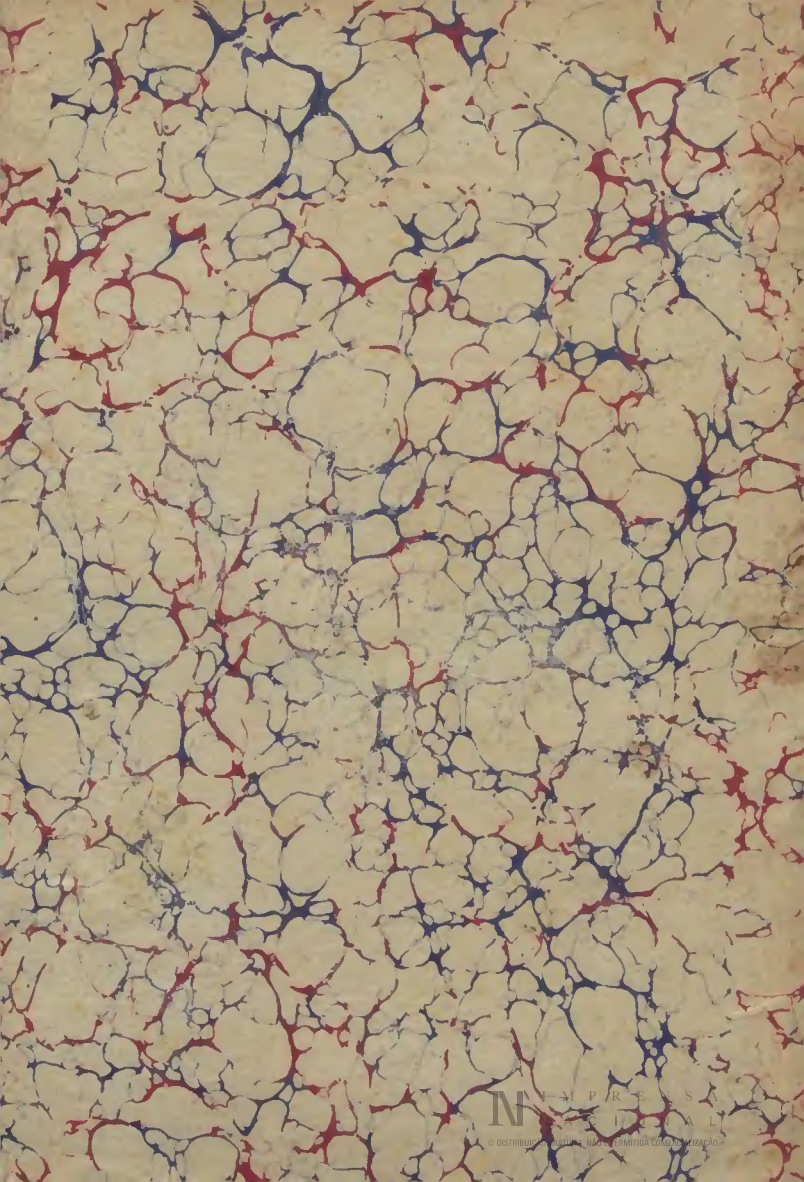
N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO



IMPRESSA
NACIONAL

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA, NÃO É PERMIDA COM A REALIZAÇÃO



MARBLE PAPER

© DISTRIBUIDORA HERMIDA COMERCIALIZAÇÃO

NB



•EFG0000000192•

CA

INTERNATIONAL

© 1992 by International Business Machines Corporation